

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MARCELLE DESTEFFANI MARCELINO

**EXPRESSÕES DA MULTIDÃO:
As narrativas online dos indignados do
Protesto em Vitória**

VITÓRIA

2012

MARCELLE DESTEFFANI MARCELINO

**EXPRESSÕES DA MULTIDÃO:
As narrativas online dos indignados do
Protesto em Vitória**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Malini.

VITÓRIA

2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Malini
Orientador

Prof. Dr. Fabio Gomes Goveia

Prof. Dr^a. Ruth Reis

Vitória, _____ de _____ de 2012.

AGRADECIMENTO

A Deus meus primeiros agradecimentos. Sem a força concedida por Ele nestes anos de faculdade e neste árduo Trabalho de Conclusão de Curso, eu certamente não conseguiria. Foi Ele quem esteve comigo todos os dias, em cada aula, cada orientação, cada choro e cada riso. Foi Ele quem me deu os melhores ensinamentos que eu poderia receber: a paciência quando a vontade era de gritar, a sabedoria quando eram necessárias escolhas, a inteligência quando algum livro ou aula não faziam o menor sentido, a força de vontade quando o que eu queria era desistir. Obrigada por ser tão bondoso e amigo, meu Deus!

Foi Deus também quem me deu a melhor família que eu poderia receber. Pais que sempre me apoiaram financeiramente e, mais do que isso, emocionalmente. Lembro ainda das primeiras semanas na Ufes, ainda cursando Ciências Sociais. Todos os dias ligava para casa chorando de saudade e papai sempre me confortava com palavras que nunca me canso de ouvir: “filha, força porque você não está sozinha. Lembre-se de sempre olhar para o alto”. Obrigada por me encorajar muito, meu herói. Obrigada por cada viagem na boleia do seu caminhão para nos trazer o sustento necessário nesses tantos anos de estrada.

A mamãe, sempre ouvindo minhas infinitas reclamações (e como eu reclamo!), me ajudando a tomar as decisões mais difíceis e as mais fáceis também, me oferecendo seus mais preciosos conselhos, merece muitos obrigadas! Cada ponto da máquina, cada corte da tesoura, cada roupa desmanchada, cada cliente reclamando, busco recompensar com este trabalho e com a conclusão do nosso tão sonhado curso superior. Porque, claro, o mérito não foi somente meu. Papai e mamãe me deram as melhores condições para que eu chegasse até aqui. Muito obrigada!

Como não incluir também o melhor irmão do mundo nessa conquista? Agradeço, João Vitor, por sempre me ouvir, sempre querer me ver crescer, sempre mandar torpedos carinhosos e nunca se esquecer de me dizer: eu te amo! Essas palavras me motivam todos os dias a lutar com mais força e coragem.

Obrigada especial aos meus queridos avós que sempre me recebem com o maior carinho, rezam por mim todos os dias e espalham por aí seu orgulho pela neta jornalista. Suas palavras e lições de vida me impulsionam a querer ser como vocês e me revelam que a verdadeira sabedoria vem mais de Deus do que da universidade.

Obrigada, tio Rondi, por me aconselhar, indicar o caminho e ajudar incessantemente. Todas as vezes em que conversamos eu aprendo alguma lição. Gosto quando me desafia a pensar no que eu quero, no que eu estou fazendo e como conseguirei alcançar meus sonhos.

Obrigada tios e primos por sempre me incentivarem a crescer na vida, por se preocuparem comigo, mesmo que fosse com um simples gesto: perguntando onde eu estava quando meus pais chegavam sozinhos no sítio, porque eu tinha que ficar em Vitória para estudar. É bom saber que faço falta! Rafa, Isa, Dani, Thamy, Thati, Érika, Pri, Aline: vocês são primas sensacionais! Meus dias são mais difíceis longe de vocês, mas obrigada por se fazerem presentes em singelas mensagens no Face e em torpedos.

Maria Luiza e João Davi, meus afilhados, foram os maiores motivadores deste trabalho, ainda que, pela pouca idade, nem imaginem isso. Após a apresentação do TCC é para os braços deles que vou correr. A saudade é grande demais e as obrigações da formatura me impediram de vê-los por quase um ano. Mas saber que no fim de tudo encontraria vocês me deu garra para terminar tudo o quanto antes. Obrigada por existirem!

Carlos, obrigada por me ajudar tanto durante a faculdade e, principalmente, na fase do TCC. Você foi um grande guerreiro aguentando meu estresse, minhas lamentações, meus chororôs. Obrigada pelo companheirismo e dedicação. Obrigada pelos consolos e as caronas. Obrigada pelo seu amor!

Aos amigos Mu, Gabi, Guinho, Ana, Thaís, Thata, Antônio, Allan, Ju, Junin, Bia, Sores, Ti, obrigada por estarem sempre presentes em minha vida e por escutarem intermináveis vezes como andava ou não andava meu TCC. Agora acabou. Que venham os outros, porque virão, na pós, no mestrado, no doutorado, sabe-se lá! Preparem os ouvidos!

Agradeço ainda às companheiras de república que passaram em minha vida. Todas, sem exceção, me ensinaram a conviver com as diferenças e a dividir as coisas, a vida. Mas um obrigada especial a Francine, Mayara e Rafaella, que hoje moram comigo e viram o quanto foi sofrido este trabalho. Obrigada por aguentarem meu mau humor matinal e participarem comigo de boas risadas em meio a tantas histórias polêmicas que me ajudaram a aliviar o cansaço da semana.

Obrigada Grupo de Jovens Dom Bosco, com todos os seus membros! Obrigada por me ajudarem a conhecer mais a Deus e por suprirem um pouco da saudade que sinto de casa. Obrigada pelas orações e palavras de carinho, sempre vibrando com minhas vitórias e dando força nas minhas derrotas.

Meus mestres não poderiam ficar de fora desses agradecimentos. A cada professor, desde a primeira sala de aula, eu faço questão de agradecer aqui. Com certeza todos eles estão neste trabalho com seus valiosos ensinamentos. Obrigada especial aos mestres da Comunicação Social da Ufes que me fizeram amar cada dia mais o Jornalismo. Agradeço ao Fabio Malini, meu orientador, por me abrir muitas portas e me mostrar que a internet vai

muito além dos portais de notícias e das redes sociais. Obrigada, Labic, pelos dois anos e meio de pesquisa, estudo e boas amizades.

Obrigada, Ufes, pela oportunidade de alcançar um sonho: a universidade federal. Obrigada a todos vocês por não me deixarem vencer sozinha! A vitória não teria graça nenhuma sem vocês! Este trabalho é nosso! Amo-os demais!

“Este é um projeto digno da multidão: transformar o estado opressivo de guerra permanente na qual nos encontramos em uma guerra de independência que possa finalmente trazer uma autêntica paz social”.
Antonio Negri

RESUMO

Vitória (ES) foi palco em 2011 e 2012 de muitas manifestações por melhorias no sistema de transporte público e por redução no preço da passagem de ônibus na Grande Vitória. O Protesto em Vitória, como o movimento foi chamado, envolveu diversos grupos, entre eles estudantes secundaristas e universitários, sindicalistas, professores, trabalhadores, anarquistas. Sua principal característica era a não liderança, ou seja, nas manifestações, reuniões e assembleias não existia um “cabeça” a frente, mas todos tinham voz igual e poderiam determinar os rumos do movimento. Durante os protestos, os manifestantes enfrentaram forte repressão da Polícia Militar, resistência do Governo do Estado em ouvi-los e tiveram uma rixa com a imprensa local.

As maiores mobilizações desse grupo aconteceram nos dias 02 e 03 de junho e inauguraram em Vitória uma nova perspectiva do ponto de vista comunicacional. Isso porque os manifestantes produziram uma imensa quantidade de informações sobre seus atos, divulgada pela internet. O turbilhão de acontecimentos da rua foi transportado para a rede e ganhou amplitude tal a ponto de abalar a estrutura de hegemonia da mídia tradicional capixaba na narrativa dos fatos cotidianos.

São as narrativas online do Protesto em Vitória que nos interessam neste trabalho. Nosso objetivo principal é entender como essa multidão conectada se apropriou da comunicação online para reivindicar e divulgar os acontecimentos dos dias de mais intensa luta na rua: 02 e 03 de junho de 2011. Datas em que a cidade de Vitória viu o trânsito completamente parado por diversas horas, a repressão violenta aos manifestantes por parte da polícia e a mobilização com a participação de mais de quatro mil pessoas.

Palavras-chave: Biopoder. Biopolítica. Império. Internet. Multidão. Protesto em Vitória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Comunidade do <i>Orkut</i> Passagem Aumentada Vix Parada.....	49
Figura 2. Vídeo da manifestação na Terceira Ponte.....	50
Figura 3. Cartaz de divulgação do ato.....	51
Figura 4. Conteúdo divulgado por usuário do <i>Twitter</i>	52
Figura 5. Vídeo das primeiras ações do BME no Centro de Vitória.....	53
Figura 6. Sindicalista tenta impedir avanço do Choque.....	54
Figura 7. Declaração de usuário no <i>Twitter</i>	54
Figura 8. Evento do <i>Facebook</i>	55
Figura 9. Relato de usuário no <i>Twitter</i>	55
Figura 10. Efeito das bombas de gás lacrimogênio nos olhos do manifestante.....	56
Figura 11. Canal de Marcos Accioly no Qik para a transmissão ao vivo.....	58
Figura 12. Nota da Administração Central da Ufes.....	59
Figura 13. Postagem de um usuário do <i>Twitter</i>	60
Figura 14. Blog com relato da prisão dos manifestantes.....	61
Figura 15. Convocação de um usuário do <i>Twitter</i>	62
Figura 16. Nota publicada por um usuário do <i>Facebook</i>	63
Figura 17. Depoimento de usuário do <i>Twitter</i>	64
Figura 18. Zine distribuído durante a manifestação.....	65
Figura 19. <i>Mashup</i> do clipe da Banda Mais Bonita da Cidade.....	66
Figura 20. Publicação de usuário do <i>Twitter</i>	66
Figura 21. Manifestantes carregam cartazes na passeata.....	67
Figura 22. Manifestantes interrompem repórter.....	68
Figura 23. Manifestantes ocupam o pedágio da Terceira Ponte.....	69

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Dos primórdios da publicação aos dias de colaboração cidadã	15
1.1 Quando nasce a publicação na rede.....	15
1.2 Web 1.0: começam a surgir os primeiros sites.....	18
1.3 Web 2.0: a publicação chega às mãos dos usuários - dos blogs às mídias sociais.....	21
2. Transformações políticas que fazem agir a multidão	30
2.1 Do capitalismo manufatureiro ao cognitivo.....	30
2.2 Biopoder x Biopolítica.....	36
2.3 Um novo modo de organização da democracia: a multidão.....	43
3. Protesto em Vitória	48
3.1 Antecedentes.....	48
3.2 A grande manifestação.....	52
3.2.1 Cobertura das manifestações.....	56
3.3 No dia seguinte... A manifestação maior ainda.....	63
3.4 Desdobramentos.....	70
4. Conclusão	72
5. Referências bibliográficas	76
6. Anexos	81
6.1 Entrevista com manifestantes.....	81
6.2 Entrevista com Josimar Nunes.....	94
6.3 Entrevista com Gustavo Badaró.....	101
6.4 Entrevista com Francine Spinasse e Eliane Proscholdt.....	113
6.5 Entrevista com Cintia Alves.....	119
6.6 Entrevista com Marcos Aciolly.....	125
6.7 Entrevista com Edmilson dos Santos.....	131

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um ano de pesquisa sobre um movimento que parou as ruas de Vitória em 2011 e 2012: o Protesto em Vitória, uma manifestação de estudantes, militantes, professores, trabalhadores, sindicalistas que lutavam pela redução no preço da passagem de ônibus e por melhorias no transporte público da Grande Vitória. Foram dias e mais dias de intensas lutas nas ruas e na internet, como veremos aqui.

O Protesto em Vitória fez proliferar uma massiva divulgação de conteúdos através da internet. Vídeos, fotos, depoimentos, relatos, notícias foram publicados na rede para divulgar o que acontecia na rua. Pela primeira vez Vitória viu uma grande quantidade de informações chegar à casa das pessoas não só pela via do jornalismo tradicional, mas também por meio da rede em tempo real. Uma multidão de indignados utilizou a web para exibir suas propostas, conchamar mais gente a ir às ruas, marcar reuniões e assembleias, denunciar as mazelas do sistema de transporte público estadual e informar sobre os acontecimentos nos dias de mobilizações *offline*.

Com esses conteúdos, internautas construíram uma extensa narrativa sobre os acontecimentos, especialmente nos dias 02 e 03 de junho de 2011, dias de lutas mais intensas nas ruas de Vitória por conta da repressão que os manifestantes sofreram por parte do Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar, da recusa do governador Renato Casagrande em ouvi-los e da grande quantidade de pessoas participando dos protestos.

É válido ressaltar que a publicação na internet é fruto de um amadurecimento progressivo que começa desde o nascimento dos primeiros computadores. Mas até chegar às mãos do cidadão comum, as ferramentas de publicação passaram por diversas transformações. Para explorar esse contexto, nos baseamos em pensadores da comunicação online como Pierre Lévy, Manuel Castells, Steven Johnson e Tim O'Reilly. Buscaremos também neste trabalho dialogar com autores como Michael Hardt, Antonio Negri, Michel Foucault e Peter Pál Pelbart, para compreender as relações econômicas, políticas e sociais que contribuem para que a comunicação alcance níveis globais. Dessa forma, conceitos como Capitalismo, Império, Multidão, Biopoder e Biopolítica permeiam as linhas aqui escritas.

A metodologia deste trabalho se centrará em três eixos: pesquisa histórica, pesquisa teórica e pesquisa empírica. Inicialmente apresentaremos uma revisão bibliográfica e teórica para conceituar temas fundamentais para a discussão aqui estabelecida. O investimento empírico foi baseado na pesquisa de campo qualitativa, com uma tarefa árdua de recuperação

manual dos conteúdos disponibilizados online pela multidão conectada em torno do Protesto em Vitória. Árdua porque o nascimento deste trabalho só aconteceu meses depois dos acontecimentos de junho de 2011, o impossibilitou a busca dos *tweets* agrupados na *hashtag* #protestoemvitória, por exemplo, que ganhou muita força nos dois dias analisados¹. Por isso, no *Twitter*, optamos por selecionar 18 perfis-chave² de pessoas que publicaram com mais frequência sobre os protestos e capturamos todo o conteúdo divulgado no dia 02 e 03 de junho de 2011. No *Facebook*, observamos as publicações do perfil Protesto GV, controlado pelas comissões do movimento. No *Youtube* buscamos pela palavra-chave ‘Protesto em Vitória’ e agrupamos os principais vídeos no *Storify*³. Pesquisamos as fotos no *Flickr* utilizando a mesma palavra-chave e no *Facebook* em álbuns direcionados pelas publicações no perfil Protesto GV. Através do *Google* tivemos acesso às matérias publicadas em veículos de mídia tradicional da Grande Vitória e aos posts em blogs como ‘Protesto em Vitória’ e ‘Fica vai ter bomba’.

Esse material serviu para reconstruirmos cronologicamente a história dos dois dias que nos interessam neste trabalho, utilizado o método da análise do discurso. O leitor vai, portanto, encontrar no texto fotos, links para conteúdos online, *frames* e relatos de vídeos, *twittes*, publicações no Facebook e outros materiais, que ilustram os passos do movimento. Além disso, para enriquecer ainda mais essa narrativa, realizamos entrevistas com manifestantes que participaram dos protestos na rua e na internet, jornalistas que cobriram os acontecimentos, o coronel da Polícia Militar que esteve no comando da tropa do Batalhão de Missões Especiais e um funcionário do governo do Estado, a fim de identificarmos os mais variados pontos de vista sobre determinados acontecimentos durante aqueles dias. A técnica utilizada foi a da entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. Através da análise do discurso dos entrevistados, escolhemos os fragmentos que ajudaram a compor a narrativa do Protesto em Vitória.

O primeiro capítulo do trabalho centra-se no movimento de divulgação de informações por parte da população na internet. Vamos, então, apresentar a história da publicação online, desde os primórdios do nascimento do computador e da web, até chegar à fase mais madura da rede, a web 2.0, com suas mídias sociais e publicações instantâneas.

¹ O *Twitter* não possui uma armazenagem de conteúdos agrupados em *hashtags* por muito tempo.

² São eles: @amandavaca, @chagasoliveira, @Bruno_GCarneiro, @CacosUfes, @Cena_18, @ProtestoGV, @fabiomalini, @franmilk, @gabriel_tibaldi, @GustavoDeBiase, @jplizoton, @cut_club, @mariozuany, @rsodreh, @ritapaterlini, @nocaixote, @tadeu_guerzet, @barichy.

³ Disponível em: <http://storify.com/marcellemar/protesto-em-vitoria>

As BBS deram o pontapé inicial para o surgimento das primeiras formas de comunicação online. Através delas era possível descarregar e enviar software e dados, ler notícias, trocar mensagens com outras pessoas, participar de fóruns de discussões e de jogos online. Depois, veio a fase da Web 1.0, caracterizada pelos primeiros sites que só permitiam a leitura, pois a publicação e todo o manuseio ficavam por conta dos que entendessem a linguagem HTML (*Hypertext Markup Language*). Na fase mais atual da web, a 2.0, é quando realmente o usuário passa a interagir mais intensamente na rede e publicar seus interesses em blogs e redes sociais. A internet, que antes era domínio exclusivo de cientistas, grandes empresas e hackers, passou à mão do cidadão comum que através do perfil e da *timeline* pode expressar suas ideias.

A evolução da internet acontece concomitantemente à evolução do capitalismo que nasce do trabalho industrial e atinge seu ápice na informatização da produção, quando alguns autores, como Cocco e Vilarim (2009), o descrevem como capitalismo cognitivo, com a substituição da lógica da reprodução fabril pela lógica da inovação nas atividades econômicas. Esse novo modelo econômico coloca em cheque a soberania dos Estados-nação e abre margem para o nascimento do Império, um novo sistema político descentralizado e desterritorializado (HARDT e NEGRI, 2001). O soberano, que detinha o poder de “fazer viver e deixar morrer”, disciplinando a todo o tempo os indivíduos de seu território, passa a se deparar com movimentos de contestação que fazem com que esse poder *sobre* a vida (bipoder), se transforme em potência *da* vida (biopolítica) (PELBART, 2002).

Nesse contexto, emerge um novo modo de organização da democracia: a multidão, um conjunto de singularidades cooperantes, que existe para produzir diferenças, invenções, modos de vida (NEGRI, 2005). A multidão, ao mesmo tempo em que é antidisciplinar, pois resiste ao modelo disciplinador do capitalismo, se caracteriza como força-invenção, capaz de se expressar em todas as direções, proliferando a liberdade.

Portanto, no segundo capítulo, veremos que a web 2.0 proporciona o nascimento de um novo sujeito: a inteligência coletiva, constituída como uma multidão de singularidades produtivas. Ela está inserida na era do capitalismo cognitivo, caracterizado pela capitalização do conhecimento transformado em capital imaterial. Por isso, vamos começar fazendo um resgate histórico sobre as fases do capitalismo, explanar sobre as relações de poder que o permeiam, traçar as linhas históricas dos mecanismos de poder desde a sociedade da soberania até a sociedade do controle e destacar também a contraposição entre dominação e resistência. Por fim, discutiremos sobre a multidão que vive na era do Império.

Essa multidão quer, cada vez mais, fazer valer a sua voz. Para tanto, produz movimentos que deem vazão aos seus anseios, como o Protesto em Vitória. Nosso objetivo principal neste trabalho é compreender como os manifestantes deram voz as suas reivindicações e narraram os fatos que aconteceram nos dias 02 e 03 de junho de 2011 através da internet. Buscaremos verificar se o Protesto em Vitória se caracteriza como mobilização multitudinária, como atua ali a multidão e quais narrativas são produzidas por essa multiplicidade de vozes que age tanto na rua como na rede.

Sendo assim, no terceiro capítulo, vamos reconstruir a história do movimento que começa com o nascimento da comunidade Passagem Aumentada Vix Parada, no *Orkut*, e das primeiras mobilizações nas ruas. Através dos fóruns da comunidade e das matérias publicadas na rede é possível observar como o movimento se configurava para, então, alcançar seu ápice nos acontecimentos do dia 02 e 03 de junho de 2011, momentos em que as publicações no *Facebook* e no *Twitter* nos ajudam a relatar. De minuto a minuto surgiam novas atualizações nas *timelines*, nas páginas dos principais portais de notícia capixaba e nos blogs. Choviam comentários, fotos, textos e vídeos na internet sobre todos os passos do movimento. Essa história será contada através dos conteúdos disponibilizados na rede pelos cidadãos e por entrevistas, as quais se transformaram no texto em depoimentos de todos os “lados” do Protesto em Vitória (imprensa, manifestantes, polícia e governo), para ratificar ou não os conteúdos disponibilizados na internet.

Quem são essas múltiplas vozes comunicativas? Como elas agem nas ruas e na rede? Qual o objetivo da comunicação multitudinária que produzem? Quais os efeitos produzidos pela ampla divulgação de conteúdos online? São algumas das perguntas que norteiam este trabalho.

1. Dos primórdios da publicação aos dias de colaboração cidadã

1.1 Quando nasce a publicação na rede

Um resgate histórico sobre o surgimento da internet faz-se necessário para compreendermos as transformações ocorridas nesse universo antes do surgimento de tantas ferramentas de publicação e divulgação de informações espalhadas pela rede hoje, que são palcos das interações entre novos sujeitos, os quais interferem na narrativa dos acontecimentos e agem politicamente no meio online. Essa história está dividida cronologicamente em três fases: as primeiras publicações nas BBS, a Web 1.0 e a Web 2.0. Inicialmente, vamos adentrar a primeira fase desse processo de construção das narrativas online: o nascimento da internet e das primeiras publicações em rede, nas BBS.

Tudo começou entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, episódios que impulsionaram o nascer da internet. Os primeiros estudos e experimentos que culminaram na grande rede de computadores se desenvolveram no final dos anos de 1950, com o entusiasta Paul Baran, contratado pela *Rand Corporation* para desenvolver um sistema de comunicação que resistisse a ataques nucleares. Dessa forma, Baran determina que a rede precisa se configurar como um modelo distribuído em que cada nó pode ter inúmeras ligações com outros nós. Assim, se algum dos nós fosse destruído, a conexão poderia ser mantida entre outros nós por caminhos alternativos. Mas, para que isso fosse possível, era preciso trocar a tecnologia analógica utilizada até então pela digital. É aí que Paul Baran cria a comutação por pacote, o embrião da internet, que funcionaria da seguinte forma: uma informação nunca circularia completa na rede, ela seria cortada previamente em pedaços enviados por caminhos (nós) distintos. Cada um desses pedaços estaria dentro de um pacote que conteria o endereço do emissor e do receptor, o número da ordem do pacote e o conteúdo da mensagem. Dessa forma, o computador que recebesse a informação a reconstruiria. Porém, essa inovadora proposta não encontrou nenhum investidor na época e precisou ser arquivada.

Foi com a ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) que a internet realmente ganhou vida. O centro de pesquisas norte-americano foi criado em outubro de 1957 pelo presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, que temia o avanço tecnológico da Rússia. Embora financiado pelas forças armadas do EUA, a ARPA tinha total autonomia em seus projetos. A comunicação interativa entre computadores e a transmissão de dados entre eles era ainda um desafio a ser superado. Foi quando entrou em cena Joseph Licklider,

psicólogo especialista em computadores de reputação internacional, contratado pela ARPA e criador do IPTO (*Information Processing Techniques Office*). Mas foi seu sucessor, o também psicólogo Robert Taylor, quem iniciou o financiamento da primeira rede de computadores, em 1965. Uma tarefa nada fácil. Já existiam redes de computadores desenvolvidas pelos fabricantes, mas cada um deles impunha suas normas e utilizava linguagens de comunicação incompatíveis com os restantes. A rede a nascer deveria oferecer confiança a seus utilizadores, com as mensagens chegando intactas aos receptores mesmo que existissem acidentes no percurso. Por isso, a comutação por pacote de Paul Baran, que tem como base a comunicação distribuída, foi ressuscitada pela ARPA. Se a mensagem encontrasse qualquer problema no caminho poderia seguir por outro nó e chegar segura ao receptor. A rede criada foi, então, chamada de Arpanet.

Em 1983, a Arpanet foi dividida em Milnet (uma rede mais fechada voltada para ações militares) e Arpa-Internet (dedicada à pesquisa acadêmica). Em 1990, foi colocada aos cuidados da *National Science Foundation* e renomeada de NSFNET. Em 1995, a NSFNET foi extinta, possibilitando a operacionalização privada da internet e o surgimento de novas redes.

É a partir da comunicação da Arpanet com essas outras redes que nasce a Internet, formando uma rede de redes. Inicialmente, ela tentou se conectar a outras redes da ARPA. Depois, tentou-se ligá-la a outras redes de pesquisa na Europa. Mas para isso seria preciso unificar a linguagem com a qual os computadores se comunicariam, ou seja, era preciso criar um protocolo padrão. Nasce o TCP/IP (*Transmission Control Protocol e Internet Protocol*). A partir desse momento foi possível interconectar redes diversas de computadores. A comunicação se limitava ao compartilhamento de arquivos através de programação com informações que ajudaram no desenvolvimento e aprimoramento da internet.

Paralelamente à Arpanet outras redes de computadores foram criadas fora do regime militar. As BBS (*Bulletin Board Systems*), que permitiam a transferência de arquivos entre computadores pessoais, nasceram, por exemplo, no fim da década de 70. Esse tipo de rede funcionava com softwares gratuitos, geralmente idealizados por hackers e liberados para o domínio público. Dessa forma, foi possível configurar a Fidonet, uma rede que interligava as redes BBS, uma das primeiras comunidades virtuais.

As BBS proporcionavam a distribuição de softwares, aplicativos e informações e eram utilizadas basicamente por empresas que precisavam interagir com seus funcionários externos. Através delas era possível descarregar e enviar software e dados, ler notícias, trocar mensagens com outras pessoas, participar de fóruns de discussões e de jogos online. Nascia, então, a primeira forma de comunicação online.

Três princípios foram decisivos para a emergência da internet: a verba significativa de financiamento liberada pelos governos para os centros de pesquisa (princípio tecnológico); o contexto político armamentista da Guerra Fria (princípio político) e a reminiscência libertária dos estudantes e pesquisadores da década de 1960 (princípio social), que adotaram a interconexão de computadores como instrumento da livre comunicação, de manifestações políticas e de libertação tanto de governos como de corporações.

Manuel Castells (2003) ressalta que quatro culturas foram primordiais para o surgimento e a consolidação da internet: a tecnomeritocrática, a hacker, a comunitária virtual e a empresarial, culturas que até hoje influenciam nas transformações da rede.

A cultura tecnomeritocrática é a da excelência científica e tecnológica, advinda da *Big Science* e do mundo acadêmico, que acredita no progresso dos seres humanos através do conhecimento. A inovação provém, então, das universidades que investem em pesquisa e conhecimento para entender e contribuir com o aprimoramento da tecnologia.

A cultura hacker fomenta inovações tecnológicas mediante a cooperação e a comunicação livre. Os hackers têm autonomia nos projetos em relação às atribuições de tarefas por instituições ou corporações e utilizam a interconexão de computadores como a base material e tecnológica dessa autonomia institucional. A liberdade é seu valor fundamental inaugurando uma cultura de convergência entre seres humanos e suas máquinas, num processo de interação liberta. É uma cultura de criatividade intelectual fundada na cooperação, na reciprocidade e na informalidade. “A rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita de software e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers” (CASTELLS, 2003, p. 25).

A cultura das comunidades virtuais ou cultura do usuário é responsável por criar fontes de valores que moldam comportamentos e a organização social. No princípio da internet, as pessoas que participavam dessas comunidades desenvolveram e difundiram formas e usos da rede. A troca e os fluxos de conteúdos entre os participantes acontecem numa via de mão dupla, que permite o aprimoramento da internet. Seus principais valores são a comunicação livre e horizontal e a formação autônoma de redes de interesse.

A cultura empresarial tem a capacidade de transformar o *know-how* tecnológico e a visão comercial em valor financeiro, depois embolsar parte deste valor para tornar a visão uma realidade, investindo em novas ideias. É ela quem alimenta a inovação, molda-a e a ajusta à imagem do mercado.

A cultura da internet é feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia. (CASTELLS, 2003, p.53)

1.2 Web 1.0: começam a surgir os primeiros sites

Até a década de 70 não existiam computadores pessoais. Os *mainframes*, computadores enormes que ocupavam uma sala inteira, reinavam absolutos. Além das BBS, os computadores pessoais ajudaram a criar a possibilidade de participação na rede mundial de computadores aos mais diferentes e inexperientes usuários.

Conforme destaca Pierre Lévy (1993), o *Silicon Valley*⁴ possuía uma variedade de componentes eletrônicos e artefatos informáticos e era onde se encontravam implantadas grandes empresas como a *NASA*, a *Hewlett-Packard*, a *Atari* e a *Intel*. Então, o cenário da região era povoado de engenheiros, empregados nas corporações, que passavam seus finais de semana ajudando voluntariamente os jovens fanáticos por eletrônica a fazer bricolagem com os equipamentos disponíveis nas famosas garagens das casas californianas.

Construir seu próprio computador a partir de circuitos de segunda mão era um dos objetivos daqueles rapazes. No entender de Lemos (2004), o que acontecia naquela região era mais do que isso. Configurava-se como uma mobilização social e uma espécie de guerrilha hacker contra a “informática *mainstream*”, uma informática centralizada em pressupostos militares, tecnicoburocráticos e industriais.

Entre os jovens empreendedores estava Ed Roberts, que inventou o *Altair* – em 1975 – um computador de pequena escala com um microprocessador, vendido em peças separadas e cuja primeira versão vinha sem monitor nem teclado. Entra em cena, então, em 1976, Steve Jobs e Steve Wozniac, os inventores do *Apple 1*, o primeiro computador a ser comercializado todo montado. Um ano depois, eles criam o *Apple 2* já com gráficos e disquetes, ainda que fonte, gabinete e os componentes periféricos⁵ fossem tratados como fonte de atração ou de publicidade para fazer com que as pessoas utilizassem os circuitos e não vinham incorporados ao computador.

⁴ Condado de Santa Clara, na Califórnia, que fica a 48 km ao sul de San Francisco, entre Stanford e San Jose, nos Estados Unidos.

⁵ Mouse, teclado e monitor, por exemplo.

O microcomputador fora composto por interfaces sucessivas, em um processo de pesquisa cega, no qual foram negociados, aos poucos, acessos a redes cada vez mais vastas, até que um limite fosse rompido e a conexão fosse estabelecida com os circuitos sociotécnicos da educação e do escritório. Simultaneamente, estes mesmos circuitos começaram a se redefinir em função da nova máquina. A “revolução da informática” havia começado. (LÉVY, 1993, p.48)

Em 1981, a *IBM* reage ao sucesso da *Apple Computers* e lança sua versão do microprocessador com o nome de *Personal Computer* (PC), o Computador Pessoal. As pessoas começavam a comprar seus primeiros computadores.

No início dos anos 90, o programador inglês Tim Berners-Lee trabalhava no desenvolvimento de um sistema de gerenciamento de informação online, no qual o texto poderia conter links e referências para outros trabalhos, permitindo ao leitor ir de um documento a outro em um clique. Foi quando ele criou um serviço para publicar esse tipo de documento (chamado de hipertexto) e um programa para lê-lo, a *World Wide Web*⁶ (www).

A www permitiu a transformação da linguagem numérica de zeros e uns em endereços nominais e, com isso, a criação de páginas Web. O que se limitava apenas a troca de dados de cientistas começaria a se configurar na complexidade da Web que conhecemos hoje. Nascia, então, o hipertexto, que oferece a possibilidade de múltiplos conteúdos de diferentes formatos interagirem em uma mesma página. “Berners-Lee interligou todo o conjunto de documentos que já tinham sido criados na Net, mas quis dar um novo passo em frente: pretendia que fosse possível publicar na Web, não apenas ler o que lá estava” (GILLMOR, 2005, p. 31).

Com pensamento colaborativo, Berners-Lee decidiu deixar a sua criação para o domínio público. Como não registrou a patente, novas invenções puderam se agregar ao HTML (*Hypertext Markup Language*), uma tecnologia *Open Source* (Código Aberto). Qualquer pessoa pode ter acesso a seu código fonte e modificá-lo propondo melhorias. E mais, com a criação da www, nasce o primeiro embrião de possibilidade de publicação e compartilhamento de informação na rede.

(...) talvez a verdadeira revolução desencadeada pelo HTML seja a democratização do design de interface. A tarefa de imaginar a informação não vai mais ser apanágio dos sumo-sacerdotes da programação; qualquer pessoa moderadamente à vontade com um computador será capaz de inventar seus próprios espaços-informação e de partilhá-los com amigos ou colegas. A partir desse sistema mais aberto, surgirá uma legítima vanguarda da interface. (JOHNSON, 2001, p.163).

⁶ É um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet.

Na Web 1.0 o usuário ainda não podia interagir com a página, só o webmaster ou o programador podiam fazer alterações ou atualizações, porque era preciso conhecer a linguagem HTML. Todo o conteúdo dos primeiros sites era estático, permitindo somente a leitura. Não era possível fazer comentário, enviar imagens, compartilhar arquivos, por exemplo. A rede era apenas uma plataforma de conteúdos.

Os primeiros sites⁷ privilegiavam o conteúdo e não a forma. Ainda não era possível publicar imagens, as publicações eram todas em texto e links, portanto, a interação dos usuários se limitava a ler ou imprimir os textos e clicar em links que direcionavam para outros documentos. Eles foram criados por cientistas que desejavam compartilhar suas ideias com outros cientistas. Existia ainda a limitação imposta por modems lentos e monitores monocromáticos. Os textos eram estáticos e lineares, apresentados sempre de cima para baixo e da esquerda para a direita. Era muito comum o uso de saltos de linhas, marcadores e linhas horizontais como recursos para separar parágrafos.

Em 1991, o Centro Nacional de Aplicações de Supercomputação (NCSA) lançou o *Mosaic*, primeiro navegador www a rodar no *Windows*, o que abriu a Web para o público em geral. Somente em 1991 o Brasil realiza a primeira conexão com a internet, a uma velocidade de 4.800 bits. Nessa época, apenas instituições educacionais e de pesquisa e órgãos do governo tinham acesso à internet. As atividades online se concentravam em fóruns de debates, acesso a bases de dados nacionais e internacionais e a supercomputadores de outros países, além da transferência de arquivos e softwares.

Apenas em 1993 ocorreu a primeira conexão de 64 kbps à longa distância no Brasil, estabelecida entre São Paulo e Porto Alegre. Em 1994, estudantes da USP criavam centenas de páginas na internet. No ano seguinte, os ministérios das Comunicações e da Ciência e Tecnologia deram luz à figura do provedor de acesso privado à internet e liberaram a operação comercial no Brasil. No ano seguinte, muitos provedores começaram a vender assinaturas de acesso à rede.

A *Sun Microsystems* criou o *Java* que, interagindo junto aos comandos HTML, fez com que as páginas ganhassem animações, jogos complexos, pesquisas em tempo-real e a execução de programas remotamente. Os sites começavam, então, a evoluir com o surgimento dos ícones, imagens de fundo, botões com bordas, tabelas e gráficos mapeados. A estrutura deixa de ser linear para se configurar de forma hierárquica, quase sempre através de menus com vários níveis.

⁷ Primeiro site: <http://www.w3.org/History/19921103-hypertext/hypertext/WWW/TheProject.html>

1.3 Web 2.0: a publicação chega às mãos dos usuários - dos blogs às mídias sociais

O estouro da bolha das empresas ponto com⁸ em 2001, fez com que a web sofresse uma transformação. Alguns falavam que ela tinha recebido uma publicidade exagerada, mas Tim O'Reilly (2005) defende que bolhas e reorganizações acontecem em todas as revoluções tecnológicas. Para o autor, essas crises assinalam o momento em que uma nova tecnologia ascende, nesse caso, a Web 2.0⁹. Este conceito nasceu em uma conferência de *brainstorming* entre as companhias O'Reilly e a MediaLive International. Dale Dougherty, vice-presidente da O'Reilly, notou que, ao contrário de haver explodido, a web estava mais importante do que nunca, apresentando instigantes aplicações novas e sites eclodindo com surpreendente regularidade.

A Web 2.0 é a Web dos blogs, dos wikis e das mídias sociais, que marcam o amadurecimento no uso do potencial colaborativo da internet. Uma parte essencial dela visa tirar partido da inteligência coletiva, o que dia a dia vai transformando-a em uma espécie de cérebro global. A rede passa a ser utilizada de maneira colaborativa, o conhecimento é compartilhado coletivamente e de forma descentralizada de autoridade. A Web 2.0 nasce do surgimento de interfaces ricas e fáceis de usar, da disponibilização gratuita dos sistemas, da incorporação de novos aplicativos aos sites, dos softwares que criam comunidades de pessoas que se interessam por um mesmo assunto. Dessa forma, o sucesso das ferramentas online passa a ser definido pela participação dos seus utilizadores, que agora podem torná-las cada vez melhor. A publicação de informações online não é feita mais somente por quem domina a linguagem HTML.

A filosofia da Web 2.0 prima pela facilidade na publicação e rapidez no armazenamento de textos e ficheiros, ou seja, tem como principal objectivo tornar a web um ambiente social e acessível a todos os utilizadores, um espaço onde cada um selecciona e controla a informação de acordo com as suas necessidades e interesses (COUTINHO, BOTTENTUIT JÚNIOR, 2007, p. 200).

⁸ A bolha, segundo Prado (2011), foi a precipitação de um otimismo exagerado em curto espaço de tempo em relação ao modelo de negócios que surgia quando a internet deixou de ser uma mera plataforma para transpor o impresso na rede. Foi uma bolha especulativa caracterizada pela forte alta nas ações das novas empresas de tecnologia e de informação baseadas na internet.

⁹ “Pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro” (O'REILLY, 2005, p. 2).

Os projetos da ARPA somados às experimentações tecnológicas produzidas nas garagens do *Silicon Valley* por seletos grupos de hackers, todas em código aberto, possibilitaram que a internet de página em página, de nó em nó, fosse se complexificando. Para organizar toda a informação que estava sendo produzida nessa selva digital foi necessário que desbravadores entrassem em ação. Os blogs¹⁰ foram os principais cenários de ação deles, surgindo como páginas indicadoras de links, as quais apontavam para sites existentes no universo online, e depois se transformando em verdadeiros mundos hipertextuais sobre os mais diversos assuntos. Era a primeira possibilidade de publicação de informação por usuários na internet.

Definir uma data e um nome precisos para o primeiro blog na internet é tarefa complexa, não por questão de registro, afinal a internet, que cresce página por página, já foi um dia muito pequena e, portanto, fácil de mapear e identificar seus novos nós. Mas datar e nomear a origem do blog significa apontar com precisão o momento em que surge uma nova forma de se expressar, de se relacionar e, principalmente, de se comunicar (Waichert, 2008).

Há aqueles que consideram que o primeiro blog surgiu em 1992 e chamava-se *What's New in '92*, criado pelo fundador da Web, Tim Berners-Lee (Amaral, Recuero, Montardo, 2009). No espaço, ele registrava a evolução de seu projeto e suas pesquisas. Outros autores apontam blogs diferentes como o pioneiro na rede. Dan Gillmor (2005) indica o *Justin's Links from the Underground*, de Justin Hall, do ano de 1993, como o progenitor dos blogs. Na página, Justin publicava relatos de sua vida pessoal, como o suicídio do pai e suas aventuras amorosas. Juan Varela (2007) aponta Dave Winer, mentor do blog *24 Horas para a Democracia*, de 1996, como o primeiro blogueiro da história.

O modelo dos primeiros blogs era de atualização de links e não de criação de conteúdos próprios. De acordo com Malini (2008), as páginas pessoais são chamadas nessa fase de blogs filtros, inaugurando a lei “blogueiro linka blogueiro”. Eles escreviam comentários breves em suas páginas, com direcionamentos para outros sítios interessantes na Web, sem um mecanismo de conversação com os usuários, como os comentários, por exemplo. Era uma linguagem hipertextualizada, tendo o *post-link*¹¹ como gênero narrativo

¹⁰ Hoje, dificilmente, você não reconheceria um blog no exato momento em que acessa sua página na Web. Postagens organizadas em ordem cronológica inversa, como blocos de textos permanentemente renováveis, posts com vídeos e fotos, linkagens, comentários de leitores, *blogroll* lateral com os blogs parceiros ou de interesse do dono da página, são as principais características que nos fazem logo saber que aquele endereço trata-se de um blog. O conjunto deles é a blogosfera, denominação criada por Willian Quick em 2011, com a popularização das páginas pessoais.

¹¹ Publicações com muitos links direcionando para outros blogs.

imperante, que está bastante associada à cultura hacker de troca de informações. Até 1998, existia um total de 23 blogs, segundo Cameron Barret¹².

A grande alavanca para os blogs foram as ferramentas de publicação criadas a partir de 1999 (Amaral, Recuero, Montardo, 2009). Neste ano, a Pitas lançou a primeira ferramenta de manutenção de sites via Web, seguida pela *Pyra*, com o *Blogger*, na qual os textos ficam arquivados para serem recuperados ou modificados a qualquer instante. Esses sistemas proporcionaram mais facilidade na publicação e na manutenção de sites e foram rapidamente adotados pelos internautas. Além disso, a agregação da ferramenta de comentários popularizou essas ferramentas.

Com esses instrumentos, ficou mais fácil publicar na Web. A liberdade de expressão possibilitada pela interface simples do *Blogger* impulsionou o crescimento da quantidade de blogs e o surgimento de uma nova linguagem na Web, a dos blogs-diários, espaços de expressão de sentimentos, pensamentos e experiências pessoais. Os diários íntimos, antes desenrolados no papel e sinônimos de segredo da intimidade individual, são transportados para a internet para serem vistos pela maior quantidade de pessoas possível. Esses blogs são chamados por Guy Debord, como cita Paula Sibilia (2008), de confessionais, realizando operações de congelamento do tempo. Tudo ocorre como se cada post fosse a fotografia de um momento da vida do blogueiro, para ser afixada na imensa janela virtual de alcance global, a internet.

Dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real, os fatos reais são relatados por um eu real através de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta. Às vezes esses textos são complementados com fotografias, sons ou imagens de vídeo transmitidas ao vivo e sem interrupção. É assim como se desdobra, nas telas interconectadas pelas redes digitais, todo o fascínio da vida como ela é. E também, com excessiva frequência, não deixa de se exibir em primeiro plano toda a irrelevância dessa vida real. (SIBILIA, 2008, p. 70).

Os blogs-diários inauguram na Web a escrita mais leve e a possibilidade de conversação entre os usuários. Em seu entorno, nasce uma comunidade de leitores e segundo Malini (2008), o público passa a bisbilhotar os blogs para observar que a memória do outro também está composta na sua. E ao ser provocado pelos comentários da audiência, o blogueiro ressignifica a própria vida. De um post nasce a conversação na rede que é utilizada para que o usuário firme, revele ou altere ideias já enraizadas sobre determinados assuntos. Isso mostra que os diários online produzem a autorreflexão e a reflexão coletiva.

¹² A lista está disponível em: <http://camworld.org/sites/index.html>

Com a popularização dos sistemas de publicação, emergem no ciberespaço¹³ blogs sobre os mais variados temas: moda, comportamento, culinária, política, atualidades, religião, vida pessoal, literatura, ciência e muitos outros. Mas é o atentado ao *World Trade Center* que potencializa o surgimento de blogs na rede e demonstra o início do poder da internet como fonte de informação.

Os principais portais de notícias do mundo, no dia do atentado, alcançaram índices de acesso bastante elevados e por conta do excesso de tráfego era impossível conseguir informação através deles. A saída foi optar pela TV e pelos blogs. A primeira produzia a leitura das imagens ao vivo, mas o que a população precisava mesmo só os blogs poderiam oferecer: notícias sobre familiares e amigos que estavam próximos ao local da tragédia naquele dia.

Inicia-se, então, uma nova fase na blogosfera: a informativa. Os blogueiros passam a disponibilizar narrativas testemunhais numa edição em estado bruto e fundam a comunicação colaborativa. Segundo Jon Katz, dono do blog *Slashdot*, que ganhou grande destaque pelo serviço de informação pública que prestou na época do atentado, o evento inaugurava a hegemonia da internet sobre os demais veículos de comunicação¹⁴. Os relatos online de sobreviventes e de testemunhas oculares se transformaram em excepcionais arquivos da tragédia global, que não eram noticiados por outras mídias. A partir daí, a internet passou a ocupar, cada vez mais, o centro da produção de notícias sobre grandes acontecimentos. “A revolução está, hoje, centrada no choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público”. (SHIRKY, 2011, p.50).

O 11 de setembro também possibilitou aos blogueiros o início da busca pela audiência. Como discorre Waichert (2008), eles passam a pensar como mídia, na medida em que lançam múltiplas narrativas sobre os acontecimentos da época, principalmente as guerras desencadeadas pelo atentado (do Afeganistão em 2001 e do Iraque em 2003), – e daí surgem os *warblogs* – com o intuito de popularizar suas páginas com informações que, na maior parte das vezes, não estava na pauta da mídia tradicional.

Derrick De Kerckhove (2006)¹⁵ caracteriza a internet em três grandes momentos, para além, naturalmente, da sua criação. O primeiro deles é a invenção do navegador *Mosaic*, que

¹³ Pierre Lévy definiu Ciberespaço como “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”. (Lévy, p.126, 1999).

¹⁴ Ver em: <http://slashdot.org/story/01/10/05/1643224/Net-Now-Our-Most-Serious-News-Medium>.

¹⁵ Kerckhove, Derrick De. Prefácio ao livro *Geração Blogue*, de Giuseppe Granieri (2006).

fez da *World Wide Web* atrativa para um leque vasto de pessoas. O segundo, a chegada do Yahoo!, “que introduziu uma nova geração de instrumentos de navegação indispensáveis, depois mais desenvolvidos no *Google*”. E o terceiro momento foi o advento dos blogs, a entidade mais madura da Web, diz o autor. Mais do que qualquer definição simplista que os associa a um site íntimo de um autor, os blogs representam, para Kerckhove, uma nova tecnopsicologia, um espaço de reflexão compartilhada. De acordo com o autor, a blogosfera é uma rede de interações intelectuais diretas e navegáveis, resultado da contribuição aberta, gratuita e verificável das pessoas sobre assuntos de interesse geral e em tempo quase real. Essas conexões são a base dos blogs, que crescem e se desenvolvem com o uso.

Os blogs expressam a cultura colaborativa e o poder dos links que demarcarão a *net culture* após o estouro da bolha da nova economia. Trata-se de um novo espaço de resistência combinado com um fenômeno maior: o fato de que mídias – com certo poder na formação da opinião pública – passaram a ser construídas pelos próprios usuários conectados em rede – inaugurando algo que Dan Gilmore chamou de jornalismo cidadão (*civic journalism*).

Como pudemos observar, a internet possibilitou que a troca de informações, que antes acontecia de um para um com o telefone, as cartas e o telégrafo, por exemplo, ou de um para muitos, com os livros, os jornais, o rádio e a televisão, passasse a acontecer de muitos para muitos. O que faz parte da lógica *Peer-to-Peer* (ponto a ponto), conceito de Michel Bauwens (2005) defendendo que esse tipo de rede possibilita que diversos computadores se conectem entre si, sem que nenhum deles tenha um papel fixo de cliente ou de servidor, mas todos sejam considerados de nível igualitário. Os processos P2P ocorrem em redes distribuídas, sem necessariamente existirem centros, porém, isso não significa que não haja uma hierarquia no fluxo de informação. Ela existe como forma flexível, baseada no mérito gerado para fomentar a participação.

Essa lógica é concernente à lógica das mídias sociais, que começam a surgir na internet em 2003, com o *MySpace*¹⁶. *Orkut*, *Facebook*, *Audiocast*, *Youtube*, *Twitter* e tantas outras, nascem posteriormente e criam novas formas de mobilização e organização, alterando a dinâmica de interação entre as pessoas. A informação que antes era hierarquizada de forma vertical, com um veículo falando para a massa, passa a se configurar de forma horizontal, na qual os internautas compartilham informações transversalmente entre si.

Foi inaugurada a era dos perfis, que se configuram em *timelines* (linhas do tempo), as quais funcionam como um sistema cronológico de divulgação de informações. Os perfis

¹⁶ <http://br.myspace.com/>

permitem que a conversação entre as pessoas gere agrupamentos em torno de determinados temas. As *hashtags* do *Twitter* são exemplo disso, pois agrupam os internautas que falam sobre certo assunto com uma palavra-chave. Quando algo é muito comentado aparece nos *Trending Topics*, que agrega todos os comentários sobre o mesmo tema, feitos na ferramenta naquele momento.

A era dos perfis é marcada também pela dualidade: predadores *versus* colaboradores, como defende Bruno Latour (2006). Os primeiros só estão interessados em usar seus dados para proveito próprio, sem gerar valor para o grupo, mas os segundos agregam valor à coletividade, o que faz com que, por meio do reconhecimento, impacte positivamente na reputação do usuário. É o que acontece nas Redes Sociais da Internet (RSIs). A troca de informação é o que as faz existir enquanto plataforma que abriga múltiplas narrativas. A temporalidade *always on* (sempre conectado), faz com que nesse universo predomine a informação instantânea, ou seja, a que se desenrola agora, na medida em que as pessoas perdem o interesse pelo fato que aconteceu dois minutos atrás.

(...) a finalidade das RSIs é prioritariamente a de promover e exacerbar a comunicação, a troca de informação e o compartilhamento de vozes e discursos, o que vem comprovar que, se a meta dos organismos vivos é se preservar (o organismo quer perdurar) e se o desejo humano é ser desejado por outro ser humano, aquilo que o ser humano quer é, sobretudo, se comunicar, não importa quando, como, para quais fins. As RSIs estão demonstrando que o humano quer se comunicar com a finalidade pura e simples de se comunicar, estar junto. (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 50)

O surgimento dos dispositivos móveis conectados à internet, celulares e *tablets*, principalmente, contribuíram para a publicação dos acontecimentos em tempo real. As ferramentas de publicação precisaram reestruturar suas interfaces, por causa do reduzido tamanho da tela, e criaram, então, o *microblogging*, com postagens rápidas, 140 caracteres no caso do *Twitter*, e instantâneas. O fluxo de informações ali é algo vivo, pois permanece em movimento constante (SANTAELLA E LEMOS, 2010).

Especialmente com o surgimento dos blogs e das mídias sociais, a colaboração online permitiu que o telespectador/leitor/consumidor passivo de notícias se transformasse em um produtor, que começa também a narrar os acontecimentos e distribuir essas informações na rede. Um novo sujeito se apropria das ferramentas online de publicação com cada vez mais conhecimento e assim contribui com o abalo da hegemonia da imprensa tradicional na narração dos fatos.

Muitos autores buscam conceituar essa nova subjetividade que emerge da internet. Rheingold (2004) denomina de “*smart mobs*” (multidões inteligentes), uma epidemia colaborativa, na qual participantes vão envolvendo não participantes e que, quanto mais cresce, mais inteligente se torna. Johnson (2001) chama de “coletividade inteligente”, que são complexos sistemas adaptativos com comportamento emergente¹⁷. Essa coletividade inteligente coloca em ação mentes sociais distributivas as quais possuem como características principais a ausência de líder, o pensamento descentralizado e a auto-organização através de sistemas *botton-up* (conhecimento a partir de baixo).

Latour (2006) nomeia de “ator-rede”. Cabe aos atores fazerem conexões e alianças com novos elementos de uma rede e, com isso, serem capazes de redefinir e transformar os componentes dessa rede. Gillmor (2005) batiza de “mídia cidadã” ou mais recentemente de “midiativismo”. Para ele, a Web proporcionou às pessoas o acesso a diferentes tipos de mídias e o jornalismo, que tinha um papel unidirecional na divulgação dos fatos, transmuta para o multidirecional, já que o cidadão possui novas ferramentas de publicação e interação, e a partir delas vira um também um construtor de notícias. “Todos nós somos repórteres em nossa vida diária, quando se trata de coisas que nos são importantes¹⁸”. Pierre Lévy (1998) destaca como “inteligência coletiva”. “É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy, 1998, p. 28). A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas.

Segundo Clay Shirky (2010), falar online é publicar e publicar online é ligar-se a outros. Sempre que a capacidade de um grupo para se comunicar melhora, alteram-se as coisas que esse grupo é capaz de fazer. A partilha de informação não é uma novidade. Antes do e-mail, dos blogs e das mídias sociais as pessoas se reuniam nos cafés e nas praças para comentar as notícias do dia a dia, mas as novas ferramentas possibilitaram a ampliação desse tipo de comportamento, que se dá, agora, através da rede.

O novo sujeito reproduz, hoje, o processo de colaboração dos primeiros cientistas e pesquisadores da internet que pensaram na comunicação mediada por computador como uma forma de compartilhar conhecimentos dentro de um espaço virtual único: a câmara dos

¹⁷ Para serem emergentes, esses tipos de sistemas precisam que as interações locais resultem em algum tipo de macro comportamento observável. A comunicação se estabelece entre a vizinhança a fim de desestabilizar as estruturas e fazer com que os sujeitos ajam em prol da resolução de algum problema.

¹⁸ Fala de Dan Gillmor em um debate, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/39744370/O-surgimento-da-midia-cidada>

comuns intelectual. Dessa forma, esses novos sujeitos incorporam o processo participativo de criatividade interativa em suas formas de expressão. (LIMA et al, 2009).

A produção colaborativa é um processo de criação coletiva, no qual a hierarquização e as ordens de comando centralizadas não são incentivadas nem exercidas e a informação não possui um caráter único, ou seja, pode ser alterada por todos que com ela tenham contato. Ela pode ser considerada, ainda, como produção social, já que no novo modelo econômico (o do capitalismo cognitivo, que será descrito no segundo capítulo deste trabalho) a geração de riqueza está baseada em uma rede interconectada da informação, em que a produção pode ser feita de forma não coordenada e com a participação do consumidor na produção e co-criação de produtos e serviços (LIMA et al, 2009 apud BENKLER, 2006).

A lógica da mídia digital permite que “Pessoas Antes Conhecidas Como Espectadoras” (conceito de Jay Rosen) agreguem valor umas às outras todos os dias. As novas tecnologias foram responsáveis por uma revolução do compartilhamento, centrada no choque da inclusão de amadores como produtores, em que não se precisa mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para comunicar.

Através da produção colaborativa na internet, o novo sujeito adquire um poder que vai abalar as estruturas da hegemonia da imprensa tradicional na narrativa dos fatos. Conforme explica Shirky (2010), há pouco tempo as notícias significavam duas coisas: eventos dignos de interesse jornalístico ou eventos que tinham cobertura por parte da imprensa. Dessa forma, o que ditava o que era notícia ou não, era o juízo de valor de um único profissional: o jornalista. O autor, em *Here Comes Everybody*¹⁹, fazia uma previsão de que no futuro as notícias poderiam introduzir-se no domínio público sem o parecer da imprensa tradicional. Acontece que o futuro já chegou. Hoje, o público também produz informação e as divulga através, principalmente, das ferramentas online de publicação. E não é só isso. Os cidadãos também pautam a mídia tradicional com as informações que divulgam e por ela são pautados.

Shirky (idem) sugere que a mesma ideia publicada em muitos lugares pode ter um efeito amplificador maior que o veredito de um pequeno conjunto de jornalistas profissionais. O que muda não é um tipo de instituição noticiosa para outro. Muda é a própria definição de notícia, como uma prerrogativa institucional, para uma parte de um ecossistema de comunicações constituído por uma miscelânea de instituições formais, associações informais e indivíduos (SHIRKY, 2010).

A prática dos publicadores online, Clay Shirky (2010) denomina de *atos de jornalismo*. O que as pessoas produzem não diz respeito a conteúdo criado para o consumo

¹⁹ Título em português: Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações.

geral, para um grande público. Muita informação publicada nas redes sociais, por exemplo, é mexerico ou pensamentos em voz alta. Porém, isso é disponibilizado em locais nos quais também encontramos conteúdos profissionais. O autor defende que a maior parte do conteúdo gerado por usuários é direcionada para um pequeno grupo, mas estamos tão acostumados à mistura de mídia de transmissão (um para muitos, como a TV ou o rádio) e de mídia de comunicação (um para um, como o telefone), que pensamos que todo o mundo está falando para o grande público.

O fato é que a notícia que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de irradiar informação, hoje está em todos os lugares virtuais. Ela ganha forma no que Antoun e Malini (2010) denominam de mídias de multidão (*multi-mídias*), ou seja, aquelas cujas produções acontecem de modo articulado e cooperativo, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos que ao mesmo tempo são mídias para outros públicos.

A natureza das multi-mídias é a de portar uma linguagem desencarnada da mediação da mídia irradiada, desorganizando o modo tradicional da notícia, ao mesmo tempo em que elas organizam uma linguagem cooperativa, dialógica, múltipla e comum. Esta linguagem vai criar uma onda integrada, revelando as perspectivas independentes de opinião. (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 291).

A lógica da Web 2.0 é a da publicação multitudinária. Entra em ação o *general intellect*²⁰, que tem a força cérebro como principal meio de produção e o computador como seu instrumento essencial, pois por meio dele todos os conhecimentos e saberes sociais são distribuídos em rede (MALINI, 2008). É sobre essa força cérebro da multidão que vamos tratar no segundo capítulo. O que é a multidão, como ela age, em que contexto histórico ela se insere, o que ela produz, são algumas perguntas que norteiam o próximo capítulo.

²⁰ Marx entendia o *general intellect* como a capacidade científica objetivada em máquinas (capital fixo), que reduz o aspecto virtuoso à aplicação tecnológica. Virno sugere a existência do *general intellect* como uma faculdade social que permite a execução de um trabalho sem obra – daí o virtuosismo, sem nenhuma conotação de elitização do trabalho, e sim como algo que é comum a todos (COCCO e VILARIM, 2009).

2. Transformações políticas que fazem agir a multidão

2.1 Do capitalismo manufatureiro ao cognitivo

Buscaremos fazer um resgate histórico, político e econômico do capitalismo, para entender as transformações ocorridas do trabalho industrial ao cognitivo e, depois, analisaremos a transição da era da soberania ao império e do biopoder à biopolítica a fim de, então, compreender em contexto que se insere, hoje, a multidão que age pelo mundo levantando fortes reivindicações por seus direitos.

O capitalismo passou por diversas fases até chegar à configuração atual. Entre os séculos XIV e XVIII, ele foi fruto das grandes navegações e da revolução comercial. A aristocracia proprietária de terras era ainda dominante, mas emergia, nesse período, uma grande classe média burguesa. O pequeno produtor começava a obter sua emancipação parcial ou completa de suas obrigações feudais, e, então, as primeiras empresas domésticas manufatureiras iniciavam suas atividades. O trabalho nas sociedades pré-modernas se restringia ao convívio familiar, à esfera privada. A casa era o espaço de produção material e das necessidades da vida.

A consolidação do capitalismo aconteceu com a formação dos primeiros Estados-nação e a Revolução Industrial no século XVIII. Nesse momento, o produtor foi separado da propriedade dos seus próprios meios de produção, tornando-se, assim, dependente do trabalho assalariado. Da desintegração social e econômica da comunidade de pequenos produtores nasce, então, o proletariado. As inovações técnicas da Revolução Industrial transformaram o processo de produção, transferindo-o da casa ou da oficina artesanal para a fábrica – tornando-o um processo coletivo, o que acelerou a acumulação de capital e a expansão econômica. De acordo com Afrânio Catani (1980), a empresa familiar cedeu lugar à sociedade anônima e acabou desencadeando a concentração do capital. O capital familiar dá lugar ao capital social e o autofinanciamento, baseado em acumulações privadas preferencialmente agrárias ou comerciais, ao império dos grandes bancos.

Para Max Weber (1987), o modo de produção econômica só se alterou por conta de um espírito moderno do capitalismo (quando a conquista do lucro se sobrepôs ao conforto da vida). Isso foi fundamental para que a industrialização acontecesse e inaugurou um novo regime de subjetividade, baseado na racionalidade econômica, que se emanciparia de todas as outras subjetividades, mantendo-as sob seu domínio (MALINI, 2008). O homem, então, passa

a existir em função de seu trabalho, de sua empresa e não ao contrário. Ele agora compõe sua vida a partir de uma relação de capital. A separação do homem e de seus meios de produção é o que contribuiu para o surgimento da indústria, local onde o operário encontra as ferramentas e a qualificação para o trabalho. Nessa fase, o trabalhador era tratado como um operário-profissional porque seu ofício consistia em dar respostas rápidas aos desafios colocados pela máquina.

A atividade produtiva passou a ser um meio de ganhar um salário. Deixou de fazer parte da vida, para tornar-se um meio de ganhar a vida. Dessa forma, o tempo de trabalho e de vida foram desconectados um do outro, as ferramentas e os produtos do trabalho adquiriram uma realidade separada do trabalhador e não diziam mais respeito às decisões dele (GORZ, 2003).

Ganhar um salário significava, também, poder consumir. Tal afirmativa se aproximaria da realidade se esta não fosse a de um subsalário, que não possibilita à população acompanhar a produção cada vez mais crescente de mercadorias. Essa superprodução é uma bomba sempre prestes a estourar (MALINI, 2008). Nasce, então, o Estado-nação, para regular e sustentar um capitalismo que se apresenta como monopolista e imperialista.

Com o advento dos sistemas fordista e taylorista, mais especificamente entre o final da Primeira Guerra Mundial e 1968, ocorre uma alteração na subjetivação do trabalhador, que passa de operário-profissional a operário-massa. Nesse período, o trabalho se transforma em um objeto de racionalização científica, buscando por meio da lógica e do cálculo, tornar idênticas as atividades produtivas dos mais diferentes indivíduos. Agora, todas as tarefas podem ser realizadas por qualquer pessoa, sem a necessidade de um conhecimento específico. O trabalhador não é mais o principal agente do processo produtivo. Ele se tornou um acessório vivo da maquinaria, a qual passa a ser muito mais importante. Os modelos taylorista e fordista se caracterizam como o apogeu da industrialização, pois visavam a maximização da produção e do lucro.

A lógica do taylorismo é a da uniformização das máquinas, do processo de trabalho, dos produtos e dos sujeitos. Suas normas inserem grandes massas de trabalhadores sem qualificação em processos de trabalhos complexos, fragmentados e alienantes. O funcionário deveria apenas exercer sua função em um menor tempo possível, sem necessariamente conhecer a forma para alcançar o resultado final. O valor do trabalho estava no máximo de repetição, de padronização e de intensidade rítmica.

O modelo fordista fez com que o trabalhador conhecesse somente uma parte do ciclo produtivo, sua atividade era parcial e de pura força. A introdução das linhas de montagem, nas

quais cada operário ficava em um determinado local realizando uma tarefa específica, enquanto o produto fabricado se deslocava pelo interior da fábrica em uma espécie de esteira, fez com que as máquinas ditassem o ritmo do trabalho.

A transição do operário-profissional para o operário-massa se traduz na substituição de um sujeito que reconhece o ciclo completo de uma mercadoria para um outro que, reduzido a um trabalho que é pura energia (abstração, portanto), se torna apenas uma peça de uma imensa engrenagem fabril. (MALINI, 2008, p.42).

O fordismo também é marcado por inaugurar uma nova relação com o consumo. Primeiro o trabalhador gera valor para depois obter os ganhos salariais e o salário é condição para se integrar ao mercado, para ter acesso aos direitos, ou seja, à cidadania. Gorz (2003) defende que coube ao salário a construção de uma educação ao consumismo, na medida em que o operário-produtor se converte em trabalhador-consumidor. O consumo passa a ser um recurso ideológico que justifica a busca incessante pelo trabalho: ele é tão compensatório que faz com que as pessoas almejem obter um emprego para poder pagar pelo consumo das mercadorias.

A produção em massa, consequência dos modelos fordista e taylorista, gerou uma padronização dos produtos e uma elevada escalabilidade econômica. Os produtos passaram a serem disponibilizados para a compra dentro de certos modelos, ainda que a ideologia do consumo de massa trouxesse em sua lógica o “universalismo”: bens antes restritos à minoria passaram a serem objetos do mercado de massa. A geladeira, a máquina de lavar roupas, o telefone, por exemplo, tornaram-se o padrão de conforto desejado.

São os acontecimentos de maio de 1968²¹ que começaram a derrubar a fase do operário-massa. É quando as formas de disciplinamento social são contestadas por múltiplos movimentos: o feminismo contra o patriarcalismo, o movimento estudantil contra o exame escolar, a recusa do trabalho contra a fábrica fordista, a revolução sexual contra a família, por exemplo. Nos ares desse período predominava o descontentamento contra a norma e a disciplina.

A recusa à disciplina no trabalho gerou a automação das fábricas, coordenada pelo poder, e a informatização do social, levada a cabo pelas resistências. Dessa forma, o indivíduo foi liberado do trabalho repetitivo, transferido para robôs. O que gerou, por um lado, o aumento da produtividade e a minimização do conflito trabalhista no ambiente de trabalho, mas por outro, criou uma grande dependência das inovações técnicas e sociais que se davam agora fora da fábrica. A informatização fez com que toda a matéria começasse a ser

²¹ Ver em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968

transformada em informação, ou seja, o aumento da produção se dava pela expressão de atividades intelectuais, a descoberta científica e a aplicação da ciência e da tecnologia na transformação da matéria (Negri, 2003). Dessa forma, toda a sociedade é mobilizada a produzir. A automação e a informatização do social fazem com que a produtividade se oriente muito mais pela capacidade do trabalho de produzir invenção, inteligência, relações, comunicação e afetos, do que pela força física.

Nasce dessa situação de luta dos sujeitos sociais contra todo tipo de disciplinamento, o trabalho imaterial, que resulta em bens imateriais: informação, conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afetos. Mas essa definição não opõe bens imateriais e materiais, pois o valor destes é condicionado pelo trabalho imaterial, produzido por uma pequena minoria do conjunto global (NEGRI, HARDT, 2005). O que acontece é que a produção imaterial tende, hoje, a transformar outras formas de trabalho e a sociedade como um todo. Ela não cria apenas bens imateriais, mas também relações, e, em última instância, a própria vida social: é a produção de formas de vida por meio de formas de vida. Dessa forma, o trabalho imaterial diz respeito a uma produção biopolítica (COCCO e VILARIM, 2009). O que ele produz é a subjetividade. “Quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isto é criado através dessa produção biopolítica e social” (NEGRI, HARDT, 2005, p.101).

Esse é o momento do nascimento de um novo paradigma, o pós-fordismo, que coloca a vida a trabalhar e a produzir em um regime de comando capitalista que não consegue capturá-la completamente. A alma do trabalhador é posta a trabalhar e o corpo serve apenas de suporte. Nessa nova fase, o valor das mercadorias, dos processos e dos movimentos sociais está diretamente ligado à quantidade de cultura, subjetividade e à ideologia inseridas na produção social. O corpo que, no trabalho industrial, era o limite da ação de exploração, pois podia fadigar-se, no trabalho imaterial não é tratado como um limitante. Não existe mais limite para o trabalho. A mente e a imaginação não podem deixar de funcionar, ou seja, podem trabalhar continuamente, a todo o tempo. (COSTA, 2008). Não se necessita mais do chão da fábrica para o exercício do trabalho e o tempo produtivo é estendido para toda a vida. Isso não quer dizer que a imaterialidade ocupe toda a produção do mundo do trabalho. Porém, é notável que o imaterial impõe uma nova tendência a outras formas de trabalho e à própria sociedade.

O pós-fordismo é caracterizado por uma crise no modelo fordista, que é contestado nas fábricas com ações de sabotagem e greves. Entre as décadas de 60 e 70, constitui-se um estado de tensão entre capital e classe operária, que alguns teóricos do operário italiano

caracterizam como o êxodo da fábrica e a recusa ao trabalho. Para diluir essas revoltas, os capitalistas iniciaram um processo de descentralização dos centros produtivos, inaugurando uma reestruturação produtiva. Dessa forma, a maior parte do trabalho passa a se dar fora da indústria, em redes terceirizadas que são pequenas empresas inovadoras, produtoras de novas soluções e serviços, com trabalho autônomo, focado no desenho de produtos e na criação de tecnologias sociais. O conhecimento vem das universidades, das relações comunitárias, dos saberes tácitos, das instituições culturais. O território é agora a grande fábrica social. O trabalho passa de produção disciplinar de mercadorias (fordismo) para uma produção virtuosa de atividades (pós-fordismo) (MALINI, 2008).

A introdução da produção de subjetividade no âmbito da indústria no pós-fordismo, faz com que o trabalho dependa de uma atividade cada vez mais imaterial, intelectual, cognitiva. Esse conhecimento social está presente nas redes que compõem a vida dos sujeitos sociais, ou seja, em todos os espaços de reprodução social. Sendo assim, pelo menos potencialmente, todos os sujeitos são produtivos, todos são operários. Passa-se, então, a exigir do trabalhador que ele seja comunicativo, participativo, polivalente, flexível e capaz de realizar múltiplas tarefas.

O uso intenso de novas tecnologias de informação e de comunicação e a constituição de redes sócio técnicas favoreceram a cooperação para além do espaço das organizações de tipo fabril. A substituição da lógica da reprodução pela lógica da inovação nas atividades econômicas proporcionou o nascimento do capitalismo cognitivo, uma nova fase marcada pela informatização da produção. A era da economia da informação se baseia em uma nova geração de serviços: a das tecnologias digitais, das redes continentais em fibra ótica e das redes de satélites planetários. Essa transformação orientará o caminho do mundo por novas relações entre fábrica e território, entre subjetividade e máquina, entre os serviços e os usuários. A fábrica deixa de ser a protagonista da produtividade social com o nascimento da economia da informação, na década de 90, liderada, principalmente, pelos Estados Unidos.

Negri e Hardt (2001) classificam esse período como um paradigma no qual a oferta de serviços e o manuseio de informações estão no coração da produção econômica, especialmente com o surgimento da internet. Para os autores, a informação tornou-se a mercadoria de maior valor e, dessa forma, a estrutura e a administração das redes de comunicação são condições essenciais para a produção da economia informacional.

Nesta época cognitiva, a produção do valor depende sempre mais de uma atividade intelectual criadora que não só se situa além de qualquer valorização ligada à raridade, como se situa além da acumulação de massa, de fábrica, etc. A originalidade do capitalismo cognitivo consiste em captar, em uma atividade social generalizada, os elementos inovadores que produzem valor. (NEGRI, 2003, p. 94).

Para os autores, quatro níveis de transformação indicam a centralidade do trabalho vivo²². Primeiro, a migração do emprego para ocupações mais relacionadas à prestação de serviços, circulação e distribuição. Segundo, outras formas de trabalho começaram a absorver características de uma produção imaterial, mesmo que qualitativamente, dentro da própria fábrica. Terceiro, o crescimento de formas de propriedade de caráter imaterial, amparadas por um suporte jurídico de controle de acesso e de licenciamento. E quarto, a disseminação das redes como forma típica da produção imaterial por toda a sociedade (COCCO e VILARIM, 2009).

A nova economia terá como base a interatividade entre forma (indústria de hardware e eletrônico), conteúdo (indústria de software, cinema, programas televisivos) e difusão (indústria de telecomunicações e informática). Ou seja, a comunicação social entre atores móveis e flexíveis será determinante no capitalismo cognitivo (MALINI 2008). Peter Pal Pelbart (2002) defende que no novo capitalismo consumimos mais do que bens, mas formas de vida. Absorvemos subjetividades através dos fluxos de imagens, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos todos os dias. O que indica um novo modo de relação entre capital e subjetividade. Os fluxos estão por todos os lados, já que o novo capitalismo enaltece as conexões, a fluidez, produz novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, mas, sobretudo, uma nova angústia: o desligamento. É o receio de se desligar das redes formadas nessa nova fase do capitalismo.

A organização da produção passa a acontecer nas relações difusas das redes. Segundo Santaella e Lemos (2010), a economia global é hoje constituída pelas trocas e fluxos quase instantâneos de informação, capital e comunicação cultural. Nessa sociedade, as redes não são apenas uma nova forma de organização social, mas se tornaram um traço-chave da morfologia social que, no mundo dos negócios, passou das burocracias verticais às corporações horizontais. “O que existe de novo nesse circuito é a virada informacional, a manipulação da informação ela mesma, ou seja, a ação do conhecimento sobre o conhecimento” (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 22).

²² Conceito de Karl Marx, que quer dizer, uma faculdade humana que todos nós possuímos para constituir o mundo e criar vida social. (COCCO; VILARIM apud MARX, 2009).

O trabalho imaterial tende a assumir a forma social de redes baseado na comunicação, na colaboração e nas relações afetivas. Ele só pode ser realizado em comum e cada vez mais inventa novas redes independentes de cooperação através das quais produz sempre mais subjetividade. O conhecimento produzido em comum ganha novos usos, novos procedimentos, novos saberes locais que vão sempre gerar novos usos, num ciclo virtuoso que tem a inovação como base fundamental.

O conhecimento que se condicionava à produção de mercadoria passa a se constituir enquanto produção do próprio conhecimento. Isso acontece porque as tecnologias numéricas da informática provocam a virtualização da matéria, ou seja, o conhecimento começa a existir separado do seu suporte material: o capital e o trabalho empregados para produzi-lo. As novas tecnologias de informação e comunicação permitiram que os conhecimentos circulassem independentemente do capital e do trabalho. “O que está ocorrendo hoje é a possibilidade do trabalho tornar-se produtivo sem dependência do fornecimento dos meios de produção por parte do capitalista: e isso porque os meios de produção correspondem às próprias redes sociais” (COCCO e VILARIM, 2009, p. 175).

O capital investe cada vez mais na vida (*bios*) do trabalhador e, por outro lado, essa mesma subjetividade prescrita pelo capital resulta em produção de si, pois o trabalhador carrega consigo elementos que podem abrir caminhos para a transformação do próprio sujeito do trabalho. É neste sentido que se fala de produção biopolítica.

A biopolítica é uma resposta ao biopoder. A extensão dos biopoderes “abre uma resposta biopolítica da sociedade: não mais os poderes sobre a vida, mas potência da vida como resposta a esses poderes; em suma, isso abre à insurreição e à proliferação da liberdade, à produção de subjetividade e à invenção de novas formas de luta” (SANSON apud NEGRI, 2009, p. 211).

O capitalismo a todo o tempo precisou que o operário se sujeitasse às suas regras, mas esse mesmo capitalismo, depois de anos de mudanças, acabou criando as ferramentas para que o trabalhador inventasse novas formas de subversão e transformação social. O biopoder exercido por esse modelo econômico vai dar lugar à produção biopolítica, como veremos abaixo.

2.2 *Biopoder x Biopolítica*

O poder, para Michel Foucault (2001), não está localizado em uma instituição. O poder é uma ação sobre ações. É algo que não se pode possuir, mas se pode praticar. Ele é exercido em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro. Por isso, o autor

defende que não se deve falar em poder, mas poderes, já que é praticado por mais de um agente. O poder, segundo Foucault, “não é essencialmente repressivo (já que ele incita, suscita, produz); ele se exerce antes de se possuir (já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação)” (FOUCAULT apud DELEUZE, 2005, p.79).

O poder, para o autor, coloca em questão as relações entre indivíduos e sempre se configura como uma relação, na qual alguns exercem poder sobre outros. É uma prática constituída historicamente e não é sinônimo somente de Estado, visto que assume diversas formas externas a ele. Foucault (2003) acrescenta ainda que o poder não é sempre negativo. Ele é capaz de produzir e transformar e não está somente ligado à repressão e à dominação. O poder “incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” (FOUCAULT, 2003, p.220).

Até a Revolução Industrial, na Sociedade de Soberania, o soberano detinha o poder de vida e de morte sobre seus súditos. Ele podia decretar a morte de indivíduos que descumprissem suas ordens e podia também enviá-los a qualquer momento à guerra. A punição se manifestava por meio de instrumentos como a condenação à morte, à fogueira, ao esquiteamento, a ser banido ou a pagar multas, além dos manicômios e dos asilos. O poder do soberano, então, era exercido sem qualquer chance de interferência de outros. As regras por ele estabelecidas deviam ser seguidas sem nenhuma oposição.

A partir do século XVIII esse cenário muda. Surgem as sociedades disciplinares quando o poder percebe que é mais eficaz vigiar do que punir. A lógica do fazer morrer e deixar viver é substituída pelo fazer viver e deixar morrer (biopoder – poder sobre a vida), tudo para satisfazer o novo sistema econômico vigente. A partir da Revolução Industrial, o corpo é tratado como máquina: deve ter maior força útil e ser dócil politicamente. Os indivíduos eram distribuídos em espaços de confinamento como a fábrica, a escola, os hospitais, a igreja, a família, o quartel, a prisão, ou seja, instituições onde a vigilância é capaz de produzir e regular costumes, hábitos e práticas produtivas. O poder passa a não ser mais centralizado em apenas uma figura – o soberano, mas está dissolvido em vários pontos de confinamentos do sujeito.

O biopoder individualiza os sujeitos. Era preciso saber quem estava apto ou não para o trabalho ou para ir à guerra. Nasce, então, a lógica do exame, a qual defende que a verdade só poderia emergir através da examinação, ou seja, da docilização dos corpos. Além do exame, o poder disciplinar era exercido através da vigilância hierárquica – tudo e todos podem ser

observados a todo o tempo, e da sanção normalizadora, na qual os mínimos atos desviantes devem ser penalizados com correção ou punição (FOUCAULT, 1993).

A docilização política e a utilização econômica dos corpos eram extremamente interessantes para a burguesia, que precisava aumentar seus lucros, consolidar-se politicamente, universalizar seus valores próprios e neutralizar os riscos de subversão e revolta popular. Cria-se, com isso, um homem enquanto objeto de saber por modelos e normas. Os indivíduos são adestrados a fim de produzirem mais riqueza para o capitalismo, desde que sigam as regras de quem está no comando.

O adestramento do indivíduo e dos corpos, também chamado de anatomopolítica por Foucault (1993), era mais facilmente exercido através de estruturas arquiteturais denominadas panópticos, instaladas nas instituições de confinamento. Elas eram construídas para que os vigilantes observassem todos os indivíduos sem que estes os notassem. Era possível, assim, disciplinar uma criança que aprende a ler, um operário em seu trabalho, um prisioneiro, um louco. Como a morte não é mais a finalidade primeira, a violência física é substituída por mecanismos de ordem psicológica. Quando a disciplina passa a ser o modelo geral de funcionamento de toda a sociedade, a produção de indivíduos em série se torna o padrão e a norma de produção de subjetividade.

Em contrapartida, a resistência contra o controle ganha níveis também globais: movimentos contraculturais de recusa à cultura de massa nascem simultaneamente em quase todos os países ocidentais; movimentos de expressão e de liberdade se espalham pelos países socialistas; revoluções religiosas no Irã e o crescimento do fundamentalismo religioso no Oriente Médio são atos de recusa da modernização ocidental; surgem os movimentos raciais nos Estados Unidos e na África do Sul; e eclodem reivindicações de liberdade sexual nos países centrais e movimentos de reforma psiquiátrica e de liberdade pedagógica (MORAES e NASCIMENTO, 2002).

Esses movimentos colocam em cheque as instituições disciplinares. Recusava-se o trabalho, a escola, a igreja, o consumo, a lei, a repressão, a falta de liberdade de expressão. A crise das instituições de confinamento deu lugar a um tipo de controle contínuo no qual o poder deixa de estar situado em lugares fixos para se instalar em redes flexíveis. Os mecanismos de controle passam a ser distribuídos não somente pelos corpos, mas também pelos cérebros dos indivíduos, que começam a interiorizar comportamentos de integração e exclusão próprios do poder de comando. A sociedade disciplinar é substituída, então, pela sociedade do controle (DELEUZE, 1992).

Negri (2003) também analisa a passagem da disciplina ao controle: “Por controle, (...) entende-se o governo das populações por meio de dispositivos que abarcam coletivamente o trabalho, o imaginário, a vida” (NEGRI, 2003, p.104). O autor defende que a biopolítica marca a transição da disciplina (controle dos corpos dos indivíduos) para o controle como tecnologia de poder dirigida às populações.

O controle passa a ser praticamente invisível, pois está tão pulverizado que, em grande parte das vezes, a população o entende como sinônimo de liberdade, saúde, qualidade, bem-estar. “E é assim que, em nossa sociedade de controle, são produzidos discursos que nos governam, que nos adestram, que disciplinam o nosso corpo, que direcionam as nossas escolhas, e que são altamente eficientes porque nos dão a impressão de que somos livres” (PANIAGO, 2007, online).

A mudança da sociedade da soberania para a sociedade disciplinar e desta para a do controle não significa uma substituição de uma pela outra. Foucault (2001) destaca que se trata de um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental, cujo alvo principal é a população e seus mecanismos essenciais: os dispositivos de segurança. Negri e Hardt (2001) enfatizam que a vida passou a ser objeto de poder. Na sociedade disciplinar os efeitos das tecnologias biopolíticas não puderam se efetivar completamente porque a disciplina fixou os indivíduos no interior das instituições, mas não penetrou completamente o corpo e a consciência deles a ponto de controlar totalmente suas atividades. Na sociedade do controle, ao contrário, o poder se torna inteiramente biopolítico, atingindo até os “gânglios da estrutura social”, porque se apresenta como um controle que vai até às “profundezas da consciência e dos corpos” da população.

Não se precisa mais de instituições que disciplinem os indivíduos porque na sociedade do controle a disciplina já foi interiorizada por eles. O medo, o julgamento e a destruição são os principais dispositivos de poder que regulam as ações da população. Os muros que confinavam a sociedade disciplinar e os vigilantes dos panópticos não a controlam mais, porém, a vigilância é realizada pelos olhos que circulam a nossa volta, bem próximos de nós, ao alcance de nossas mãos. Por um lado, a multidão, ao se confrontar com a disciplina, produz subjetividade, através da qual vai desenvolver a produção do mundo e encher sua vida de desejo e liberdade. Por outro, a sociedade de controle aprendeu a explorar essa produção incessante da vida. “A multidão produz, agora mais que nunca, desejo e vida, mas o poder, o comando, aprendeu a controlá-los” (MORAES e NASCIMENTO, 2002, p. 94).

A reflexão histórica acerca da biopolítica é concernente ao nascimento do liberalismo – arte de governar que se caracteriza pela limitação das práticas de governo, para que o

mercado se torne mecanismo de formação de verdade. Foucault explica que o liberalismo não é a criação da liberdade, mas sim seu fomento e regulação. Portanto, se antes o soberano tinha legitimação para agir sobre tudo, agora ele está legitimado apenas para agir de acordo com os interesses coletivos. Se antes era o direito que limitava a arte de governar, agora é a economia política que assume esse papel – com o objetivo de assegurar a prosperidade da nação (SOUZA, 2011, p. 31).

Com a mudança do capitalismo, que antes visava a acumulação da produção, o foco passou a ser a sobreprodução, ou seja, a produção de subjetividade. O marketing assume um papel fundamental nesse contexto, pois passa a controlar o corpo social. Os investimentos em publicidade nas empresas são cada vez maiores. As telenovelas, os telejornais, as revistas circulam com a tarefa de forjar verdades. Por meio deles, as subjetividades inventadas pela multidão são transformadas em objeto de consumo e identificação. Eles acabam por interferir diretamente no comportamento das pessoas, nos seus afetos, ansiedades, prazeres e necessidades. São mecanismos de poder que funcionam por sedução, interesse, curiosidade, seguindo a lógica do prazer incessante e do consumo incontrolável (DELEUZE e GATTARI, 1996, p. 95).

Enquanto nas primeiras fases da indústria a disciplina e o controle eram as formas de comando, hoje, a guerra assumiu essa posição, como defende Negri (2003). Antes, a guerra era pura extensão dos modos de controle e disciplina, mas ela passou a uma ordem inversa: a guerra contém o controle e a disciplina. “A guerra é a fundação da política, é o modo essencial no qual se formam as políticas” (NEGRI, 2003, p. 186).

Atualmente, a ordem não nasce do fim da guerra, mas da promoção contínua de guerra. O inimigo do poder é um perigo público, visto que cada sujeito é encarado como uma ameaça que pode destruir a ordem pública. Por isso, todos devem ser disciplinados e controlados e esse controle se materializa na ação policial. “O poder político do Estado é polis, polícia, isto é, vistoria, e as portas da cidade, seus pedágios e suas alfândegas são barreiras, filtros para a fluidez das massas, para a potência de penetração das maltas migratórias, pessoas, animais e bens” (DELEUZE e GATTARI, 1996, p. 60).

Para o Estado é fundamental vencer o nomadismo, as migrações, então, sempre que possível, ele tenta capturar todos os fluxos: de população, de mercadoria, de comércio, de capital, de dinheiro e outros. É por isso que a polícia é utilizada, pois ela, por meio de trajetos fixos e com direções bem determinadas, regula as circulações, relativiza o movimento das pessoas e dos objetos, observando-os bem de perto.

Na mesma medida que se atualizam as imposições das relações de poder e os novos mecanismos de controle, novas resistências vão surgindo. As formas, técnicas e mecanismos de aplicação do poder variam em função das novas formas e subjetividades que as resistências vão criando com o tempo (SOUZA, 2011, p. 92).

Fala-se de biopoder pensando nas nascentes ou nas fontes do poder estatal e nas tecnologias específicas que o Estado produz, por exemplo, do ponto de vista do controle das populações; fala-se em biopolítica ou de contexto biopolítico pensando no complexo das resistências e nas ocasiões e nas medidas de choque entre dispositivos sociais de poder. (...) A biopolítica é uma extensão da luta de classe (NEGRI, 2003, p. 107).

Segundo Negri (2003), não é possível opor-se à guerra através da guerra. Para o autor, a verdadeira oposição da multidão só acontece por meio da produção de subjetividades. É a força constitutiva da multidão que pode bloquear a guerra imposta pelas estruturas de comando. “A produção de subjetividades se alimenta de momentos táticos e de momentos estratégicos, da desestabilização do poder imperial e da estruturação da potência da multidão” (NEGRI, 2003, p. 195).

Deleuze e Gattari (1996) vão definir toda operação da multidão contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, como “máquina de guerra”, caracterizada por uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição e um sentido de honra muito suscetível. Para os autores, só o nômade tem um movimento absoluto, uma velocidade, chamada por eles de movimento turbilhonar ou giratório, que pertence essencialmente à máquina de guerra.

A máquina de guerra é invenção nômade que tem como objetivo a ocupação do espaço liso, o deslocar-se livremente por esse espaço. Dessa forma, a máquina de guerra tem como inimigos o Estado e a cidade, que impedem ou regulam essa territorialização e esse deslocamento. Nota-se que seu objetivo principal não é a guerra, mas a destruição da forma-Estado e da forma-cidade. Se o Estado se apropria da máquina de guerra, esta imediatamente muda de natureza e de função, porque não pode ser dirigida contra os nômades. Se ela for assim apropriada, a guerra torna-se o objetivo primeiro.

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui a sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. (DELEUZE e GATTARI, 1996, p. 53).

Em resumo, na obra *Multidão: guerra e democracia na era do Império*, Hardt (2005) destaca que a globalização que vivemos no novo capitalismo poderia ser sintetizada como um antagonismo entre duas formas de organização política, que funcionam em uma estrutura de rede. A primeira são as redes de Império: níveis de hierarquias e divisões que tem como função a manutenção da paz social e da ordem, por meio da guerra. Conforme Malini (2008) aponta, essas redes funcionariam como dispositivos de controle. Elas existem para funcionar como as redes satelitárias de controle do terrorismo, as redes financeiras de especulação e as redes da produção desterritorializada das corporações globais, por exemplo. Elas não se restringem ao potencial bélico, mas têm capacidade de controle informacional, ou seja, de governar o tempo dos acontecimentos sociais a partir de uma vigilância intensa dos espaços sociais, para protegê-los da intrusão ou da desordem dos “bárbaros”. Seu interesse é individuar os sujeitos nesse fluxo vigilante, agindo de forma invisível para constranger os corpos em suas diferentes singularizações: social, grupal e individual.

A segunda organização política antagônica é a multidão que enxerga esse poder de vigilância como um produtor de conhecimento e de prazer, uma forma de contrapoder. O indivíduo deseja ter seu discurso próprio, para produzir vigilância do controle que sobre si é exercido. Para isso, ele delimita os níveis e os mecanismos de interação e impede o acesso às informações sobre as ações que realiza para vigiar. Além disso, esse sujeito habita ou pode ser habitado em qualquer lugar do mundo. O uso do poder pelas singularidades oferece densidade ao poder, atualizando-o e possibilitando novas invenções. Império e multidão são os conceitos-chave do próximo ponto deste trabalho.

2.3 Um novo modo de organização da democracia: a multidão

“(...) a soberania dos Estados-nação está em crise”²³, proclamou Negri (2003), em seus estudos. Assim como ele, buscaremos explicar o contexto dessa afirmação, procurando entender onde a soberania foi se instalar. Mas já adiantamos que ela se encontra em um não-lugar, que é chamado pelo autor de Império.

A soberania nacional no passado era exercida sobre um território único e uma cultura única, mas, com o enfraquecimento do Estado em controlar todo o território e as forças antagônicas ali inseridas, ele precisou reconhecer a existência de outras fontes de soberania. “(...) o Estado-nação não possui mais sua centralidade, porque é atravessado continuamente

²³ NEGRI, 2003, p.12.

por correntes antagônicas e por múltiplos inputs linguísticos e culturais que retiram dele a possibilidade de colocar-se como hegemonia e de comandar o processo cultural” (NEGRI, 2003, p. 14).

Negri e Hardt (2010), contrapondo a perspectiva da soberania nacional, destacam a emergência de outra ordem política (a soberania imperial), que é marcada pela passagem do capitalismo material ou industrial ao capitalismo cognitivo ou pós-industrial, quando a lógica de reprodução é substituída pela lógica da inovação, e o regime de repetição, pelo da invenção. O novo sistema político da era do Império é descentralizado, desterritorializado e não leva em consideração valores étnico-nacionais. Seu principal objetivo é a garantia da ordem global, de uma paz estável e universal que possibilite o pleno funcionamento da economia de mercado. O que não quer dizer que houve o fim do Estado-nação. Ele apenas perdeu sua capacidade de exercer o controle sobre os mecanismos de reprodução da sociedade, as lutas anti-imperialistas, anticoloniais e aquelas para a liberdade contra o socialismo real.

Há uma grande distinção entre o Império dos tempos de Roma e o Império do nosso tempo. Naquele, o Império é visto como a superação da alternância das três formas clássicas de governo: monarquia, aristocracia e democracia. O que impera, hoje, é de fato monárquico, aristocrático e democrático ao mesmo tempo. Monárquico porque, sobretudo em tempos de conflito militar, algumas instituições entram em ação com suas armas atômicas e sua tecnologia militar, como o Pentágono. Outras influem nos negócios globais, como a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Aristocrático porque é governado por um grupo elitizado de intérpretes. É o que Negri (2003) chama de aristocracia de nações, manifestada em encontros dos países do G-8 ou quando o conselho de segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) age. E democrático porque pretende representar o povo global. A assembleia geral da ONU representa essa democracia de nações.

Em suma, o Império é um sujeito soberano único, que compreende em sua lógica todas as três formas clássicas ou níveis de governo: a monarquia, a aristocracia e a democracia. O Império, em outras palavras, é uma forma particular de soberania por sua capacidade de incluir e administrar diferenças dentro de sua constituição. (NEGRI, 2003, p. 116).

Essa transformação política aconteceu entre 1971 e 1973, com a primeira grande crise do petróleo e o Tratado ABM (antimísseis balísticos), que definiu a paz nuclear. “É este, pois, o momento em que se fixa, justamente, o reconhecimento da impossibilidade de garantir o

desenvolvimento capitalista por meio dos instrumentos da regulação soberana interna, ou seja, de controlar a relação de capital dentro do espaço-nação” (NEGRI, 2003, p. 50).

Outro elemento que contribuiu para a perda da hegemonia dos Estados-nação foi o fim da fase imperialista do capitalismo. Os países que até então eram colônias, iniciam lutas pela sua libertação, como aconteceu com o Vietnã. As grandes potências, que têm como um dos seus objetivos principais a colonização, para expandir seu poder, começam também a enfrentar desequilíbrios nas relações de domínio interno. O fim do Segundo Mundo, o do socialismo real ou realizado, também deve ser levado em consideração. Serão as lutas dentro e fora do comando capitalista que eliminam o espaço de controle do Estado-nação e impulsionam a constituição do Império.

Os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono, no dia 11 de setembro de 2001, tornaram mais perceptível a mudança do lugar da soberania. Foi a partir dali que o governo dos Estados Unidos integrou-se a um sistema global de relações que define a forma atual da soberania, que é agora transnacional. A soberania atual tende a um controle global, é ilimitada por envolver todo o mundo e não tem um fora. Mas ela continua limitada internamente pela relação dominado e dominador (NEGRI, 2003). Estamos inseridos na era da globalização e não há globalização sem regulamentação, ou seja, existem sempre regras e mãos ativas que regem o mercado e toda a sociedade.

A soberania imperial funciona subjugando o pobre e explorando sua capacidade de produção, de cooperação e linguagem. Ela está a todo o tempo querendo acertar contas com os sujeitos que produz. Mas como antes de todo poder existem processos de resistências (antipoder), no Império não é diferente. Nesse sentido, Negri e Hardt (2010) retomam o conceito spinozista de multidão para tematizar os diferentes movimentos e mobilizações sociais que, ao mesmo tempo, são antagônicos à soberania imperial e criam novos mundos. “A multidão pode ser definida como o conjunto de singularidades cooperantes que se apresentam como uma rede, uma *network*, um conjunto que define as singularidades em suas relações umas com as outras” (NEGRI, 2005, online).

A multidão existe para produzir diferenças, invenções e modos de vida. É uma explosão de singularidades conectadas e coordenadas, de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. Ela é “a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento” (HARDT e NEGRI, 2006, online). É uma organização social definida pela capacidade de agir em conjunto sem qualquer unificação. É uma multiplicidade indefinida e não mensurável. Ela não pode ser representável, porque é monstruosa em relação aos racionalismos teleológicos (é em si algo que tem na sua origem

uma finalidade) e transcendentais (não derivam de nenhum tipo de movimento, mas de uma invenção) da modernidade. A multidão é um agente social ativo, uma multiplicidade que age.

“Para resistir às dinâmicas silenciosas, disciplinadoras, autômatas e assubjetivas impostas pela racionalização taylorista, os sujeitos constituíram, principalmente a partir das lutas sociais de 1968, ações de rompimento com toda e qualquer modalidade disciplinar” (MALINI, 2008, p.50). Então, surge uma nova subjetivação (a multidão) que é ao mesmo tempo negativa, pois é antidisciplinar, e positiva, já que se caracteriza como uma força-invenção.

O movimento global da multidão é antidisciplinar porque produz várias lutas que partem de baixo e que acontecem livremente no mundo de forma múltipla e diferenciada se cruzando e constituindo-se como um movimento unitário. É o antipoder, constituído por três elementos: a resistência contra o velho poder, a insurreição e o poder constituinte de um novo poder, que emergem juntos de cada singularidade e de cada movimento dos corpos da multidão. Ele não tem pretensão de substituir o poder existente, mas deve propor formas e expressões de liberdade, desenvolvendo, assim, uma nova potência de vida, de organização e de produção.

O antipoder deve pretender ser uma força excessiva que transborda e faz nascer uma contínua invenção de novas formas de vida, novas linguagens, novas forças intelectuais e éticas. No Império, a invenção é condição geral e comum da produção, isso porque o trabalho imaterial e o intelecto geral passaram a ocupar uma posição dominante no capitalismo. (NEGRI, 2003). Nesse sentido, a resistência da multidão significa ampliar as redes do saber e do agir comuns, contra a privatização do modo de coordenar a cooperação e da riqueza. “Significa romper as linhas duras da exploração e da exclusão. Significa construir linguagens comuns, nas quais a alternativa de uma vida livre e da luta contra a morte se mostra vencedora” (NEGRI, 2003, p. 207).

De acordo com Negri (idem), é em relação a essa multidão de singularidades que devem ser definidas as novas categorias políticas, analisadas por meio da realidade do comum e não da unidade. O comum (*common*) é a produção material da multidão que não exige nem capital, nem exploração para existir, já que é algo feito por todos ou por coletivos e comunidades, expressando recursos que são comuns. Os processos colaborativos que fizeram nascer a internet, o http, a *Wikipedia* e sites de troca P2P, por exemplo, são manifestações do desenvolvimento do *commons*. Silveira (2007) destaca que apesar dos processos colaborativos já existirem há muito tempo, o cenário atual é diferente. A atual colaboração massiva articula

agentes individuais livres que cooperam para resolver problemas de seu próprio interesse, não por obrigação, e não estão submetidos a instituições ou companhias.

Yochai Benkler (2007) foi quem primeiro definiu o termo *common* classificando-o como:

“(...) um tipo particular de arranjo institucional que governa o uso e a disposição de recursos. Sua principal característica, que os define de forma distinta da propriedade, é que nenhuma pessoa tem o controle exclusivo do uso e da disposição de qualquer recurso particular. Pelo contrário, os recursos governados pela comunidade podem ser utilizados e dispostos por qualquer um entre um dado número de pessoas” (Benkler, 2007, p. 12).

É preciso destacar que multidão é um novo conceito de classe. Negri (2003) revela que, do ponto de vista de uma sociologia do trabalho, o trabalhador se apresenta cada vez mais como um portador de capacidades imateriais de produção, ou seja, seu instrumento é o cérebro e é essa capacidade cognitiva de atuar de modo cooperativo que faz amalgamar estruturas singulares de organização em rede – formas multitudinárias de trabalho. Ao contrário da classe, que é determinada pelos instrumentos palpáveis de produção e pela força de trabalho. Ou seja, classe é uma conceituação que depende de uma análise sobre a propriedade dos meios de produção.

A multidão redefine a noção de classe ao incorporar a ideia de que os processos de emancipação social são consequências da capacidade dos sujeitos (explorados) construírem, a partir de seu trabalho imaterial, novos modos de vida, novos mercados, novas realidades, novos sentidos para a propriedade. O valor da produção da multidão será determinado pelo indivíduo social e coletivo que organiza o trabalho em formas comunicativas e linguísticas e o saber de forma cooperativa.

Sanson (2009) defende que todos os aspectos da exploração do trabalho contidos na sociedade industrial continuam presentes na sociedade pós-industrial e a intensificação no trabalho é superior ao período anterior. Mas a produção biopolítica fez com que as subjetividades pudessem recolocar a luta social em outro patamar. A classe transformou-se em multidão, pois a possibilidade de superação e oposição ao capital se dá cada vez mais pela capacidade dos trabalhadores tornarem comuns os recursos imateriais que, hoje, são apropriados e/ou expropriados pelos donos de capital. “Aqui reside um potencial enorme de alargamento de uma subjetividade emancipatória” (SANSON, 2009, p. 213).

Em suma, “o conceito de multidão se liga à existência de singularidades definidas por sua capacidade de expressar trabalho imaterial e pela potência de reapropriar-se da produção através do trabalho imaterial (através da atividade)” (NEGRI, 2003, p. 145). A potência das

singularidades nos mostra que é capaz de expressar-se em todas as direções, proliferando a liberdade.

As formas de vida produzidas pela multidão não são uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas formam um conjunto vivo de estratégias, emergente da força-invenção dos cérebros em rede. A invenção não está mais restrita aos grandes gênios. Até os que não estão vinculados ao processo produtivo produzem constantemente. Dessa forma, as vidas passam a serem consideradas elas mesmas um capital. A principal fonte de valor na economia atual é a força-invenção dos cérebros em rede.

Ao invés de serem apenas objeto de uma vampirização por parte do Império, são positividade imanente e expansiva que o Império se esforça em regular, modular, controlar. A potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, afetação recíproca, produção de laço, capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças, de novas associações e novas formas de cooperação, é cada vez mais a fonte primordial de riqueza do próprio capitalismo. (PELBART, 2002, p. 38).

Pelbart (2002) discute que a vida é mais do que somente um processo biológico. Ela é inteligência, afeto, cooperação, desejo. Dessa maneira, inspirado em parte em Deleuze, o autor defende que a biopolítica deve ser redefinida de poder sobre a vida para potência da vida. A vida que antes era completamente controlada pelo poder passou também a resistir ao poder, o que Pelbart vai chamar de biopotência da multidão, que é a luta contra as formas de assujeitamento, de submissão da subjetividade. “Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação” (NEGRI apud PELBART, 2002, p. 42).

E é sobre a insubordinação da multidão enquanto resistência e força-invenção que vamos tratar no próximo capítulo. Uma multidão que não se contenta com a exploração do capital e usa seu poder de criação para expressar seus pensamentos, insatisfações e desejos cooperando em rede, ora nas ruas, ora na internet, desencadeando o movimento do Protesto em Vitória.

3. Protesto em Vitória

3.1 Antecedentes

Após a greve dos rodoviários em novembro de 2010 e o aumento do preço das passagens de ônibus na Grande Vitória (que aconteceu como nos últimos anos, em período de férias estudantis), um grupo de amigas²⁴, despreziosamente, resolveu criar uma comunidade²⁵ na rede social *Orkut* para reunir os insatisfeitos com a situação. Durante a noite do miojo, que acontecia na casa de uma delas em 03 de janeiro de 2011, a comunidade “Passagem aumentada Vix parada” nasceu da insatisfação das meninas com mais um aumento repentino no preço da passagem de ônibus. “Nem lembro quem teve a ideia. Ah, vamos criar uma comunidade no Orkut. Aí a gente fez. E no início foi engraçado que a gente ficava atualizando toda hora pra ver se alguém tinha entrado”, conta Daiane Reis, assistente jurídica e manifestante do Protesto em Vitória.

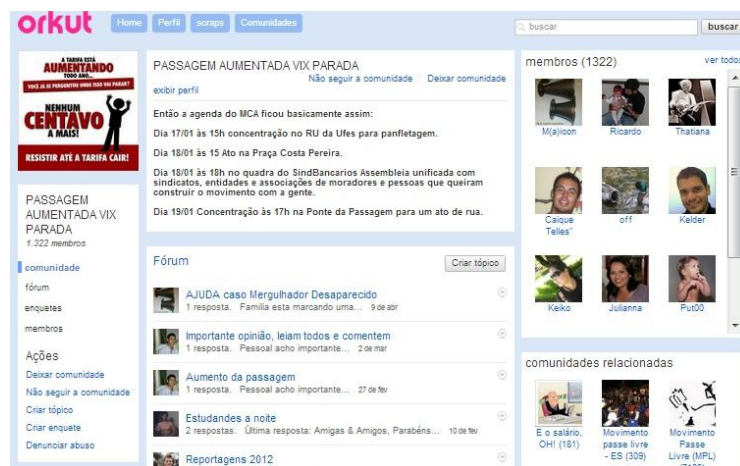


Figura 1. Comunidade do *Orkut* Passagem Aumentada Vix Parada.

Nenhuma delas tinha experiência em organizar movimentos sociais e pela primeira vez criavam uma comunidade virtual em prol de uma luta social. Em menos de três dias a comunidade já possuía 500 seguidores e hoje²⁶ são 1.340, a maioria estudantes, mas há também professores e profissionais insatisfeitos com a mesma situação. “No início, a gente ficava muito empolgada sem saber muito o porquê que a gente estava ficando empolgada, porque as pessoas só estavam entrando na comunidade. A gente não sabia se iriam para a rua se iam fazer alguma coisa ou não”, revela Daiane.

²⁴ Daiane Reis, 23, formada em Direito; sua irmã Irlane, 30, estudante de Direito; Ester Vaz, 18, estudante de Educação Física; e sua irmã Aline, 16, secundarista.

²⁵ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110018349>

²⁶ Dado consultado no dia 24 de outubro de 2012.

Observando a mobilização das meninas no Orkut, um grupo de alunos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que já tinha protestado contra o preço das tarifas de ônibus em dezembro de 2010, convidou as amigas a unirem forças. Foi assim que começou a se organizar o movimento que parou as ruas de Vitória em 2011 e 2012 e que contava com um perfil diferenciado: não havia liderança. Poucas semanas depois da criação da comunidade, na primeira reunião *off-line* dos membros da comunidade virtual, ficou decidido que não haveria protagonismo de nenhum líder, para que todos pudessem ter mais liberdade de atuação. Qualquer pessoa tinha voz ativa nas assembleias e reuniões do movimento. Bastava expor a opinião que seria votada e, se aprovada pela maioria, acatada. “É uma forma de resguardar a integridade de cada um essa questão da não liderança, tanto moral quanto física também, de não ir preso”, reforça Josimar Nunes²⁷, estudante de Geografia da Ufes e manifestante no Protesto em Vitória.

Juntaram-se a eles, então, anarquistas, independentes, midialivristas, punks, secundaristas, alunos de escolas públicas e particulares e sindicalistas para brigar por redução no preço da passagem de ônibus e por melhorias no transporte público. Eles formaram o Movimento Contra o Aumento Tarifário. “Você não pode dizer que 90% de quem está ali sabe porque está. Não sabe. Tem os 10% que têm alguma ideologia e sabe porque quer e o resto está ali porque é legal e tal. Eu sei. Eu tenho filho adolescente e sei como é que é. E pelo *Facebook*, pelo *Twitter*, a gente via isso. Tinha gente falando assim: oba, vamos lá que hoje vai ter... Então, era uma febre. Virou também uma coisa de vou participar, mas não sei do que”, defende Cintia Alves, editora de Cidades do jornal A Gazeta.

O próximo passo foi a criação de perfis em outras redes sociais (*Facebook*²⁸ e *Twitter*²⁹) e um *blog*³⁰, para se comunicarem entre si e com a sociedade. “A esperança que eu tinha... Eu via 500 pessoas (na comunidade do Orkut): ah, 500 estão garantidos na rua. Aí, doce ilusão né. Porque a gente tem até uma regra agora que quando a gente faz um evento, se forem 10% das pessoas confirmadas é muito”, comenta Ester Vaz, estudante de educação física na Ufes e manifestante do Protesto em Vitória.

No dia 19 de janeiro de 2011 aconteceu a primeira manifestação realizada pelo grupo, que seguiu da Ponte da Passagem para a Ufes, em Vitória, pacificamente, com a participação de, aproximadamente, 200 pessoas. Os manifestantes fecharam o trânsito em frente à Ufes no

²⁷ Josimar Nunes tenta negociar com policiais durante protesto no dia 02 de junho de 2011:

<http://www.flickr.com/photos/fe-lubra/5792533442/>

²⁸ Movimento contra o aumento ES: <http://virou.gr/JysV4r>

²⁹ Protesto GV: <https://twitter.com/#!/ProtestoGV>

³⁰ <http://contraoaumento.es.blogspot.com>

sentido Vitória-Serra, entraram nos ônibus sem pagar passagem e um militante acabou sendo detido sob a acusação de dano ao patrimônio público, mas foi liberado. A polícia militar usou gás de pimenta para dispersar os manifestantes.

No dia 20 de janeiro de 2011 mais protestos. Cerca de 100 estudantes fecharam a Avenida Fernando Ferrari, em frente à Ufes, por 20 minutos, no final da tarde. Depois de muitos discursos, eles seguiram para a Terceira Ponte (liga os municípios de Vitória e Vila Velha) passando pela Reta da Penha, onde apenas uma das três faixas foi liberada para a passagem dos carros.

Em 24 de janeiro quatro universitários se reuniram com o secretário de Transportes e Obras Públicas (Setop) do governo do Estado, Fábio Damasceno, e com a diretora-presidente da Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb-GV), que administra o sistema de ônibus Transcol, Denise Cadete, para discutir melhorias que pudessem amenizar o aumento do preço das passagens. As ideias apresentadas não convenceram os estudantes, já que não foram estabelecidos prazos para as melhorias no sistema de transporte acontecerem. Eles prometeram, então, continuar com os protestos e elaborar uma pauta para discussão com o governo.

Um acampamento foi montado nas escadarias da Assembleia Legislativa na noite do dia 31 de janeiro. Os manifestantes dormiram em barracas para protestar no dia seguinte contra o aumento das tarifas dos ônibus e o reajuste salarial de 62% que os deputados estaduais concederam a si mesmos no final de 2011. Na Casa era possível ouvir os apitos, buzinas e tambores dos manifestantes durante a cerimônia daquele dia.

No dia 08 de fevereiro de 2011 houve mais uma manifestação na Terceira Ponte.



2º Manifestação na Terceira Ponte | 08/02/11

Figura 2. Vídeo da manifestação na Terceira Ponte.

O vídeo mostra os manifestantes correndo em direção à Terceira Ponte. Um engarrafamento já começa a se formar na entrada da ponte. Os carros buzina. Após liberarem as cancelas para a passagem dos carros, os manifestantes cantam juntos: “Pode passar, o Casagrande vai pagar”. Alguns manifestantes entregam panfletos aos motoristas. Outros carregam uma grande faixa com os dizeres: UMAES - Em defesa da escola pública. Em outra faixa está escrito: Por uma educação a serviço dos trabalhadores. Os manifestantes continuam gritando: “resistir, resistir, até a tarifa cair”. Eles empunham uma faixa na qual está escrito: Barrar o aumento³¹.

Em 23 de fevereiro de 2011, um novo protesto. Dessa vez no terminal de Carapina, na Serra. Os estudantes sentaram-se no vão central cantando³² e percorreram o terminal convidando as pessoas a participarem das manifestações. Depois saíram do terminal e decidiram voltar, mas desta vez pulando a roleta de cobrança da passagem. Quando a polícia chegava ao local, os manifestantes embarcaram em um ônibus em direção ao terminal de Laranjeiras, também na Serra. Os estudantes organizaram ainda um bloco de carnaval³³ no dia 26 de fevereiro, chamado “É popular e pra pular”, com a proposta de incentivar mais pessoas a participarem das lutas. Eles saíram de Jardim da Penha em direção à praia de Camburi.



Figura 3. Cartaz de divulgação do ato.

O Movimento Contra o Aumento Tarifário realizou junto às Centrais Sindicais do Espírito Santo uma plenária no dia 01 de março de 2011 na qual ficou decidido que o dia 16 de março seria o Dia Estadual de Luta por um Transporte Público de Qualidade, o dia D. Foi quando a classe estudantil e trabalhadora se reuniu na frente do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e foi até uma rádio capixaba para tentar conversar com o governador do Estado, Renato Casagrande, que concedia entrevista no local, mas não conseguiram. Os manifestantes

³¹ Relato do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=WOxsLG074oM>

³² Um dos refrões entoados pelos manifestantes: "Boi, boi, boi, boi da cara preta, se não baixar a passagem, agente vai pular roleta".

³³ Ver em: <http://contraoautoes.blogspot.com/2011/02/carnaval-e-popular-e-pra-pular.html>

seguiram para a Ceturb-GV, onde realizaram um ato contra o aumento da tarifa e depois foram para a praça do pedágio da Terceira Ponte e liberaram as cancelas para a passagem gratuita dos veículos.

3.2 A grande manifestação

Em maio de 2011, nos muros da cidade e no *Twitter* (através de *hashtag*) lia-se: “Dia 02/06 a cidade vai parar” ou #02do06VitoriaLiteralmenteVaiParar. Promessas de que no dia 02 a cidade pararia, por um motivo ainda desconhecido da população. “Eu chegava para a aula ou passava lá no meu bairro, todo mundo perguntava, todo mundo sabia. Oh, Vitória vai parar. Às vezes não sabia nem porque, mas sabia que Vitória ia parar e já estava meio assim: vou sair de casa? Sei lá o que é isso”, conta Ester Vaz.

DIA 02 DE JUNHO NÃO SAIA DE CASA VITORIA
LITERALMENTE VAI PARAR! Depois não diga
que não avisamos
[#02do06VitoriaLiteralmenteVaiParar](#)

Figura 4. Conteúdo divulgado por usuário do *Twitter*.

Ninguém deu muito ouvido e no dia anunciado, por volta das 07h, cerca de 50 manifestantes, majoritariamente estudantes, fecharam uma das vias da Avenida Jerônimo Monteiro no Centro de Vitória com barricadas de pneus queimados, em frente à escadaria do Palácio do governo do Estado do Espírito Santo, o Palácio Anchieta. “O objetivo maior deles não era nem um movimento reivindicatório. O que a gente via, através não só da internet, mas das próprias informações que a gente recebia da Ufes é que o movimento era, na verdade, um confronto à Polícia Militar”, afirma Edmilson dos Santos, comandante de Polícia Ostensiva Metropolitana.

Os manifestantes exigiam a presença do governador do Estado, Renato Casagrande, para discutir o aumento do preço da passagem e as condições do transporte público, mas ele estava em Brasília. O vice-governador, Givaldo Vieira, foi convidado pelos estudantes a ir ao local do protesto para assinar um documento agendando uma conversa entre manifestantes e governador. Tampouco ele quis ouvi-los. “O engraçado é que ele (Renato Casagrande) é do Partido Socialista Brasileiro, né? Então, teoricamente, ele deveria ser o mestre em dialogar com a sociedade. E, na verdade, ele se fecha. Inclusive, ele continua assim, tá. Tanto é que ele criou agora uma subsecretaria de diálogo com movimentos sociais, ou seja, você vai conversar com a secretaria para depois chegar até ele”, enfatiza Josimar Nunes.

Até às 13h25, a cidade estava travada³⁴, os engarrafamentos já tomavam conta de toda a capital e os que participavam do protesto não pretendiam acabar com a manifestação enquanto não conversassem com as autoridades. Foi quando o governo decidiu agir e mobilizou o Batalhão de Missões Especiais (BME)³⁵ da Polícia Militar, que utilizou bombas de efeito moral³⁶, spray de pimenta, tiros de bala de borracha e cassetete para dispersar os manifestantes. “A polícia seguiu o que o governo determinou. Nenhuma polícia faz o que fez ou em vários protestos como já fez sem a ordem de governo. Então, quando você chama quem chama, que é o batalhão de choque, ele não é preparado pra agir em conflitos civis. O nome já diz: batalhão de choque. Não é uma coisa que ele vai chegar conversando”, ressalta Cintia Alves.



Figura 5. Vídeo das primeiras ações do BME no Centro de Vitória.

O vídeo começa com fotos da manifestação no Centro de Vitória. Em seguida mostra policiais do Batalhão de Choque conversando e caminhando em direção aos manifestantes, que gritam juntos, com cassetetes e escudos. Posteriormente eles recuam e o vídeo já mostra todo o batalhão formado para agir. São arremessadas bombas de efeito moral e balas de borracha. Todos os manifestantes correm. O sindicalista Luiz Carlos Rangel grita para os manifestantes: “vamos ficar aqui, vamos morrer! Eu quero morrer (com os braços abertos). Mata! Me mata! Me mata, BME. Me mata, BME. Me mata, BME. Me mata, me mata”! Ele continua gritando no meio da pista por onde caminha o BME, de pé com os braços esticados. O batalhão começa a atirar balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio. O sindicalista deita no meio da pista. Mais nenhum manifestante está próximo ao local. Todos correram para as proximidades do Palácio Anchieta. O BME continua avançando na pista e, quando todos os manifestantes já se retiraram para a Cidade Alta, libera uma via para a passagem dos carros. O BME ocupa a Cidade Alta³⁷.

³⁴ Foto do congestionamento causando pelo protesto: <http://virou.gr/JeQ6lh>

³⁵ Vídeo do início da ação do BME contra os manifestantes: <https://www.youtube.com/watch?v=J4bvLaKQM5c>

³⁶ Foto das primeiras ações do BME contra os estudantes: <http://virou.gr/JeQ9xx>

³⁷ Relato do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=J4bvLaKQM5c>

Para se defenderem, os manifestantes arremessaram pedras³⁸ contra os policiais, refugiaram-se nas escadarias do Palácio Anchieta e o trânsito foi completamente fechado nos dois sentidos da Avenida Jerônimo Monteiro (em frente à sede do governo do Estado). “Parar o trânsito é a última arma. Você não pode pegar a última arma e começar no começo. Eles começaram do fim para o começo e utilizaram um meio radical para tentar dizer que os outros são maus”, afirma Gustavo Badaró. Para os manifestantes, foi uma tentativa de defesa. “Eu acho assim, as atitudes extremas acabaram sendo tomadas por conta da atitude extrema da polícia”, defende Daiane Reis.

O sindicalista Luiz Carlos Rangel deitou-se no chão³⁹, para evitar que o choque avançasse. Em vão. A tropa passou por ele como se fosse uma pedra no meio do caminho. Ele levou oito tiros de bala de borracha.



Figura 6. Sindicalista tenta impedir avanço do Choque. Foto: Paulo PTX2010

O grupo de manifestantes foi para a Praça João Clímaco, localizada ao lado do Palácio Anchieta, seguido pelo BME. Por volta de 13h55 o trânsito começou a fluir lentamente na região. A essa altura já havia surgido no *Twitter* e no *Facebook* uma convocação de mobilização à tarde, em frente à Ufes, com um objetivo a mais: protestar contra o uso desmedido da força pelo Estado.

Resolvemos às 14h fazer um protesto em solidariedade aos manifestantes da manhã. Fomos imediatamente reprimidos pelo truculento BME

5
RETWEETS

Figura 7. Declaração de usuário no *Twitter*.

³⁸ Reação dos manifestantes durante o confronto com o BME: <http://virou.gr/JeQaSf>

³⁹ Foto em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.127884887291509.32815.100002099960781&type=3>

A convocação na forma de convite pelo *Facebook* para participar de um evento⁴⁰ tornou-se naquele momento um exemplo de como a mobilização política emerge na rede, na forma de um turbilhão: centenas de perfis compartilham o evento, “flodando” *timeline* dos amigos e, assim, demonstram que o movimento tornava-se de massa.



Figura 8. Evento do Facebook.

À tarde, mais uma vez, o que se viu foram bombas sendo lançadas nos manifestantes e até a universidade⁴¹ não foi poupada⁴². Balas de borracha atingiram mesmo quem não fazia parte das manifestações⁴³. Algumas crianças e idosos precisaram se refugiar no Teatro Universitário. Até cães⁴⁴ foram utilizados pelos policiais para reprimir o movimento. “Protesto de Estudantes e o Governador colocou o Batalhão de Choque atirando e jogando bombas contra a Ufes”, relatava um internauta no *Twitter*.

O BME joga bomba de gás, de efeito moral e da tiro de bala de borracha dentro da UFES e BigHouse nada fala sobre o caso
#protestoemvitória
Responder Retweetar Favorito Mais

Figura 9. Relato de usuário no *Twitter*.

⁴⁰ Evento do *Facebook*: <https://www.facebook.com/events/149249111813364/?ref=pb>

⁴¹ Vídeo das bombas dentro da universidade: <http://qik.com/video/40666850>. Foto: <http://www.flickr.com/photos/fe-lubra/5792548146/>

⁴² Somente a Polícia Federal é autorizada a entrar na universidade. Apesar disso, o BME atirou bombas e balas de borracha dentro da Ufes, por cima do portão principal.

⁴³ Senhor é atingido: <http://www.flickr.com/photos/httpprefeitadeviananingcom/5920858819/>

⁴⁴ Policial com cão em frente à Ufes: <http://www.flickr.com/photos/ewertonandrade/5791373853/>

Alguns manifestantes já esperavam a reação violenta da polícia e foram ao protesto à tarde com os rostos cobertos por camisas⁴⁵ e máscaras, para amenizar os efeitos das bombas de gás lacrimogênio e do gás de pimenta, o que não adiantou muito.



Figura 10. Efeito das bombas de gás lacrimogênio nos olhos do manifestante. Foto: Izaias Buson.

“Entre a bala de borracha e o contato físico entre o policial militar e os manifestantes, qual é melhor? É melhor, às vezes, a bala de borracha porque no contato físico quase sempre existe uma violência maior. Mesmo a tropa sendo treinada para isso, a tendência é que haja uma agressão por parte dos manifestantes e até uma reação um pouco desmedida a partir do momento que tem um contato físico. Então, se opta pelo gás lacrimogênio e pela bala de borracha justamente para evitar esse contato físico entre manifestante e policial militar”, defende Edmilson dos Santos.

3.2.1 Cobertura das manifestações

Enquanto isso, na internet, chovia fotos, vídeos e testemunhos ao vivo sobre os acontecimentos a todo o segundo. “Pelas imagens da repressão à manifestação estudantil em Vitória, achei que estivesse vendo notícia sobre conflitos na faixa de Gaza”, comentou uma usuária do *Twitter*. De mera manifestação de grupos radicais, agora o protesto se nomeava *#protestoemvitoria*⁴⁶ e seu alcance, derivado da produção cooperativa de milhares de perfis, já chegava ao status de “opinião pública”. Muitos manifestantes que buscavam divulgar o protesto foram duramente reprimidos, como conta Marcos Accioly, gerente de sistemas, que realizou transmissão ao vivo do Protesto em Vitória: “O cara apontou a escopeta e falou: meu

⁴⁵ Manifestante cobre o rosto para não sentir o cheiro das bombas: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=153680604702120&set=a.153678898035624.37531.100001805439901&type=3&theater>

⁴⁶ *Hashtag* criada no *Twitter* para agrupar os conteúdos sobre as manifestações.

irmão, não vai bater foto, não. Eu achei que eu ia tomar um tiro ali naquela hora, de borracha. É ruim de qualquer maneira achar que vai tomar um tiro, mesmo sendo de borracha. A gente sente na pele um pouco esse tipo de repressão que acontece com as pessoas que a gente considera bandidos. Mas que no fundo sei lá o que acontece. É uma coisa muito estranha alguém apontar a arma na sua cara. Quando você sente que você não estava fazendo nada de errado, é muito ruim”.

A população, até então revoltada com as horas de trabalho perdidas em vão no trânsito parado daquele dia, observava a atitude truculenta da polícia. A comunicação passou a ter um “corpo social”, já que saía de cena o exibicionismo típico dos perfis das redes sociais para a inflação de visibilidade da política que só a rede, hoje, é capaz de criar. De dentro dos movimentos, imagens de abuso policial eram vazadas em tempo real, o que gerava destaque para tuiteiros e blogueiros pela coragem no registro dos conflitos, enquanto a imprensa seguia a sua tradicional agenda de cobrir, fundamentalmente, os “excessos” dos lados. “Eu vou te falar do jornal impresso. Acho que foi bem imparcial (a cobertura). A gente mostrou todos os lados e foi uma cobertura extensa. Eu lembro que a gente deu várias páginas. Eu não me recordo quantas, mas a gente deu. A gente manteve fotógrafo lá o tempo todo, acompanhando tudo. Pegamos umas fotos bem interessantes. Assim, participamos mesmo da coisa toda”, comenta Cintia Alves.

O governador Casagrande foi o principal alvo dos comentários nas redes sociais, porque se recusava a atender os manifestantes e a ouvir suas reivindicações. “Meu olho está ardendo. A Polícia Militar do Espírito Santo é covarde, assim como o governador Casagrande. Massacre a pessoas inocentes!”, relatou outro internauta no *Twitter*.

As transmissões ao vivo dos protestos pela internet, permitiram ao internauta que não pudesse participar das mobilizações, ter uma visão de dentro dos acontecimentos. As cenas capturadas mostravam o BME caminhando ao encontro dos manifestantes⁴⁷, o momento do arremesso das bombas dentro da Ufes, a movimentação dos estudantes⁴⁸, a reação da população contra as ações truculentas do BME⁴⁹, além de depoimentos dos que participaram da manifestação⁵⁰. Alguns dos canais de transmissão ao vivo do protesto tiveram mais de 2,3 mil acessos permanentes⁵¹. “Eu estava lá fora até na hora que os policiais começaram a andar (na Ufes). As meninas tinham flores, enfim, estava uma movimentação que não estava

⁴⁷ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40666850>

⁴⁸ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40666497>

⁴⁹ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40671272>

⁵⁰ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40671899>

⁵¹ Um dos canais da transmissão ao vivo: http://www.ustream.tv/channel/testezzxdd#utm_campaign

fazendo nada com ninguém. Foi isso que assustou um pouco. Então, a gente entrou na universidade e eles começaram a atirar, a gritar mesmo, a atirar. Assim, eu entendo que é a forma de reprimir o que estava acontecendo, mas foi estranho para quem estava, porque a gente imagina que esse tipo de coisa acontece quando existe uma ação violenta, por exemplo, e não ali. Aí, por isso eu comecei a gravar”, relembra Marcos Accioly.



Figura 11. Canal de Marcos Accioly no Qik para a transmissão ao vivo.

“Não queria falar não, mas o Batalhão Militar Especial está vindo aí. Cachorro, escudo de choque, cassetete na mão, bomba de efeito moral. As meninas já estão esperando ali, já foram entrevistadas e estão com uma flor aguardando os guardas ali. Uma atrás da outra. Elas são as primeiras a recepcioná-los. Falaram que só vão sair dali quando aparecer alguém pra conversar. Cadê alguém pra conversar? É a polícia que veio conversar? Eu acho que não. Eles não estão muito com cara de muitos amigos não. Não estão com cara de conversa não. Eles vão passar por cima delas. O Batalhão Militar Especial falou que em cinco minutos ia começar. E o pessoal está aqui manifestando porque lá no Centro de Vitória, hoje, atiraram, passaram por cima da manifestação e ninguém foi lá conversar nada. E aí, o povo daqui da Ufes organizou, porque ficou revoltado com a atitude dos policiais e a falta de liderança do Governo do Estado, representado na figura do governador que é o Casagrande. Renato Casagrande poderia estar fazendo mais e não ta. Pegou seu helicóptero e voltou de Guarapari, acredito que já esteja em Vitória pelo que a gente leu no Gazeta Online. Poderia já estar em conversa ou mandar o seu secretário para conversar. O pessoal já vem fazendo essas manifestações já tem muito tempo. Olha lá, começou. Abaixou o visor, visores abaixados. O negócio é o seguinte: você quer conversar com alguém e o pessoal manda a polícia para conversar com você. É bem didático! O Batalhão de Choque começa a andar e eles vêm com um olhar intimidador. As meninas já saíram. (Som de vaias quando alguns policiais chegam perto dos manifestantes). Os ânimos vão aumentando, a galera enfrenta a polícia. Imagina o coração de um cara desse. O que é pior do que enfrentar o bandido. Porque você vai enfrentar o bandido, às vezes, até tem o sentimento de que está fazendo a coisa certa. Agora aqui vai falar o que? Eles não estão fazendo nada contra mim. Mas eu vou fazer o que? Vou atirar neles. O Batalhão Militar já está lá. Toda a imprensa está em cima. Esse parece ser o procedimento padrão. Eles devem vir agora. Vieram pedir para sair e eles não querem. Aí, voltam vindo todo mundo. É procedimento padrão de guerra. Você vai. Vai conversar com a gente? Não. Agora o batalhão se

prepara. Quantos policiais tem ali? Uns 50? É por aí. Os ânimos aqui estão complicados. Parece que tem um cachorro latindo. É agora. E eles já vão gritando. Olha ali a bala de borracha. Eles já estão mandando todo mundo entrar aqui (na Ufes). (Os manifestantes começam a correr para dentro da universidade). Que coisa maluca! (Sons de tiro). Está sinistra a situação aqui. Lá vem bomba. Aqui está uma bagunça completa na Ufes. Todo mundo correndo. (Mais tiros e gritos: “sai daí, galera. Não fica aí não”). Eles não podem fazer isso não. Dentro da Ufes não pode não⁵².

Através da divulgação de informações online, os acontecimentos de Vitória chegavam a outras cidades e muitos internautas até de outros estados ajudavam na divulgação dos fatos e exprimiam sua opinião sobre o movimento. “Governo de centro esquerda (PSB e PT e outros) no ES reprime manifestação de estudantes em Vitória hj”, postou no *Twitter* um internauta do Rio de Janeiro.

Durante os dias de protesto mais intensos em Vitória, em Teresina (PI) também acontecia um processo de luta semelhante. Através da internet foi possível se inspirar no movimento desenvolvido lá e servir de inspiração para eles. “A gente encontrou com o pessoal de Teresina, na Cúpula dos Povos, eles falaram, vocês estavam lá na luta. Vocês encorajaram a gente e a gente se encorajando com as atitudes deles lá”, conta Ester Vaz.

O reitor em exercício da Ufes na época, Reinaldo Centoducatte, publicou uma nota oficial da Administração Central da Ufes no seu perfil no *Facebook* para mostrar o posicionamento da universidade em relação aos acontecimentos do dia 02.

Cenas lamentáveis na Ufes na tarde de hoje - NOTA OFICIAL
por Reinaldo Centoducatte, Quinta, 2 de Junho de 2011 às 23:03 · 🌐

Compartilho a nota oficial da Administração Central da Ufes sobre as cenas lamentáveis de hoje à tarde. O diálogo é o melhor caminho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

NOTA OFICIAL

A Universidade Federal do Espírito – Ufes – por meio da sua Administração Central, lamenta o episódio ocorrido na tarde desta quinta-feira, dia 2, envolvendo uma tropa da Polícia Militar do Espírito Santo e manifestantes, em episódio ocorrido na Avenida Fernando Ferrari, cuja via dá acesso ao campus universitário de Goiabeiras.

O episódio entre a corporação e manifestantes acabou causando consequências para estudantes, servidores técnicos, professores e visitantes que passavam na área do campus, e que não tinham qualquer participação no evento. O vice-reitor no exercício da Reitoria, professor Reinaldo Centoducatte tomou a iniciativa de acionar o governador em exercício, Givaldo Vieira e, por telefone, relatou os acontecimentos e pediu que cessasse imediatamente aquele procedimento policial no interior do campus, sendo prontamente atendido.

Para a Administração Central da Ufes, o campus da Universidade, seus professores, servidores, estudantes e visitantes, não podem sofrer consequências físicas e morais diante de um episódio ocorrido numa via pública. A Administração reafirma a sua posição em defesa do diálogo democrático com a sociedade, e ressalta que estará, permanentemente, atenta à segurança da instituição de ensino e dos seus membros.

A Administração Central
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Carlos

Figura 12. Nota da Administração Central da Ufes.

⁵² Transcrição das falas do vídeo: <http://qik.com/video/40666850>

Várias instituições, conselhos e associações declararam apoio ao movimento encabeçado pelos estudantes e repúdio à ação do BME. “Não aceitamos a repressão e a violência como forma de lidar com as manifestações legítimas do nosso povo, em cenas características de nosso recente passado ditatorial”, declara parte da nota de repúdio⁵³ assinada por 21 instituições do Espírito Santo.

Após os confrontos na Ufes, os estudantes se reuniram e decidiram seguir com o protesto pouco depois das 17h para a Terceira Ponte, que liga os municípios de Vitória e Vila Velha. Lá a repressão foi ainda mais intensa, pois a cavalaria da Polícia Militar, o BME e a Companhia de Rondas Ostensivas Tático Motorizadas (Rotam) esperavam os manifestantes. Toda a movimentação da polícia era anunciada e registrada por imagens via *Twitpic*⁵⁴ pelas pessoas que trabalham em escritórios ou gente comum que estavam próximos à ponte, como forma de alerta em relação ao que os protestantes encontrariam pela frente.



Figura 13. Postagem de um usuário do *Twitter*.

Era o horário em que as pessoas retornam para a casa depois do dia de trabalho, o que contribuiu para que se formasse um grande congestionamento na Reta da Penha, no sentido Centro. A polícia estava pronta para agir, dispersar os manifestantes e liberar o trânsito. Um jovem relatou no blog⁵⁵ que os policiais apontavam as armas para as pessoas, estivessem elas ou não participando das manifestações⁵⁶ e pediam que se deitassem no chão. Alguns receberam chutes e pontapés e tiveram escopetas apontadas para seus rostos. “Como eles (os policiais) estão preparados, quase sempre o que acontece é no máximo uma lesão em decorrência de uma bala de borracha, alguém que às vezes cai porque corre, mas ali não houve uma agressão propriamente dita por parte de qualquer integrante da tropa”, afirma Edmilson dos Santos, comandante da polícia.

⁵³ O arquivo pode ser acessado em: <http://protestoemvitoria.blogspot.com/2011/06/os-movimentos-sociais-do-espírito-santo.html>. Outra carta de apoio ao movimento, dessa vez da ANEL, pode ser acessada em: <http://protestoemvitoria.blogspot.com/2011/06/carta-de-apoio-da-anel-as-manifestacoes.html>.

⁵⁴ *Twitpic*: <http://twitpic.com/>

⁵⁵ Post completo em: <http://sequestradospelapolicia.blogspot.com.br/2011/06/fui-presos-galera.html>

⁵⁶ Repressão policial: <http://virou.gr/KmOXce>

Em meio ao protesto daquela noite havia um policial armado, conforme conta um dos jovens presos no mesmo blog: “(...) Um sujeito armado estava no meio dos meninos, ninguém sabia exatamente fazendo o que. Gritaram “POLÍCIA”! e ele: “não sou polícia não, não sou polícia não”. Até que, acuado, assumiu ser policial e levantou a arma efetuando três disparos. Uns correndo dele, outros correndo pra cima dele. E eu correndo atrás desses: “Vocês tão doido, tão querendo tomar tiro, alguém aqui tem o peito de aço”? Ainda ouvi de um cidadão bem disposto: “Se for mais de dez atrás dele ele não vai ter bala suficiente pra todo mundo, não vai atirar”⁵⁷. O policial Edmilson relata que é comum terem policiais a paisana em todas as manifestações de rua: “Ele fica no meio do povo, observa algumas outras situações e, inclusive, alguns tipos de movimentos que serão feitos a posteriori. Então, ele vai passar essa informação para alguém, que irá passar para o comandante da ação propriamente dita”.



Figura 14. Blog com relato da prisão dos manifestantes.

Nesse momento, a *hashtag* #protestoemvitoria ocupava o primeiro lugar nos *Trending Topics* Brasil, entrando em poucas horas para o *Trending Topic Worldwide*, no *Twitter*. Muitos *tweets* informavam o que acontecia na mobilização em tempo real. “O companheiro Haimon está internado no Hospital São Lucas, após ser espancado por policiais covardemente. #protestoemvitoria #ForaCasagrande”, informa um usuário da rede social.

Os manifestantes finalizaram os protestos daquele dia no Centro de Vitória. Na mesma noite, ativistas do movimento na internet convocavam a população a se unir aos estudantes no dia seguinte, a fim de protestar contra os excessos do BME.

⁵⁷ Post completo em: <http://sequestradospelapolicia.blogspot.com.br/2011/06/fui-presos-galera.html>

Amanhã é dia de mostrar que as redes sociais tem poder em Vitorinha! PROTESTO - 17H - EM FRENTE AO TEATRO DA UFES

#protestoemvitoria



Figura 15. Convocação de um usuário do *Twitter*.

Entre os presos⁵⁸, 27 no total, havia até um trabalhador que esperava o ônibus para voltar pra casa e não participava das manifestações. Alguns foram levados ao Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de Vitória porque estavam segurando cartazes. Outros precisaram deitar de barriga no chão e tiveram suas mochilas revistadas. Mas antes de chegarem à delegacia, rodaram por cerca de uma hora pelas ruas de Vitória no camburão da polícia, algemados. Os detidos foram encaminhados para uma cela que já estava ocupada por sete homens incriminados por tráfico de drogas. Os manifestantes presos foram acusados de desacato à autoridade, corrupção de menores (havia alguns detidos com menos de 18 anos) e depredação de patrimônio público. Eles só foram liberados devido à intervenção de advogados do Movimento de Direitos Humanos. O último detido só saiu da delegacia às 05h30 do dia seguinte.

No final do dia de intensos protestos, muitas fotos, vídeos e depoimentos em forma de posts em blogs foram lançados na rede. Foi o momento em que os manifestantes chegaram às suas casas, tiveram mais tempo e condições estruturais para subir para a internet os conteúdos produzidos durante a manifestação (já que nem todos contam com aparelhos *mobiles* que possibilitam a conexão com a internet) e puderam refletir um pouco mais sobre os acontecimentos do dia. “(...) No meu blog eu publiquei algumas informações que nem foram divulgadas, algumas ações truculentas que a polícia teve, por exemplo, que só eu e as pessoas que estavam lá viram”, relata Josimar Nunes.

As publicações na internet, além de noticiarem os fatos do dia, contestavam a ação da polícia, dos manifestantes e do governo:

⁵⁸ Alguns deles criaram um blog para relatar os acontecimentos: <http://sequestradospelapolicia.blogspot.com/>

Givaldo Vieira, meu ex-amigo

O vice-governador Givaldo Vieira foi meu amigo, militante e estava conosco quando paramos a cidade com mais de 10 mil pessoas contra o aumento das passagens em 1988. Hoje a PM, sob seu comando, agrediu violentamente uma manifestação igual, ferindo estudantes. Tenho orgulho de dizer que minha filha estava lá. E o meu ex-amigo, agora manda a polícia atacar minha filha que, graças a Deus, seguiu os meus passos e não o dele. Enquanto ele não se retratar e punir o comando da PM, estará na lista de meus inimigos.

Compartilhar

Figura 16. Nota publicada por um usuário do *Facebook*.

O Protesto em Vitória chegou também à imprensa nacional. Diversos jornais televisivos⁵⁹, impressos e online⁶⁰ divulgaram os fatos do dia 02 de junho, dando ainda mais amplitude às mobilizações. As matérias mostravam a ação do BME, os engarrafamentos causados pelo fechamento de avenidas, as reivindicações dos manifestantes e as consequências do enfrentamento entre eles e a polícia.

A imprensa capixaba que, no começo, mostrava apenas o caos no trânsito e os transtornos à população que não conseguiu chegar ao trabalho, à escola, ao hospital, causados pela interdição das vias, precisou mudar seu foco, frente à cobertura midiativista dos acontecimentos. À medida que novos relatos foram emergindo na rede, era preciso incorporar à mídia tradicional matérias que também mostrassem o lado dos estudantes, que lutavam por melhorias no sistema de transporte e por tarifas menores, sob pena de perder a audiência (o que perdeu em muito pela demora no relato da versão dos estudantes) e a credibilidade caso não desse o “outro lado” da situação. “A gente tentou dar o mais variado possível. Tanto as cenas durante o dia, quanto dar pra frente, o que vai ser feito se novos protestos acontecerem. A questão do trânsito que ficou complicado, foram seis horas de trânsito, bem complicado mesmo. A parte dos detidos, a parte do movimento estudantil... Não ficou grande não a resposta deles”, relembra Francine Spinasse, jornalista da Reportagem Especial do jornal *A Tribuna*.

3.3 No dia seguinte... A manifestação maior ainda

O dia 03 de junho começou com manchetes históricas nos jornais de maior circulação do Espírito Santo, *A Gazeta*⁶¹, *A Tribuna*⁶² e *Notícia Agora*⁶³. As matérias indignaram⁶⁴ os

⁵⁹ Vídeo em: <http://www.youtube.com/watch?v=78VwJtzrdh0>

⁶⁰ Matéria em: <http://virou.gr/Kb9xy2>

⁶¹ Manchete principal de *A Gazeta*, no dia 03 de junho de 2011: “Eles querem passe livre... mas não deixam a cidade passar”. Ver em: <http://ficavaiterbomba.tumblr.com/post/6147453247/vergonha-1>

manifestantes, que foram mostrados como baderneiros e transgressores da ordem pública. “A manchete é uma questão editorial. É feita uma reunião entre os editores e eles escolhem realmente algo que eles acham que está de acordo com o pensamento da população. E quando eles falam da população é a maioria da população. À noite, o que eles sentiam da população era que já estava todo mundo cansado, porque os estudantes tinham extrapolado, porque o comércio ficou muito prejudicado, as pessoas não foram trabalhar ou chegaram atrasadas no trabalho. As pessoas ficaram quatro horas no trânsito. Mas o pensamento da A Tribuna é que o grupo de manifestante é minoria e tinha que ser cedido”, defende Francine Spinasse.

Buscando formas alternativas de divulgação do que realmente acontecia dentro do Movimento Contra o Aumento Tarifário, multiplicaram-se na rede fotos, vídeos, comentários em redes sociais e posts em blogs que demonstravam o repúdio à atitude da imprensa tradicional, publicados de minuto a minuto pelos que participavam ou simpatizavam com o protesto. Foi também criado um *Tumblr*⁶⁵ para agregar os conteúdos divulgados pelos manifestantes na internet.

Imprensa tentou forjar uma história em favor do BME... Só se esqueceu de uma coisa... Não são só eles que tem cameras. #tecnologia



Figura 17. Depoimento de usuário do *Twitter*.

Segundo a editora de Cidades de A Gazeta, Cintia Alves, “tem uma animosidade em relação à Rede Gazeta por parte dos estudantes, que é aquela coisa contra a Globo. Aquela coisa meio imbecil, eu acho, porque não tem muito motivo. Porque a A Tribuna chega a ser pior quanto a isso. Então, tinha uma dificuldade de falar com eles, um pouco. (...) E que é uma coisa que a gente entende, porque é menino, estudante, novo, e acha que a imprensa é golpista, é isso e aquilo... Mas acho que falta ler um pouquinho, se informar, pra saber o que que é”, ressalta Cintia.

⁶² Manchete principal de A Tribuna, no dia 03 de junho de 2011: “Baderna complica a vida de mais de um milhão”. Ver em: <http://www.tribunaonline.com.br/>

⁶³ Manchete principal do Notícia Agora, no dia 03 de junho de 2011: “Sem controle”. Ver em: <http://ficavaitebomba.tumblr.com/post/6147467199/vergonha-2>

⁶⁴ Post de um dos manifestantes, em repúdio à cobertura midiática dos protestos: <http://mtl-es.blogspot.com.br/2011/06/violencia-travestida-faz-seu-trottoir-2.html>

⁶⁵ *Tumblr* agregador de conteúdos: <http://ficavaitebomba.tumblr.com/>

Através dos conteúdos divulgados pelos manifestantes, a narrativa da multidão ganhava forma, agrupada, especialmente, na *hashtag* #protestoemvitoria no *Twitter*, gerando uma espécie de conflito da verdade, já que agora não só os veículos midiáticos tradicionais detinham o poder hegemônico de enunciar os fatos. As fotos⁶⁶ dos internautas mostravam a organização dos estudantes antes de saírem em marcha, as lideranças fazendo pronunciamentos, as diversas formas de protesto, a ação do BME, as consequências das balas de borracha e do gás lacrimogêneo, além das expressões que misturavam garra e medo nos rostos dos manifestantes. Os vídeos retratavam a ação do BME contra os manifestantes, as passeatas e depoimentos de quem estava dentro e fora do movimento. Os posts em blogs e redes sociais continham desabafos, informações sobre as reivindicações e os protestos. Charges⁶⁷, zines⁶⁸ e *mashups*⁶⁹ foram produzidos pelos manifestantes para informar à população sobre as reivindicações do movimento e mostrar seu descontentamento.



Figura 18. Zine distribuído durante a manifestação.

“A intenção era que as pessoas vissem o que estava acontecendo. Porque o que estava saindo na mídia, na mídia de massa, era outra coisa. Que os policiais não tinham feito isso ou aquilo, os alunos que eram isso ou aquilo”, defende Marcos Accioly.

⁶⁶ Fotos em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.153678898035624.37531.100001805439901&type=3>

⁶⁷ Charge: <http://2.bp.blogspot.com/-D9eqok4OZfc/TfBVW91IN5I/AAAAAAAAAB4/CaoN-PEbZmU/s1600/316727725.gif>

⁶⁸ Pode ser acessado em: <http://ficavaiterbomba.tumblr.com/post/6147848842/zine-que-sera-distribuido-hoje-no>

⁶⁹ Um dos vídeos pode ser assistido em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZLZtNKCxttk>



Figura 19. *Mashup* do clipe da Banda Mais Bonita da Cidade.

Um grupo fez uma paródia com a música Oração, da Banda Mais Bonita da Cidade e gravou um vídeo que faz alusão ao clipe da canção. A letra cantada no vídeo diz: “Governador, veja a manifestação, contra o aumento do busão. A passagem é absurda ninguém aguenta. Desse jeito vai chegar a R\$ 2,50. Me ferrou, ferrou a cidade inteira. Ferrou minha sexta-feira. Ferrou nós dois. Ferra até o cobrador, que também pega o busão, sua própria condução. Hoje eu vi um estudante de muletas, se preparando para pular a roleta. Me ferrou, ferrou a cidade inteira. Ferrou minha sexta-feira. Ferrou nós dois. Ferra até o governador, veja a manifestação”...⁷⁰

Quando a cobertura alternativa do protesto ganhou mais amplitude, começou a incomodar e toda uma máquina de comunicação foi usada por parte do governo para se “defender”. Foi ao ar na TV local uma campanha⁷¹ dizendo que o Governo do Estado estava realizando um conjunto de investimento inédito na história para modernizar o sistema de transporte e trânsito na Grande Vitória. A campanha publicitária mostrava realizações como modernização dos terminais, gratuidade nas passagens e as obras no trânsito.

Em contrapartida, com ainda mais força os manifestantes buscavam divulgar pela internet o ato que aconteceria na tarde do dia 03 de junho, em frente à Ufes.

Concentração do ato: dia 3 de junho, sexta feira, as 17h, no Teatro Universitário.



Figura 20. Publicação de usuário do *Twitter*.

⁷⁰ Descrição do vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=ZLZtNKCxttk>

⁷¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=acLEB1rM5pg>

Os vídeos e fotos do dia 02, divulgados pela rede, motivaram a participação de mais pessoas nos protestos do dia seguinte. “Eu tenho certeza que as fotos, as transmissões, os mini-sites, os hotspots, as páginas, as conversas contribuíram para isso ter virado o que virou. Cinco mil pessoas andando. Sei lá quantas mil pessoas andaram. Duas mil, três mil, sei lá. Não importa. Mas não era mais um grupinho querendo falar de alguma coisa”, ressalta Marcos Accioly.

Um grupo de estudantes e representantes de movimentos sociais se reuniu, na tarde do dia 03 de junho, com o vice-governador Givaldo Vieira com o intuito de evitar confrontos nas manifestações. Conforme reportagem⁷², Givaldo declarou que não iria tolerar o fechamento de avenidas pelos manifestantes, que a ação da polícia no dia 02 de junho não foi excessiva e que a conduta voltaria a ser usada caso os manifestantes desrespeitem os direitos dos cidadãos. Ele disse ainda que o governo não reduziria a tarifa do sistema Transcol, mas manteria o diálogo com os manifestantes.

A população, que antes olhava as manifestações como um atraso, devido ao fechamento das avenidas e aos longos engarrafamentos, se uniu para protestar contra os excessos do BME. No fim da tarde do dia 03 de junho, cerca de quatro mil pessoas se reuniram na Ufes, empunhando cartazes⁷³, bandeiras, faixas e flores⁷⁴.



Figura 21. Manifestantes carregam cartazes na passeata.

⁷² Reportagem: http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2011/06/a_gazeta/minuto_a_minuto/871576-estudantes-realizam-nova-manifestacao-e-buscam-o-apoio-da-populacao-da-grande-vitoria.html

⁷³ Cartaz em repúdio às manchetes do dia: <http://www.flickr.com/photos/buson/5798067108/>

⁷⁴ Manifestante carrega flores: <http://www.flickr.com/photos/buson/5797511203/>

Alguns manifestantes se vestiram de roupa social, representando políticos⁷⁵. Outros, incomodados com a cobertura das maiores corporações midiáticas capixabas, interromperam um link ao vivo da Rede Gazeta para o jornal ES TV 2ª edição, aos gritos. Isso porque a empresa soltou pela manhã em seu jornal, matérias sobre os protestos que mostraram o caos no trânsito, a ação do BME, o posicionamento da polícia e da população, mas só reservaram um pequeno espaço para o lado dos manifestantes.



Protesto em Vitória - "Gazeta mentirosa"

Figura 22. Manifestantes interrompem repórter.

No vídeo, os manifestantes gritam e interrompem link ao vivo do jornal ES TV 2ª Edição. Eles gritam repetidas vezes a frase “Aha Uhul, Gazeta Mentirosa”, enquanto se aproximam do repórter que é obrigado a parar a matéria. Em seguida, os manifestantes gritam: “Ih, fora, ih, fora, ih fora”⁷⁶.

Após a concentração na Ufes, os manifestantes seguiram em uma grande passeata até a Terceira Ponte, acompanhados por carro de som. O trânsito ficou congestionado nas Avenidas Fernando Ferrari, Nossa Senhora da Penha (Reta da Penha), Rio Branco, Desembargador Santos Neves, principais vias de acesso à Terceira Ponte.

A cidade estava cercada pela força policial por todos os lados, tudo registrado por anônimos que alertavam os manifestantes através da internet e da telefonia móveis. “Seis carros de polícia já passaram para a Terceira Ponte”, anuncia um dos perfis dos manifestantes no *Twitter*. Foi quando, então, a relação de força virou: a polícia foi retirada das ruas e a manifestação ocorreu pacificamente, liberando as cancelas do pedágio da ponte para o trânsito

⁷⁵ Foto em: http://www.cress-es.org.br/site/index.php?option=com_wgpicasa&view=album&album=5615115367962697713&page=1&Itemid=90#

⁷⁶ Descrição do vídeo: <http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=QQcP4mFMUCM&feature=fvwp>

fluir livremente. Não houve registro de nenhum tipo de enfrentamento entre manifestantes e policiais. “Todo evento que acontece a gente tem que analisar. Chegam informações do setor de inteligência, qual o objetivo (do protesto) e tudo o mais. Naquele evento houve um deslocamento da Ufes até a Terceira Ponte, então, a partir do momento que não houve por parte dos manifestantes qualquer tipo de ação contrária à ação policial e nenhum tipo de prejuízo à população, não havia necessidade de uma intervenção contra o movimento reivindicatório”, relata Edmilson dos Santos.

Os manifestantes ocuparam a Praça do Pedágio da Terceira Ponte, gritando, cantando e só se dispersaram por volta das 21h30. Grande parte das pessoas seguiu para a Ufes para uma assembleia.



Figura 23. Manifestantes ocupam o pedágio da Terceira Ponte. Foto: Rodrigo Gavini.

A justificativa do governo para a ação do BME contra a população só veio no dia 08 de junho. Segundo matéria da imprensa local⁷⁷, o governo disse que os estudantes radicalizaram e abusaram, e o batalhão foi autorizado a agir para evitar o pior. O governador Casagrande declarou na época dos protestos que se houve algum excesso por parte do governo e da polícia, eles estariam abertos a investigações. Ele ainda destacou que a função do BME é permitir que todos possam se manifestar de forma equilibrada, sem atingir o direito da maioria. “Eu não tenho como dizer se teve excesso. Aquele é o BME. O BME age daquele jeito. Excesso? Eu não vi ninguém com o crânio rachado. É muito estranho ver o BME agir. Eu não fiquei a favor. Eu não acho que deveria ter sido usado”, defende Gustavo Badaró.

⁷⁷ A matéria pode ser acessada em:

http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2011/06/a_gazeta/minuto_a_minuto/873263-acao-do-bme-e-permitir-manifestacoes-equilibradas-diz-casagrande.html

3.4 Desdobramentos

Durante as mobilizações foram incorporadas novas reivindicações na pauta do Protesto em Vitória, para além do passe livre. Fato que gerou certo desconforto. “Eu acho que os meninos, os estudantes se perderam um pouco. Porque eles não tinham uma liderança e depois eles começaram a fazer reivindicações. Você lembra as reivindicações deles? Eram coisas assim: extinguir a tropa de choque... Eles começaram a se perder nas reivindicações... Tirar do cargo o diretor da Ceturb. Gente, eles começaram a perder o foco”, comenta Francine Spinasse.

Depois do dia 03 de junho, até o dia 20 de junho de 2011, várias novas manifestações por melhorias no transporte público aconteceram na Grande Vitória. Somente no dia 27 de junho o movimento conseguiu ter algumas de suas reivindicações atendidas, em reunião com representantes do governo, na sede da Secretaria Estadual de Transportes e Obras Públicas (Setop). Ficou decidido que o valor das passagens de ônibus não seria reduzido ou congelado, mas as manifestações nas ruas chegariam ao fim. Um projeto de lei seria encaminhado à Assembleia Legislativa com mudanças no Cotar (Conselho Tarifário do Sistema Transcol), que passaria a ser formado por representantes da sociedade civil, do governo e empresários do setor. O governo também prometeu a ampliação do passe livre e o agendamento de uma reunião entre manifestantes e o governador Renato Casagrande.

A reunião com o governador aconteceu no dia 18 de agosto, data que não mais seria esquecida, depois de tanta luta. Ambas as partes acordaram que o preço da passagem não sofreria reajustes em 2011 e que o passe livre seria estendido a todos os estudantes da rede pública e bolsistas que participem de algum programa social dos governos estadual e federal. Além disso, decidiram pela criação de um conselho de transporte coletivo e mobilidade urbana, a realização de estudos para reativar o aquaviário, delimitação de corredores exclusivos para ônibus e a readequação da frota⁷⁸. Novos benefícios também foram alcançados pela mobilização da população. Os terminais de ônibus de São Torquato e Carapina agora funcionam 24 horas e um novo projeto para a reformulação do transporte público da Grande Vitória foi criado⁷⁹.

⁷⁸ O termo de compromisso completo assinado durante a reunião pode ser acessado em:

<http://contraoamentos.blogspot.com/2011/08/avancaprotestogv-governo-recua-recebe.html>

⁷⁹ Mais informações em: http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2011/08/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/946745-o-novo-transcol.html

Porém, em janeiro de 2012 acontecem mais lutas. O preço da passagem, contrariando o acordo feito entre manifestantes e governo em agosto, sofreu reajuste de 0,15 centavos. Durante todo o mês novas mobilizações surgiram nas ruas e na internet. A *hashtag* #vixparada ganhou força no *Twitter*, concentrando os relatos das ações que realmente paravam Vitória. Em fevereiro e março de 2012 mais algumas manifestações aconteceram, mas o movimento começava a perder força. “Na verdade, todo mundo tem mil coisas para fazer. Porque não dá pra gente abrir mão de tudo pra poder lutar, sendo que a gente já viu durante praticamente dois anos que a galera não se mobiliza. Aí eu falo: são poucas pessoas pra ir atrás de uma coisa muito grande. Não que seja impossível, mas a gente tem faculdade, tem trabalho, um monte de coisa assim. E a própria falta de resposta do governo, eu acho que desestimula”, conta Daiane Reis.

Atualmente, alguns participantes do movimento do Protesto em Vitória, estão elaborando um projeto para a realização de uma Conferência de Mobilidade Urbana em Vitória, solicitado pelo governo. Depois que estiver pronto, o documento será encaminhado para as autoridades decidirem como o evento será realizado.

Outro saldo positivo das manifestações foi a inserção do transporte público na agenda do governo e nas conversas cotidianas da população. “Depois que começaram as ações do Contra o Aumento, começou a despertar esse tipo de discussão. As pessoas na rua falavam, viam no jornal, comentavam, apoiavam, não apoiavam, mas gerava a discussão. Às vezes a gente entrava no ônibus, as pessoas conversavam, quem não estava ativamente na militância, um contra, outro a favor discutindo dentro do ônibus. A gente nem falava não. A gente ficava só ouvindo, achando bacana sabe? Um contra, outro a favor”, relata Bruna Ribeiro, manifestante do Protesto em Vitória.

CONCLUSÃO

A crise no mundo industrial e a passagem do capitalismo à cognição, como defende Giuseppe Cocco (2007), provocou uma grande fragmentação social, que ocasiona o aumento das desigualdades, do desemprego e do trabalho informal. As identidades tradicionais como as organizações sindicais, as dinâmicas de representação política e os movimentos sociais organizados, nesse novo contexto, também são abaladas. No lugar delas surge a multidão, capaz de produzir resistência a níveis globais: manifestações pela democratização da globalização em Seattle, movimento pela paz que mobilizou várias cidades pelo mundo contra a guerra do Iraque, mobilizações dos migrantes nos Estados Unidos, movimentos ligados às questões de gênero e de sexualidade e tantos outros. O Protesto em Vitória também foi um deles.

A união dos sujeitos em torno da indignação contra o repetido aumento do preço da passagem de ônibus na Grande Vitória, que acontece todos os anos, e a precariedade do sistema de transporte público, provocou um movimento de resistência que fez estremecerem as estruturas governamentais, midiáticas e sociais capixabas. É a multidão se coloca a agir para produzir cada vez mais subjetividade e resistência. “O motor da produção de subjetividade encontra-se no interior de relações de poder que são atravessadas por um desejo de vida, uma resistência ao poder; a resistência, portanto, pode ser encarada como esse verdadeiro motor da produção de subjetividade” (COCCO, 2009, p. 179).

Por outro lado, há que se levar em consideração que a multidão não está ausente de negatividade. Segundo Paolo Virno (2006), é um erro pensar na multidão somente como algo positivo. Além de ser solidária, ela também é agressiva. Ela realiza a cooperação inteligente, mas promove o terrorismo, a guerra entre grupos. O ator defende que é da natureza humana a agressividade, ter pulsões destrutivas e autodestrutivas e a multidão também contém esses aspectos. A multidão está sujeita à corrupção, à desintegração e à violência interna. Essa é mais uma forma do “outro” se manifestar, inventando maneiras novas e mais gratificantes de vida. Todo o movimento, portanto, carrega conflitos internos que, por vezes, podem gerar divisões em suas lutas. Entretanto, autores como Giuseppe Cocco não enxergam essas ações negativas como ações da multidão em si, mas de grupos que objetivam a destruição da vida.

O fato é que a multidão do Protesto em Vitória foi capaz de incitar transformações positivas, tanto nas ações governamentais e empresariais voltadas para o transporte público na Grande Vitória, quanto na percepção e na utilização da comunicação em terras capixabas. A imprensa tradicional, que até então ocupava o topo da hierarquia da divulgação de

informação, começou a perder espaço para a multidão comunicativa que se apodera da rede para também narrar os acontecimentos cotidianos. Como Clay Shirky (2011) proclamou, nossa habilidade de nos conectarmos uns aos outros está transformando o conceito de mídia que passou de um determinado setor da economia para um mecanismo barato e globalmente disponível para o compartilhamento organizado, com o surgimento das novas tecnologias de informação. A mídia não é mais apenas algo que consumimos, é algo que usamos.

Dessa forma, as pessoas têm hoje uma nova liberdade para agir de forma organizada e em público e, a partir disso, criam mais valor pessoal, valor que recebem por estarem ativas em vez de passivas, por serem criativas e não apenas consumidoras. Com esse uso, cria-se valor público ou cívico real, como denomina Clay Shirky, que exige trabalho árduo e, além do comprometimento com a satisfação pessoal, requer preocupação com a efetividade coletiva. Apenas dispor dos meios para compartilhar, sem um motivo para isso, não significa muito. Essa atividade precisa oferecer oportunidades que toquem em alguma motivação real. O que importa agora não são as novas capacidades informativas que temos, mas como transformamos essas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, em oportunidades. E essas oportunidades estão cada vez mais fortes: contribuíram para a derrubada de governo autoritário no Egito, levantaram fortes reivindicações nas ruas da Espanha e embasaram o Protesto em Vitória.

Felix Guattari (1995 apud MALINI, 2008) defende que o novo mundo da informação é um mundo maior do que o chavão “era da informação”. Isso porque a produção de informação revela um novo plano subjetivo, que modifica a subjetividade do indivíduo único, construtor único da sua história, do indivíduo projetado. Especialmente com o surgimento do computador e das redes interativas, está em construção uma subjetividade social, que ganha forma com as multidões criativas, nas quais o ser se constitui de acordo com a capacidade inventiva, científica, política, tecnológica, imaginativa, interativa e de construção de redes. O desenvolvimento não é mais autoral, mas resultante de um agenciamento de fluxos. O sujeito já não se basta em si. Ele é muitos (MALINI, 2008).

A possibilidade de acesso de uns aos outros, gerada pela conexão online entre as pessoas é a maior vantagem que os internautas podem tirar do uso da internet. Isso permite a construção de múltiplas narrativas com versões alternadas da realidade, que são parte do modo de pensar e de experimentar o mundo de cada indivíduo.

Essas narrativas multitudinárias, como observamos no Protesto em Vitória, não tem um ponto final, são cheias de becos sem saída, incertezas e perguntas sem respostas. Segundo Janet Murray (2003), a conclusão eletrônica só acontece quando uma estrutura de trabalho é

compreendida. A história em si não é solucionada, nem julgada em termos de satisfação ou consistência, mas o esquema da narrativa se torna claro para o leitor. O computador possibilita que as pessoas construam uma visão composta do mundo narrativo que não se esclarece em uma história única, mas compõe-se em um sistema coerente de ações inter-relacionadas.

Pudemos observar que as múltiplas narrativas do Protesto em Vitória estão inseridos no que Jenkins (2009) chama de Cultura de Convergência, a qual representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção à relação cada vez mais complexa entre mídia corporativa, que processa a informação de cima para baixo, e cultura participativa, que prega a inversão desse modelo.

Para o autor, os novos meios de comunicação não substituem os antigos, eles interagem cada vez de formas mais complexas, alterando o modo pelo qual a indústria midiática opera e a maneira como as pessoas processam as notícias. Mas essa mudança está sendo conduzida por interesses econômicos e não por uma missão de delegar poderes ao público. Para os veículos tradicionais, “a convergência consolida a fidelidade do consumidor numa época em que a fragmentação do mercado e o aumento da troca de arquivos ameaçam os modos antigos de fazer negócios” (JENKINS, 2009, p.325).

Alguns autores defendem que o surgimento desse novo sujeito, que tem ganhado tanto poder na narrativa do passado quanto a grande mídia, significa uma crise no jornalismo. Para Chaparro (2009), houve uma modificação no processo jornalístico já que as redações perderam o controle sobre a notícia. O autor afirma que o jornalismo passa por uma “mutação genética”, o que não representa sua total destruição. Conforme cita Malini (2008), a comunicação horizontal gera um efeito colateral que é a crise do profissional da mediação dos meios de comunicação de massa. O fato de todos poderem comunicar e criar faz como que as competências dos jornalistas estejam, ao mesmo tempo, em destaque e difusas nas mãos de muitos. A aceleração da socialização dessas competências acaba por reduzir o valor do trabalho do jornalista e do crítico, por exemplo, mas potencializam a emergência de inúmeros mediadores da cultura (MALINI, 2008).

Se a imprensa capixaba está entrando em crise por conta da inserção de novos agentes na narração do passado que ganham força apropriando-se das ferramentas de publicação de conteúdo na internet e entendem cada vez mais sobre seu poder na criação de pontos de vista alternativos dos acontecimentos, é ainda cedo para dizer. O fato é que o Protesto em Vitória

marcou o fim da hegemonia da grande mídia na narração dos acontecimentos locais e o nascimento de uma multidão que quer cada vez mais ter voz ativa na rede e na rua.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel (orgs.). **Blogs.com. Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 286-294, setembro/dezembro 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196>. Acesso em 23 de julho de 2012.

BAUWENS, Michel. **A economia política da produção entre pares**. Disponível em: <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-br-0607/msg00000.html>. Acesso em 05 de agosto de 2012.

BENKLER, Yochai. A economia política dos commons. In: **A comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação** / SILVEIRA; Sérgio Amadeu (org.). São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CATANI, Afrânio. **O que é o capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHAPARRO, Manuel. **Jornalismo: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade**. São Paulo, 2009.

COCCO, Giuseppe; VILARIM, Gilvan de Oliveira. **Trabalho imaterial e produção de software no capitalismo cognitivo**. Revista IBICT, v.5, n.2, setembro 2009, Rio de Janeiro, p. 173-190. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/315/218>. Acesso em 13 de agosto de 2012.

COCCO, Giuseppe; EDMUNDO, Kátia. **Giuseppe Cocco fala sobre o conceito de multidão e os movimentos sociais**. Revista Eletrônica Portas, v.1, n.1, p.79-80, 2007. Disponível em: <http://www.acicate.com.br/portas/giuseppe.pdf>. Acesso em 31 de outubro de 2012.

COSTA, Rogério da. **Inteligência coletiva: comunicação, capitalismo cognitivo e micropolítica**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 37, dezembro de 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4801/3605>. Acesso em: 12 de agosto de 2012.

COUTINHO, Clara Pereira; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. Blog e Wiki: **Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0**. In MARCELINO, Maria José; SILVA, Maria João, org. – “SIIE’2007 : actas do Simpósio Internacional de Informática Educativa, 9, Porto, Portugal, 2007. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platos**. São Paulo: Ed.34, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. **Estratégia, podersaber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GORZ, André. **Metamorfoses do Trabalho**. São Paulo: Annablume, 2003, p.61

GRANIERI, Giuseppe. **Geração blogue**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

HARDT, Michael. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARDT, Michel e NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KERCKHOVE Derrick De. **Prefácio ao livro Geração Blogue**, de Giuseppe Granieri. Lisboa: Editoria Presença, 2006.

LATOURET apud SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro. et al. **Trabalho imaterial, produção cultural colaborativa e economia da dádiva**. Revista Ibict, v.5, n.2, setembro 2009, Rio de Janeiro, p. 158-172. Disponível em:
<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/301/212>. Acesso em 20 de agosto de 2012.

MALINI, Fábio. **O comunismo das redes: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:
<http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/12/tese-final.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

_____. **Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001)**. 2008. Disponível em:
http://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom_sudeste-fabio-malini-com-referencias.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2012.

MORAES, Thiago Drumond; NASCIMENTO, Maria Lívia. **Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 91-102, jan./jun. 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a10.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2012.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Ed. da UNESP; Itaú Cultural, 2003.

NEGRI, Antonio. **A Constituição do Comum**. 2005. Disponível em: <http://fabiomalini.wordpress.com/2007/03/25/a-constituicao-do-comum-por-antonio-negri/>. Acesso em 26 de agosto de 2012.

_____. **5 lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

O'RELLY, Tim. **O que é a Web 2.0 - Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. 2005. Disponível em: <http://www.montanaagriculture.com.br/imagens/downloads/837105.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. **Das sociedades de soberania às sociedades do controle: uma abordagem foucaultiana**. Trabalho do anal do Congresso Internacional de História da UFG. Goiás, 2007. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2007/doc%20\(39\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2007/doc%20(39).pdf). Acesso em 10 de agosto de 2012.

PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida**. Revista Lugar Comum, n. 17, p. 33-43. 2002. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

SANSON, Cesar. **A produção biopolítica é constitutiva ao capitalismo cognitivo**. Revista Ibict, v.5, n.2, setembro 2009, Rio de Janeiro, p.206-214. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/308/214>. Acesso em: 20 de agosto de 2012.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Eles vêm aí – O poder de organizar se organizações.** Portugal: Actual Editora, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **O conceito de commons na cibercultura.** Trabalho apresentado ao NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, durante o XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Santos, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/5397/4914>. Acesso em 26 de agosto de 2012.

SOUZA, Paula Falcão de. **Revolução 2.0. Redes Sociais, Mobilização e os Protestos dos Indignados do #OccupyWallStreet.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Ufes, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Vitória, 2011.

VIRGO, Paolo. **La multitud es ambivalente: es solidaria y es agresiva.** Argentina, 2006. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/La-multitud-es-ambivalente-es>. Acesso em 31 de outubro de 2012.

WAICHERT, Thalles. **Cartografias da blogosfera: Uma Abordagem sobre a Produção de Sociabilidade, Linguagem e Subjetividade nos Blogs.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Ufes, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Vitória, 2008. Disponível em: <http://thalles.blog.br/wp-content/uploads/2010/11/TCC-THALLES-FORMATADO-FINAL.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1987.

ANEXOS

6.1 Entrevista com manifestantes

Entrevista com Daiane Reis, assistente jurídica, Ester Vaz, estudante de Educação Física da Ufes, Bruna Ribeiro, estudante de História da Ufes, amigas que juntas criaram a comunidade Passagem Aumentada, Vix Parada no Orkut.

- Como foi a ideia de fazer a comunidade no Orkut sobre o Protesto?

Daiane Reis: A gente sempre se reúne na casa de Ester para fazer um monte de coisas. A gente joga basquete juntas, é um grupo de amigas. Nós sempre ficávamos discutindo política, as coisas que aconteciam. Aí, teve uma noite da miojada, que a gente se reuniu lá na casa dela pra comer miojo. Uns miojos bons! A gente estava falando que, poxa, a passagem estava aumentando sempre e ninguém estava fazendo nada. A gente não estava vendo as pessoas se movimentando pra fazer alguma coisa.

Ester Vaz: A gente lembrava dos protestos de 2005, aí a gente ficava: po, não é possível que ninguém vai fazer nada! A gente chegou e falou: ninguém vai fazer nada e a gente vai fazer quando?

Daiane: Aí a gente falou: se a passagem aumentar este ano, a gente tem que fazer alguma coisa. Aí, beleza, ficou nisso.

Ester: Fechamos acordo.

Daiane: Aí, no dia que a passagem aumentou, eu tinha ido fazer uma audiência em Cariacica, no Procon de lá. Quando eu voltei, a mulher falou: faltam 15 centavos. Aí eu: como assim? Aí, a mulher: a passagem aumentou. Eu: aumentou? Não acredito! Eu falei: moça, eu não tenho.

- Quando você foi era um preço e quando você voltou já era outro?

Daiane: Quando eu fui era um e quando eu voltei era outro ou eu nem percebi que o cara tinha pegado o meu dinheiro a mais e tal. Eu sei que na volta eu não tinha. Aí, eu entrei no terminal e liguei para a Ester. Ester: a passagem aumentou (risos). Aí no mesmo... Foi no mesmo dia, né?

Ester: Eu falei, é, tem que fazer alguma coisa. Como é que a gente vai juntar gente? Precisa de bastante gente. Aí eu falei: cria uma comunidade. O mais estranho é que eu não lembro se a gente pensou em criar a comunidade antes de ter a febre de tudo ser pela internet ou se foi por um acaso, assim...

Daiane: Eu acho que foi por um acaso. Eu acho. Porque foi ela (a Ester), a irmã dela e sua tia, lembra? Elas foram lá pra casa, no mesmo dia a noite e a gente falou: o que a gente vai fazer? Aí, do nada, nem lembro quem teve a ideia. Ah, vamos criar uma comunidade no Orkut. Aí a gente fez. E no início foi engraçado que a gente ficava atualizando toda hora pra ver se alguém tinha entrado.

Ester: Foi 80, tem 100 (risos).

Daiane: E aí, quando a gente viu já tinha mais de mil pessoas, né, na comunidade e tal. E a gente não tinha conhecimento de luta, como é que fazia as coisas, porque a gente só tinha como participante mesmo e não como quem está puxando nem nada. Aí, uma galera entrou pra saber o que a gente estava querendo né. Ah, quem são essas meninas, o que elas estão...

Ester: A galera já com o pé atrás. Quem é que está puxando a luta contra o aumento? Será que é de novo alguns partidos, algumas organizações tipo JS? A galera já queria saber quem era a gente. Aí a gente marcou de se reunir aqui no Cine Metrópolis. A gente se encontrou ali primeiro. Deu uma quantidade grande. Deu umas 20 (pessoas), né.

Daiane: É... umas 20 ou 25 por aí.

Ester: É. Aí a gente foi.

- Isso aconteceu logo depois que vocês criaram a comunidade?

Daiane: A gente criou a comunidade, aí o pessoal sugeriu: po, vamos marcar uma reunião pra gente ver o que a gente pode fazer, pra gente se conhecer e tal. Até porque ninguém sabia nem de onde a gente tinha vindo e nem a gente conhecia ninguém. A gente não era desse meio.

Ester: E essa galera que queria saber quem era a gente, quem é que estava, que tinha feito a comunidade, é a galera que participou dos protestos de 2005, que foi Allan, Tadeu, uma galera.

- Vocês não tinham ligação partidária, só uma insatisfação com o preço da passagem?

Daiane: Não tínhamos e ainda não temos. Aí, o pessoal veio e os meninos explicaram um monte de coisa que a gente não conhecia e a gente passou a conhecer e tal. E foi a partir dessa reunião aqui que a galera começou a trabalhar pra marcar os atos. Até então a gente não sabia.

Ester: E tem uma galera, assim, igual a gente que...

Daiane: Que não tinha contato com nada e só estava insatisfeita. Deu muita gente assim.

Ester: Aí, até Alan ficou: ah, porque você quer que abaixe a passagem? Aí a gente ficava assim... Tinha gente que falava que dava pra juntar dinheiro no final do mês e comprar um saco de arroz.

Daiane: Aí, basicamente foi assim que surgiu o protesto.

- Vocês imaginavam que alcançaria a repercussão que teve, com muitas pessoas se juntando para essa luta?

Ester: Era o que a gente queria né, mas...

Daiane: É, era o que a gente queria.

Ester: Desde 2005 não tinha um movimento assim.

Daiane: Tanto que no primeiro ato que foi o ato aqui, saindo da ponte, a gente chegou cedo.

Ester: Na ponte da Passagem contra o aumento da passagem.

Daiane: A gente chegou cedo e tinha uns gatos pingados. A gente: caraca, não vai dar ninguém (risos). E aí, daí a pouco foi enchendo, foi enchendo e eu achei que no primeiro ato deu até bastante pessoas. Acho que deu umas 200 pessoas. E aí, a partir de então, foi chegando mais gente e tal.

- Na mesma época da criação da comunidade de vocês, estavam acontecendo várias mobilizações pelo mundo através da internet. Vocês se inspiraram em algum tipo de comunidade que já tinha sido criada antes? Vocês pensaram nisso na hora de criar a comunidade Vix parada, passagem aumentada?

Ester: Eu não lembro de ter visto nada parecido. Depois é que a gente começou a ver.

Daiane: É, depois.

Ester: Tanto que eu comentava com Daiane: será que a gente teve a ideia todo mundo junto, no mundo inteiro? De começar a mobilizar pela internet?

Daiane: Eu não lembro a data da mobilização pela internet do Egito, mas se eu não me engano foi até um pouquinho depois.

Ester: Tem que dar uma olhada. Deve ter a data...

Daiane: É. Eu sei que o primeiro ato que a gente fez foi no dia 19 de janeiro de 2011. E aí eu não sei se a mobilização do Egito, que teve repercussão já tinha sido antes ou após a criação.

- Vocês já tinham participado de algum tipo de movimento social, de mobilizações?

Daiane: Já.

Ester: Já, mas a gente só ia e não participamos de organização de movimento. Igual, o MCA ele nunca foi puxado só por um grupo de pessoas. A gente marcava uma reunião aberta para todo mundo participar e construir o ato. Desse tipo de movimento eu nunca tinha participado. Era sempre um grupo que organizava o ato e aí eu chegava para o ato e fazia o que a organização mandava eu fazer.

Daiane: Tanto que se você chegasse numa reunião hoje pela primeira vez e você falasse: po, eu tenho uma ideia de que a gente pode fazer isso assim e assim no ato, a sua ideia ia ser votada, por mais que tivesse sendo a primeira reunião que você tivesse participando. Igual, já sendo puxada por diretor de escola, a gente participava desde pequenininha né, na escola que a gente estudava. Eu lembro que sempre tinha manifestação na andada dos caranguejos, que a gente tentava conscientizar o pessoal para não catar caranguejo e tal.

Ester: Tia, devolve o caranguejo, tá ligada?

Daiane: É (risos). Até a de 2005 a gente chegou a participar, mas a gente não sabia quem eram as pessoas que estavam puxando e estávamos lá porque a gente é contra o aumento da passagem. A gente sempre ia por isso.

Ester: E tinha também os protestos de professores. Mas quando eu era do Juscelino (nome da escola). Assim, estava em greve, mas os professores chamavam a gente para fazer cartazes. Era até no Juscelino Kubitschek, em Maria Ortiz.

- Vocês já tinham criado alguma comunidade no Orkut?

Daiane: Eu já tinha criado um monte, mas de “retardadice”. Nada de mobilização social. (risos).

- Vocês começaram a divulgar de alguma forma a comunidade ou simplesmente criaram e as pessoas foram aparecendo?

Daiane: A gente primeiro simplesmente criou e aí a gente foi mandando a comunidade para os nossos amigos né? Foi todo mundo começando a entrar.

Ester: Quem entrava dava um jeito de divulgar de alguma forma. Não era, assim, a responsabilidade de quem criou a comunidade divulgar. A gente queria juntar pessoas para construir o movimento. Então, não tinha porque só a gente divulgar. Todo mundo estava construindo, todo mundo divulgava.

Daiane: Depois dessa primeira reunião que a gente fez aqui com a galera, a gente já encaminhou pra fazer panfleto. Eu não lembro se foi na primeira reunião que a gente escolheu a data já do ato. Do primeiro ato.

Ester: Eu acho que sim, foi.

Daiane: E aí, depois que a gente conseguiu fazer panfleto, a gente saiu panfletando de terminal em terminal falando do ato e divulgando a comunidade também, pro pessoal entrar pra poder participar. Os meninos sempre colocavam discussões nos tópicos ou ideias pra estar fazendo. Aí a gente ia divulgando. A gente foi no Terminal de Carapina, no Terminal de Campo Grande...

Ester: É... Em todos os terminais.

Daiane: É. Em todos os terminais pra divulgar.

- O que vocês sentiram no momento em que a comunidade começou a ganhar um monte de membros? Em menos de três dias eram 500 pessoas, de acordo com reportagem publicada no Gazeta Online. O que vocês sentiram? O que vocês imaginaram?

Daiane: Olha, no início, a gente ficava muito empolgada sem saber muito o porquê que a gente estava ficando empolgada, porque as pessoas só estavam entrando na comunidade. A gente não sabia se iriam para a rua se iam fazer alguma coisa ou não.

Ester: A esperança que eu tinha... Eu via 500 pessoas: ah, 500 estão garantidos na rua. Aí, doce ilusão né. Porque a gente tem até uma regra agora que quando a gente faz um evento, se forem 10% das pessoas confirmadas é muito.

Daiane: O pior é que é.

Ester: E aí, geralmente, a gente acerta. Uns 10%...

Daiane: É, essa margem aí. A gente ficou bastante empolgada, tanto que no primeiro dia que a gente criou, a gente ficava atualizando o tempo todo. Porque a gente ficou assim: gente, como assim que o pessoal está entrando na nossa comunidade? Po, vai dar certo a luta que a gente está querendo e tal. Mas, nossa, foi muito legal! Eu acho que o primeiro ato que eu participei, teve mais impacto que a criação da comunidade. Porque você vê assim, po, tem um monte de gente que está insatisfeita, igual a mim, e está tendo coragem para ir à rua também, lutar por aquilo que quer que melhore. Nossa, a sensação no primeiro ato foi fantástica.

- Tinha umas 200 pessoas?

Daiane: Acho que foi.

- Porque vocês acham que tem essa diferença? Na internet muita gente se mobilizando, 500 pessoas na comunidade, e na rua nem tantas pessoas assim? Pela internet é mais fácil se mobilizar?

Ester: É, né. Ser militante virtual é muito fácil. Agora estar dando a cara na rua é complicado.

Daiane: Porque tem muita gente que ah, vou entrar só pra dizer, ah, to revoltado contra isso então eu estou entrando. Só que eu já ouvi muita gente falando: ah, eu vou pra rua pra que? Os estudantes vão. Então, eu sinto que é isso mesmo. Muito comodismo das pessoas. Na internet é só clicar um botão. Po, to fazendo o meu protesto aqui. E ir pra rua não, né. Tem um monte de coisa que a gente viu acontecer no ano passado...

Ester: É quase igual votar né. Você só aperta um botão e está cumprindo o seu papel de cidadão.

Daiane: É, desse jeito.

- Vocês acham que assim funciona? Só a mobilização pela internet é suficiente?

Daiane: Não, não mesmo.

Ester: Com certeza não. Até porque pela internet você atinge estudantes... Você não atinge a população. No terminal você via a população conversando com você e falando um monte de coisa que às vezes a gente nem se tocava, de algumas coisas que estavam ruins no transporte, coisas de bairro: ah, em tal bairro não tem ônibus, em tal bairro a gente precisa de ônibus 24 horas porque é composto de trabalhadores que trabalham de madrugada. Esse tipo de coisa a gente não acha na internet. Na internet não vai ficar trabalhador que trabalha de madrugada entrando em comunidade.

Daiane: Eu falo que sem contar que tipo, por mais que a tecnologia esteja aí, é um número restrito de pessoas que tem acesso à internet. E quando a gente panfletou, ao meu ver, principalmente no terminal de Campo Grande, a insatisfação que você via nas pessoas era enorme, enorme, enorme. E falavam assim: ah, vocês têm que fazer mesmo. Os tiozinhos falando: vocês têm que colocar fogo em ônibus.

Ester: Pra você ver, a Gazeta lançou uma enquete, fez uma pesquisa pra saber se a população estava... Depois que o ônibus foi queimado misteriosamente, fizeram uma enquete pra saber se a população estava satisfeita ou não com o movimento. Só que, na verdade, se você fosse pros terminais, a população estava falando que era pra ter posto fogo em cinco, porque eles mesmos falavam: fechar rua só ou então fazer passeata não dá em nada. Vocês têm que causar o prejuízo. Era isso que eles falavam. Isso vinha mais da população do que... Da gente também vinha né, mas...

Daiane: E se você para pra reparar, essas pessoas são pessoas que já estão acostumadas a fazer, mesmo que sejam pequenos movimentos em seus bairros, porque querendo ou não, o transporte público é horrível. Seja em Vitória, em Cariacica, Vila Velha. Então, dentro dos bairros você vê pequenos movimentos em que as pessoas colocam fogo em pneu, fecham rua, queimam ônibus. No nosso bairro mesmo já queimaram. Tanto que falaram: ah, são vocês que estão colocando fogo lá no ônibus? A gente nem sabia, nem tinha nada a ver com isso. Então, você vê que a insatisfação é das pessoas que não tem acesso à internet e das que tem também. E o grande diferencial é quem vai pra rua e quem não vai.

- Vocês tinham algum tipo de moderação na comunidade de não permitir algum tipo de comentário, de selecionar que poderia criar tópicos ou era tudo aberto?

Ester: A gente nunca precisou.

Daiane: Nós éramos as moderadoras...

Ester: Pelo menos eu nunca excluí nada, sempre deixei o barraco quebrar lá.

- A comunidade cumpriu o papel que vocês esperavam?

Daiane: Eu acho que mais ou menos né. Porque você olha uma comunidade que tem mil pessoas e nem 500 estão na rua, você meio que fica frustrada. Mas quando você vê que você conseguiu atingir alguma parcela da sociedade... Igual, eu vejo esses dias pessoas que começaram igual a gente, nos protestos de 2011 e estão aí até hoje na militância, em certa parte atingiu né? Porque o que a gente queria era despertar essa revolta de novo, porque quando a gente era mais nova, a gente via po, 2005 e tal... Conseguiram dar resultado e a gente passou seis anos sem ninguém fazer nada, todo mundo morto e por mais que foram só 200 pessoas que foram pra rua no primeiro ato, a gente conseguiu atingir em parte o nosso objetivo. Por mais que a gente quisesse que as mil tivessem ido né.

Ester: Acho que a comunidade serviu pra juntar as pessoas que estavam realmente revoltadas com o transporte público. Porque eu e a Daiane não íamos conseguir fazer nada. Juntar quem? Até porque o resto da galera do basquete não estava a fim nem de discutir isso. A gente lançou a comunidade e outras pessoas que estavam interessadas, mas estavam isoladas, não se conheciam, nunca iriam ter esse contato que a gente conseguiu com a comunidade. Foram pessoas fundamentais que a gente conseguiu achar pra mobilizar mais, pra dar o gás.

- E foi também o pontapé inicial pra depois ter aquelas mobilizações que geraram mais repercussão, que foram as de junho?

Ester: É, o mesmo movimento. É a mesma galera. É a mesma galera que... Assim, a maioria era a mesma que estava desde o início.

- Quem foram as pessoas que primeiro chegaram à comunidade criada por vocês? Foram seus amigos?

Ester: Nem foram muitos amigos nossos não. Você não precisa convidar um amigo, a galera vê a comunidade e adiciona né. Eu só conhecia a Daiane e a Irlane. O resto eu acho que não conhecia mais ninguém.

- E aí começaram a se juntar pessoas que já tinham participado de outras mobilizações no mesmo sentido?

Ester: Antes da gente criar a comunidade, quando a passagem estava para aumentar, que teve a reunião do Conselho Tarifário, teve uma movimentação pequena que essa galera se juntou com a gente depois da comunidade. Mas eu nem tinha ficado sabendo. Depois que eles falaram: oh, a gente tentou se organizar, não deu muita gente no dia do Conselho Tarifário e aí agora vamos tentar organizar uma coisa juntos. Foi mais ou menos assim.

- Então teve uma reunião e depois logo vocês marcaram uma primeira mobilização? E depois continuaram fazendo reuniões?

Ester: Sim.

- E vocês estavam sempre participando do movimento? Participaram dos protestos de junho de 2011?

Ester e Daiane: Sim.

Ester: Mas teve muitos que ficaram para trás.

- Vocês não, vocês vieram para a rua?

Daiane: Apanhamos muito.

Ester: Quem tinha outros interesses para além do transporte público ficou para trás porque a gente não deu muita bola. Quem estava ali para utilizar do movimento, não conseguiu ficar até o final. Porque era muito desgastante né.

Daiane: Verdade. E o interessante, que começou a surgir dessa reunião é que a galera falou assim, po, ninguém levanta a bandeira. Por mais que você olhe para o Gustavo e pro Tadeu e saiba que eles são do PSol, no movimento eles não podia levantar a bandeira do partido deles. E eu acho que isso deu uma autonomia maior pra galera começar a criar e desenvolver e não depender de certas pessoas: ah, ele já milita há não sei quantos anos e eu comecei a militar agora. Aí a galera...

Ester: Aí que uma galera abandonou. Porque estava querendo utilizar o movimento pra levantar bandeira, divulgar rostos e não conseguiu, aí largou no meio do caminho né. Porque a gente não deixava mesmo levantar qualquer tipo de bandeira. Era um movimento apartidário mesmo.

- Não ter uma liderança no movimento é algo positivo?

Daiane: Porque se não fica muito centralizado, né. E do jeito que a gente fazia, por mais que tinha vez que você falava, po, essa proposta que a galera votou é um saco, isso não dá jeito, mas, tipo assim, você se sente fazendo parte de uma democracia mesmo. Por mais que não é o que eu escolhi, mas eu sei que foi escolhida da forma correta. Então, eu acho muito positivo. E pessoas que nunca teriam coragem de falar e propor alguma coisa, não ficavam limitadas na sua timidez. Colocavam porque sabiam que, po, eu posso estar falando a maior besteira do mundo, mas a galera vai votar, porque a minha opinião conta. Então eu acho que era válido por isso.

- Existiu algum ponto negativo na ausência de um líder? Em algum momento houve perda de controle da situação em momentos mais tensos, como nos combates com a polícia?

Daiane: Eu acho que não. Porque eu acho assim, as atitudes extremas acabaram sendo tomadas por conta da atitude extrema da polícia.

Ester: É, toda ação tem uma reação. A gente só respondeu à extremidade com que a gente foi tratada pela polícia.

Daiane: E se a atitude extrema não tivesse ocorrido, eu acho que... Igual, no dia 02 teria sido muito pior, no dia em quem queimaram o ônibus teria sido muito pior. Porque as pessoas falam demais sem saber. Eu estava lá. Eu sei que por mais, ah, errado colocar fogo no ônibus. Se o ônibus não tivesse pegado fogo naquele exato momento, a gente ia estar muito perdido porque a gente estava totalmente cercado pela polícia e a gente sabe que eles não tem dó. Eles iam vir com cavalo pra cima da gente e iam bater na gente mesmo e o que fez eles recuarem foi o fogo no ônibus. Por isso que eu não vejo como um ponto negativo.

Ester: Não ter essa centralização... Na época que tinha confronto, cada um pensava por si, não ficava esperando o outro falar, olha, você tem que fazer isso, fazer aquilo. Cada um chegava, po, a gente já discutiu muito sobre isso em reunião, a gente já sabia... Todo mundo já sabia, já tinha acumulado o que daria para fazer no momento. Então, estava todo mundo ciente. Ninguém esperava que o outro fosse dar a resposta pra gente do que a gente ia fazer a partir daquela ação da polícia. Todo mundo fazia o que... Juntava um, dois, olha, vamos fazer isso porque assim a gente vai conseguir sair dessa situação.

- Vocês utilizaram a comunidade para divulgar informações sobre os protestos de junho?

Daiane: Usamos o Orkut, Twitter, Facebook.

Ester: No dia 02 de junho a gente ficou sem fazer ato desde dois meses. Desde maio.

Daiane: Eu acho que o último ato que a gente fez (antes desse dia) foi aquele do Pavilhão de Carapina, não foi? Ah, não, verdade, foi tipo o Dia D. A gente tinha juntado...

Ester: Foi no dia 30 de março.

Daiane: A gente tinha juntado com os sindicatos, não foi?

Ester: É.

Daiane: Uns negócios assim, pra ver se a gente conseguia aglutinar mais gente e tal para o protesto. Só que aí acabou que, eu acho, que choveu nesse dia. Tipo assim, o ato que a gente esperava que fosse um ato grande, não foi. E aí, com o início das aulas e tal, a galera meio que dispersou. A gente tentava fazer ato em terminal, cantando musiquinhas pra lá e pra cá, davam pouquíssimas pessoas. A galera meio que foi sumindo. Foram ficando as 10 cabeças que estavam no dia 02 para começar o ato.

Ester: 10, 12.

Daiane: É. E aí a gente falou: a gente não pode deixar o ato morrer... O movimento morrer. A gente tem que fazer alguma coisa. Aí o Miguel teve a ideia brilhante de: ah, a comunidade não é Se a passagem aumentar, Vitória vai parar, vamos parar Vitória, então. Aí a gente gostou, todo mundo aprovou na reunião e a gente começou a divulgar. A gente divulgou no Facebook, Orkut, Twitter, tudo quanto é rede social que você imaginar a gente divulgou. A gente fez cartaz. Panfletamos em terminais.

Ester: Tanto que eu chegava para a aula ou passava lá no meu bairro, todo mundo perguntava, todo mundo sabia. Oh, Vitória vai parar. Às vezes não sabia nem porque, mas sabia que Vitória ia parar e já estava meio assim: po, vou sair de casa? Sei lá o que é isso...

Daiane: Nick do MSN: prepare-se, dia 02 de junho Vitória vai parar.

Ester: Todo mundo sabia que Vitória ia parar. Estava todo mundo avisado. E a nossa intenção de ficar os dois meses parado, era mobilizar bastante. A galera respirar um pouco e a gente ir com tudo, com muita gente.

- E deu certo.

Ester: No dia 02 de junho não tinha muita gente, mas tinha muita disposição. Muita energia.

Bruna Ribeiro: Doze pessoas começaram o ato e foi crescendo depois.

Ester: Foi crescendo depois.

- E como as outras pessoas chegaram para o movimento? Elas ficaram sabendo pelas redes sociais?

Ester: Sim. Mas, assim, porque no dia 02 ficou só uma galera mesmo que ficou no movimento o tempo todo. Algumas pessoas dormiram no Centro, teve umas que vieram de casa. Eu vim de casa.

Daiane: Eu estava chegando de viagem (risos).

Ester: É. Ela estava chegando de viagem. Seis horas da manhã era a concentração na escadaria do Palácio Anchieta. Aí, uma galera que dormiu no Avalanche, correu atrás de pneus, levou os pneus no dia 01 de junho pro Avalanche e lá do Avalanche... Ah, eu não podia falar isso não né?

Daiane: Acho que não tem problema.

Ester: É, estavam no Avalanche. Avalanche é uma escola missionária. Você conhece?

- Não. Eu não estava nem sabendo. Esse é um fato inédito para o TCC. As pessoas dormiram nessa escola para acordar e já irem para o protesto?

Ester: É, algumas pessoas, porque tinha uma galera de Viana, de Vila Velha, de Cariacica, então dormiram lá. Eu moro em Maria Ortiz, então eu vim. Daiane não estava comigo, mas eu vim de Maria Ortiz, Irlane também veio junto comigo e a gente se encontrou lá no Centro e já fomos descendo os pneus lá. A gente viu que não ia dar mais tantas pessoas, jogamos pneus, colocamos fogo e paramos. Só que aí, quando a gente começou a parar, que os ônibus estavam todos parados, carros parados, a população, boa parte, ficou... Boa parte não, acho que foram até poucas pessoas que desceram e reclamaram. Mas muita gente foi e se juntou lá com a gente. Falou que estava errado mesmo, que todo ano era a mesma coisa, que não aguentava mais, quando é que ia parar esses aumentos? E ali, de 12 foi parar pra 50, 100, entendeu? Ali teve uma hora que devia ter umas 150 pessoas. O mais legal é que a gente fazia assembleia, não foi um ato totalmente: oh, tal horário vai ser isso, tal horário vai ser aquilo. A gente chegou lá... Depois de um tempo a gente chegou a fazer umas três ou quatro assembleias, não foi? No meio das assembleias a população que desceu dos ônibus parava, falava, fazia questão de ordem, cotava, dava proposta. A população foi que... Colocamos duas pessoas... Como se a gente não fosse população né. Mas a galera que estava lá e chegou de repente subiu pra negociar também com...

Daiane: Que deveria ter sido negociado...

Ester: Deveria ser negociação, só que, na verdade, o governo falou: abre uma pista que a gente negocia lá em cima. A gente falou, então tá a gente manda a galera subir e quando a galera subir, que vocês atenderem eles aí, a gente abre uma pista. Quando a galera subiu, o BME já veio pra tirar todo mundo, entendeu? Porque a ideia deles era: não é possível um movimento sem cabeças. Eles vão mandar os cabeças. Só que a gente não tinha cabeça. Todo mundo era cabeça ali. E aí a galera subiu e a gente fez do jeito que deu ali, resistimos um pouco...

Daiane: Subimos escadaria...

Ester: Subimos para a cidade alta, teve perseguição lá por cima, teve neguinho entrando para Fórum Criminal, depois descendo correndo porque estava cheio de policial lá dentro.

Bruna: Aí desmobilizou a galera...

Ester: Tinha punk entrando pra dentro da igreja. Tinha de tudo.

Daiane: Tinha gente subindo escada que não dava pra lugar nenhum.

Ester: Ah é, teve (risos). Teve uma escada desgraçada, na escadaria do Palácio Anchieta, que dá para uma parede. Não tem lugar para sair. Teve gente que subiu por ali.

Bruna: Aí meio que desmobilizou a galera, né. Foi quando as pessoas vinham vindo, assim: o que a gente vai fazer, o que a gente vai fazer? Todo mundo está indo embora.

Ester: Tinha marcado uma reunião 18h.

Bruna: É, tinha marcado uma reunião, aí, surgiu a proposta de vir, porque aqui na Ufes já tinham alguns estudantes reunidos, que já estavam se mobilizando, porque viram no jornal e estavam se mobilizando pra fazer alguma coisa. Só que a gente não sabia o que era. Eles estavam se mobilizando. A gente recebeu essa informação e falou assim: ah, vamos pra Ufes ver o que está acontecendo. Aí foi de ouvido em ouvido assim e foram chegando as informações de que era pra vir pra cá. A gente veio pra cá, fez essa convenção, fizemos uma

assembleia e decidimos fechar a Fernando Ferrari. A gente fechou a Fernando Ferrari. A polícia veio, todo mundo veio pra dentro da Ufes porque não tinha como fugir dali, porque a polícia veio com tudo. Viemos aqui pra Ufes e aí foi quando a gente decidiu caminhar até a Terceira Ponte e abrir as cancelas. A gente foi pra rua de novo e em passeata fomos abrir as cancelas da Terceira Ponte. Antes de a gente chegar na ponte a polícia já estava lá esperando, aí começou o confronto de novo.

Ester: Em todas as ruas que você olhava tinha pelo menos uns 15 soldados... Soldados e cavalos. Não tinha rua pra fazer...

Bruna: A gente correu pra Avenida Vitória, ficamos cercados ali, porque eles cercaram todas as ruas.

Ester: Colado na Cesar Hilal, né?

Bruna: Foi. Aí fecharam todas. A gente ficou no meio, assim. Foi lá que eles prenderam algumas pessoas.

Ester: Assim, os carros todos parados. A galera fechava o vidro, com medo do que estava acontecendo. Aí a gente passava entre os carros, os cavalos passavam entre os carros, dando umas passadas pra frente da gente e a gente tinha que correr. Por que vai fazer o que com cavalo na nossa frente, gigante? Tinha uns motoristas de ônibus que não queriam abrir a porta pra gente tentar entrar. Nossa, teve... O pessoal abandonou a gente (risos).

- O que era o Avalanche?

Ester: Uma escola missionária.

- Era um lugar abandonado?

Ester: É porque era bem assim, o Peruca que participava do Avalanche, ele entrou no movimento também. E ele ajudava a construir o movimento. Como o Avalanche é bom próximo... O Avalanche fica na rua do Sindibancários. Como o Avalanche era bem próximo dali do Palácio Anchieta, ele cedeu a garagem do prédio pra gente dormir lá.

- Vocês fizeram algum tipo de cobertura durante os protestos?

Daiane: Não.

Ester: Não. Essa aqui perdeu a câmera lá no Pavilhão de Carapina, a polícia jogou, arrancou a câmera e jogou pra dentro do Pavilhão.

- Quando isso aconteceu?

Daiane: Ah, não lembro a data.

Ester: Foi no dia que teve a Feira do Mármore, no Pavilhão de Carapina. Foi a Feira do Mármore?

Daiane: Acho que foi.

- Foi antes do ato do dia 02 de junho?

Daiane: Foi antes.

- Então já estava tendo repressão da polícia em outros protestos anteriores?

Daiane: Já.

Bruna: Não com a mesma proporção, mas já. Ela apanhou, levou um tapa no rosto.

Ester: Eles empurraram a gente em cima dos formigueiros.

Daiane: Dos canteiros, é, cheio de formiga. E tipo assim, eu falo: policial não tem moral nenhuma comigo, porque os policiais naquele dia lá pareciam bandidos. Sabe? Porque a gente acredita que eles queriam que a gente tivesse feito alguma coisa pra poder justificar a atitude deles. E a gente não estava fazendo. E eles ficavam filmando a gente: cai pra dentro!

Ester: Lado A, Lado B.

Daiane: Nossa, aquele dia foi péssimo. E aí, roubaram a câmera, tacaram para dentro do Pavilhão de Carapina, porque a gente estava gravando.

- O policial pegou da sua mão e jogou?

Ester: Ela estava com a cordinha, assim, oh... (mostra a corda amarrada na mão). E com a câmera na mão. Ele pociu a cordinha e jogou.

Daiane: Desse jeito. É, a gente entrou com um processo na corregedoria, só que não dá em nada né. Fomos depor duas vezes.

Ester: Policial julgando policial é complicado.

Daiane: Desse jeito. Nossa, aquele dia foi horrível. Não que os outros não tenham sido.

- Como vocês perceberam o uso da internet nesse processo de luta? Qual a contribuição que a internet deu para o movimento?

Ester: Eu acho que assim, uma das contribuições foi juntar essa galera que estava com a intenção mesmo de ir para a rua, de lutar mesmo.

Bruna: Eu vejo também como divulgação externa né. Porque o Brasil todo ficou sabendo.

Ester: E a outra coisa foi... Só que aí não foi bom porque a galera via como novela o movimento, né. Chegava lá, ah, o que aconteceu? A galera daqui, lógico. Pra fora do estado é bom porque... Igual... Teresina. A gente encontrou com o pessoal de Teresina, na Cúpula dos Povos, eles falaram, po, caraca, vocês estavam lá na luta. Vocês encorajaram a gente e a gente se encorajando com as atitudes deles lá. Só que pra aqui, pra mim, foi ruim, porque a galera via aquilo como novela. Não se revoltava e não ia para a rua, entendeu? Chegava e ficava querendo saber o que aconteceu e ah, tudo bem. Falava mal, falava bem, mas não fazia nada.

Daiane: O povo falava assim: eu vou pra rua por quê? Pra levar porrada igual a vocês? Vocês podem levar porrada, eu não.

Ester: Agora questão de estimular outras lutas em outros estados, em outras cidades...

Daiane: Po, eu cheguei em Brasília este ano e a minha colega falando: poxa, eu queria que o pessoal daqui fosse igual ao pessoal de Vitória. Eu falei: Luciele, lá ninguém vai pra rua. Aí ela: não, mas vai mais gente do que aqui. Aí eu: é, olhando por esse ângulo.

- Por que o movimento enfraqueceu um pouco depois de junho e julho?

Daiane: Na verdade, todo mundo tem mil coisas para fazer, né. Começa por aí. Porque não dá pra gente ficar... Abrir mão de tudo pra poder lutar, sendo que a gente já viu durante praticamente dois anos que a galera não se mobiliza. Aí eu falo: são poucas pessoas pra ir atrás de uma coisa muito grande. Não que seja impossível, mas po, a gente tem faculdade, tem trabalho, um monte de coisa assim. E a própria falta de resposta do governo, eu acho que desestimula. Ao meu ver, ele está tentando, é isso mesmo, vencer a gente pelo cansaço. Falam: vou continuar mandando a polícia pra cima de vocês pra ver se desmobiliza né. Mas, eu acredito assim, como acontece em janeiro, aí chega em junho está muito distante e as pessoas acabam esquecendo.

Bruna: Aí vem férias, depois de junho vem férias. Aí acaba desmobilizando. A galera quando retorna das férias já não está com a mesma disposição. Chegou um tempo que o Contra o Aumento ele estava, por exemplo, toda semana tinha alguma coisa pra fazer. Então, assim, a galera estava na disposição, aquele pique total pra fazer as coisas. Mesmo sabendo que poderia vir a repressão e tal, mas tinha aquela vontade. Aí quando chegam as férias, que a galera dá um tempo, vai viajar e tal. Aí começa a esfriar essa vontade de ir pra rua e tal. E começou a ficar cansativo também, porque eram as mesmas pessoas o tempo todo, as mesmas pessoas que eram repreendidas, aí cansava, ia pra rua, aí depois ainda teve a ocupação do sindicato dos transportes, o Setpes. Duas pessoas foram presas. Então, essas coisas vão gerando impacto grande que as pessoas ficam um pouco receosas de ir pra rua e tal.

Ester: Um dos problemas é que a gente perdeu algumas oportunidades também. Igual, no dia 03, que tinha muita gente na rua, a gente deixou pessoas que tinham se afastado do movimento, guiar o movimento. Que foram pessoas de movimentos, de partidos, de sindicatos, que chegaram com carro de som, então, eles tinham a voz e a gente não. Porque o nosso movimento não tem som, não tem nada, porque a gente não tem dinheiro para bancar, então a gente no diálogo resolve as coisas. Já o carro de som não. Deixa as pessoas recuadas, tem gente que tem dificuldade de falar em microfone. Aí eles guiaram o movimento. A gente conseguiu pôr cinco mil pessoas, sete mil, depende do jornal. Na rua. Invés de a gente fazer uma coisa que daria para fazer. Porque fazer a marcha com 50 pessoas a gente faz. Faz agora. Junta 50 pessoas e a gente abre a cancela. Mas ali com sete mil pessoas daria para fazer muita coisa, entendeu? Só que vêm esses movimentos que parece que mais pra segurar e se aproveitar, se destacar.

Bruna: Eu vejo assim também. Por exemplo, as pessoas que estavam compondo o movimento antes do dia 03. Eram a gente, os estudantes secundaristas, a galera mais largada mesmo, sem vínculo nenhum com esse tipo de organização e que não gosta realmente. Não gosta de partido político, dessas organizações, porque não acredita. Aí, quando você vê um ato com sete mil pessoas que é puxado pelos partidos, sindicatos e tal, aí você fica assim: po, eles chegaram pra dominar o negócio, então vai ser do jeito deles.

Ester: Pra você ter noção, tem o presidente do Grêmio Rui Barbosa, do Ifes, ele desde o início do Movimento Contra o Aumento, ele metia o pau no movimento. Falando que a gente era um bando de...

Daiane: Eles falaram que só poderiam participar do movimento se eles fossem comandar. E isso a gente não deixou.

Ester: Tipo assim, eles falaram que o movimento tem que ter entidades puxando. E aí a gente falou, não, aqui é o indivíduo que está se manifestando. Não tem entidades. Eles não aceitaram e não entraram e meteram o pau. E falaram que a gente era um bando de anarquistas eleitores. Isso saiu no jornal. A Sara, o Fábio Lúcio, o Marcos Paulo, o Badaró, falando mal do movimento, metendo o pau, falando que a gente era interesseiro. Só que eu não sei que interesse era esse se a gente não tinha vínculo com partido nenhum, com nada. E aí, eles o tempo todo jogando isso. No dia 03, aparecem todos eles falando que estão aí na luta, que veio pra somar e tudo. E tinha uma galera que não estava participando do movimento, que po, bacana, Grêmio Rui Barbosa voltando a lutar. Quando a gente chegou e falou: oh, o cara já meteu o pau, até ontem ele estava metendo o pau na TV Gazeta lá, oh, falando mal da gente, falando que a gente tinha que apanhar, que a gente era interesseiro e blá, blá, blá. Aí, a galera não, não, não. A gente não pode rejeitar ajuda. Se você for olhar... Não sei se você já olhou o documentário da revolta do Busu, em Salvador, em 2005 também eu acho. 2004 ou 2005. Os mesmos grupos, o JS, Ubes, UNE, os mesmos grupos que acabaram com o movimento da Revolta do Busu em Salvador são os grupos que tentaram fazer isso com a gente aqui. Só que a gente ainda conseguiu resistir muito. E estamos resistindo até hoje.

Bruna: E esse ato do dia 03 também não foi um ato específico contra o aumento da tarifa dos transportes. Foi porque jogaram bomba na Ufes, atingiu o reitor, entendeu? Foi mais por conta disso. Não foi por conta do transporte público que está precário e tal. Então, assim, posteriormente essas sete mil pessoas não estava na rua para lutar contra a máfia dos transportes, entendeu? Elas estavam naquele dia específico, depois não estavam mais.

Ester: E elas estavam ali também contra... Não só contra a repressão da polícia, mas contra a repressão do governo para com os movimentos sociais. Então, a gente teve uma influência... Eu acho que, assim, as pessoas se formam... Poderia ser que as sete mil pessoas não estavam ali por conta do transporte, mas com o tempo, eu acho que é na luta que a galera vai se formando. Você começa, por exemplo, o Movimento Contra o Aumento, que é geralmente

que a galera começa a militar. Chega ali por causa de 10, 15 centavos e continua no movimento, continua na luta por conta... Sabendo das máfias, da relação que tem dos empresários do transporte com os políticos que estão no poder. Do tanto de desvio de dinheiro que tem.

Bruna: Dali saíram vários outros tipos de militâncias. Aquele foi, pra muitas pessoas, inclusive eu, que foi um dos primeiro movimentos que eu participei aqui no Espírito Santo, porque eu vim de Minas, então, eu não conhecia nada. Foram um dos primeiros movimentos e depois desses atos todos eu passei a militar em outros tipos de instâncias também. Por moradia dentro da universidade. Então, foi um passo a frente que muitas pessoas deram. Até hoje têm pessoas na luta, lutando até hoje por conta dessas ações que fizeram com que a gente tivesse um crescimento de militância bacana. Pelo menos no meu caso eu valorizo bastante. E eu não coloco como o fim do movimento. Porque ainda nós temos pessoas que estão dispostas a continuar lutando e outras pessoas vão surgir também, sem serem as mesmas. Muitas saíram, muitas desistiram, mas tem muita gente ainda que está a fim de continuar na luta. O problema todo é a falta de tempo e, por conta dessas outras instância na qual está militando, também é complicado. Mas eu não vejo como o fim não. Eu ainda tenho esperança de que a gente vai conseguiu voltar com isso daí. É só a passagem aumentar de novo.

Daiane: Verdade.

Ester: Na semana passada ou retrasada a gente fez uma reunião do movimento pra decidir... Porque a gente conseguiu a Conferência de Mobilidade Urbana. No último ato que a gente fez, que a gente subiu para negociar lá no Palácio da Fonte Grande, a gente conseguiu a Conferência de Mobilidade Urbana. Aí, a gente está para preparar o projeto.

Daiane: E sem contar que querendo ou não, por uma atitude nossa, hoje em dia, como diz um colega nosso, essa discussão de qualidade de transporte público está inserida na mente de todo o mundo. Você pega um ônibus que demora um pouquinho, você vê as pessoas de idade comentando, nossa, mas está muito ruim. Quando os meninos estão fazendo o protesto está é certo. Essas discussões assim. Ou mesmo reclamando, mas as pessoas estão discutindo a qualidade do transporte público. Eu falo: pra gente o que sobra é tentar ter mais criatividade porque, sério mesmo, a gente já fez de tudo que você imaginar nesses protestos. Por isso que me revolta muito quando uma pessoa fala assim: vocês tem que fazer diferente. Você não sabe, você só sabe dos dias que passaram na televisão. Não sabe de tudo o que a gente já fez. Acaba que isso gera um desgaste na galera também. Eu falo: po, a gente panfletou em terminal, a gente já fez ato até na calçada, cantando em calçada pra não atrapalhar ninguém. Então eu falo: nada dá certo. Então a gente tem que partir.

Ester: Mais ou menos nada dá certo.

Daiane: É, em termos né. Porque querendo ou não... Eu estava discutindo com uns colegas meus esses dias... Você vê, a coisa prolonga, não ficou só no dia 02. A galera ainda discute isso. Eu falando: você acha que tem ônibus 24 horas no Terminal de São Torquato por quê? É por nossa causa. Por mais que o governo vá chegar e falar: ah, a gente está dando ônibus 24 horas. Mas a gente sabe que não, porque a gente tem um documento no qual o governador se comprometeu a estudar os ônibus 24 horas. É deficiente? É. A gente quer que melhore? Quer. Mas o que tem foi a gente que conseguiu.

- Vocês acham que o que o movimento conseguiu até agora foi satisfatório?

Bruna: Pra quem não tinha nada...

Daiane: É. Mas a gente sabe que a gente pode conseguir mais.

Ester: Mais do que isso ainda é você conversar com pessoas do seu bairro que não entendiam muito bem como era o transporte, como funcionava. Chegando e falando: mas é verdade mesmo que o governo dá 62 milhões de reais para as empresas de transporte, pra dar essa porcaria de transporte pra gente? Tipo, a gente deu tanto panfleto falando do subsídio.

Daiane: Passou em tanto ônibus falando.

Ester: Passou em tanto ônibus, que a galera já sabe. Oh, 62 milhões de subsídio. Não sei quantos ônibus que o governo dá por ano, e aí já é uma coisa que eles não saem do ponto zero para falar mal do transporte. Eles já têm um acúmulo que querendo ou não foi a gente que chegou e divulgou. Encheu o saco.

Bruna: Porque por mais que as pessoas utilizem o transporte e saibam da precariedade que é, não gerava essas discussões. Guardava para si. Depois que começaram as ações do Contra o Aumento, começou a despertar esse tipo de discussão. As pessoas na rua falavam, viam no jornal, comentavam, apoiavam, não apoiavam, mas gerava a discussão. Às vezes a gente entrava no ônibus, as pessoas conversavam, quem não estava ativamente na militância, um contra, outro a favor discutindo dentro do ônibus. A gente nem falava não. A gente ficava só ouvindo, achando bacana sabe? Um contra, outro a favor.

Ester: Teve gente, há pouco tempo, a gente tinha pulado a roleta, e começaram assim... A gente pulou a roleta, aí o Rodrigo falou um pouco: olha, a gente é contra esse transporte público que está aí, que visa o lucro ao invés de garantir o direito. Depois que ele fez discurso, uma pessoa reclamou e a pessoa que estava do lado começou a proteger: não, eles estão certos, a gente teria que fazer o mesmo. Aí a gente estava com uma câmera, a gente achou tão interessante que a gente começou a filmar. Ah, que massa! Estão discutindo, está tendo debate dentro do ônibus por conta de uma coisa que a gente traz pra eles, entendeu? Tipo, eles sabem que está tudo uma bosta, mas não expõem. Eles esperam o estopim para poder expor e reclamar mesmo.

Daiane: Muito legal é um questionamento que a gente fazia e as pessoas começam a pensar: se educação pública você não tem que pagar, se saúde pública você não tem que pagar, por que o transporte público você tem que pagar? É uma coisa simples, mas as pessoas ficam: é mesmo, se é público, porque eu tenho que pagar? Aí sempre tem um que fala: ah, mas o público é ruim. Tá, é dever nosso lutar para que o público não seja ruim. Porque é público não tem que ser ruim. As pessoas falam, ah, mas vocês estão lutando por uma coisa tão pequena. Vai lutar por uma coisa maior. Eu falo: se as pessoas não estão tendo capacidade de lutar por uma coisa pequena, não vão lutar por uma coisa maior. Vão ficar a vida inteira fazendo marchinha contra a corrupção.

Ester: Não, mas além de você ter que pagar o transporte público, você ainda pra ter acesso à educação você precisa do transporte público que é pago. Então tem uma roleta na escola. Tem até o panfleto que a gente divulgou por aí. Tem uma roleta na escola, tem uma roleta no hospital, uma roleta no teatro, porque por mais que seja público o direito ao lazer, o direito à escola, à educação, à saúde, você tem que pagar por um direito que é o transporte pra você ter acesso a esses direitos que são gratuitos, que acabam não sendo porque você tem que pagar pra chegar e ter acesso a esses direitos.

- Como está o movimento hoje? O que será feito daqui pra frente?

Bruna: Por enquanto é elaborar o projeto para a conferência. A Conferência de Mobilidade Urbana com foco no transporte coletivo e outras alternativas de transporte. Porque engloba muita coisa aí. O governo solicitou que nós elaborássemos o projeto e eles vão...

Ester: Foi no dia 05 de junho deste ano.

Bruna: Aí ele solicitou que a gente elaborasse o projeto e eles iam avaliar o projeto e iam fazer a conferência. Mas quando eles colocam que vão avaliar o projeto e fazer a conferência, subentende-se que não vai ser do jeito que a gente colocou total, que eles vão mexer. Porque vai ser de interesse deles e não o nosso, porque são eles que vão bancar. Mas mesmo assim não deixa de ser uma vitória, porque só de a gente conseguir que eles se mobilizassem pra fazer uma conferência já é alguma coisa, pra quem antes não era nem ouvido, era ignorado o tempo todo.

6.2 Entrevista com Josimar Nunes

Entrevista com Josimar Nunes, estudante de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

- Como foi a sua atuação no protesto, nas reivindicações do movimento?

Eu comecei a participar no ano passado, logo no início, no finalzinho de janeiro. A gente começou fazendo atos semanais, apesar de não estar aparecendo na mídia aberta. Inclusive, nós utilizávamos muito da internet pra conseguir as pessoas, tanto é que tudo começou no ano passado no Orkut, em uma comunidade chamada Passagem Aumentada Vix Parada. Ali começou aquele processo de mobilização que culminou naquele grande ato no dia 02. Eram atos semanais mesmo. Em um mês fazíamos quatro atos.

- Você já tinha participado de alguma mobilização por alguma outra causa ou pelo transporte público mesmo?

Por eu ter entrado na universidade um semestre antes (do início das mobilizações), porque eu entrei em 2010/2 no curso de geografia, eu tinha participado de uma manifestação, exatamente sobre transporte, que foi em 2005, 2006 se não me engano. Em 2006 ou 2007. Foi no período em que eu estava no Ensino Médio, estava no primeiro ano do Ensino Médio, aí aconteceu uma grande passeata. Eu participei da passeata mais como massa mesmo e não como organizador.

- Você teve uma forte atuação na internet antes, durante e depois das mobilizações dos dias 02 e 03 de junho, pela redução no preço da passagem e melhoria no transporte público. O que te motivou a isso? Por que você acredita na internet para esse tipo de mobilização?

Olha, a internet hoje é um meio de comunicação incrível. E nós não tínhamos meios como o jornal e a TV e a gente tinha que se comunicar de alguma forma. A internet foi simplesmente quase que a espinha dorsal do coletivo. Inclusive, marcar reunião, as próprias discussões após os atos, durante os atos a gente estava bombardeando de informação, convocando as pessoas para os atos. Então, assim, eu considero a internet para o movimento, pra ter acontecido tudo aquilo no ano passado, foi primordial.

- Depois de criada a comunidade no Orkut, como foi o processo de mobilização das pessoas, de organização do movimento?

Segundo informação das meninas que criaram, que foi a Irlane Reis e a Daiane Reis, elas criaram de início, não com esse intuito, só que viram que a comunidade estava bombando. Então, vamos começar a fazer alguma coisa. Aí marcaram uma reunião.

- Vocês já eram amigos?

Não, eu conheci todos os que eu conheço no MCA (Movimento Contra o Aumento), hoje, pela internet, participando das reuniões. Pouquíssimos foram por meio da Ufes.

- Alguém marcou a reunião fora da internet?

Foi algo mais que instantâneo. Começou com as pessoas se unindo, se unindo, se unindo e se interessando pelo debate, foi automaticamente. Não me lembro agora a pessoa, mas ela propôs a reunião e a reunião aconteceu e as coisas começaram a partir dali.

- Deu muita gente nessa primeira reunião?

Olha, a informação que eu tive é que deu uma quantidade razoável, eu não sei exatamente quantas pessoas, eu posso até te passar a entrevista na íntegra que as meninas deram para o Jornal A Gazeta. Ali elas fala exatamente sobre essas questões mais pontuais.

- Você considera a sua atuação na internet como jornalismo?

Eu acho que sim. Pelo menos os meus perfis tanto no Twitter, no Facebook, até mesmo o meu blog. Inclusive, meu nome é Josimar Nunes, as pessoas me intitularam como JN, fazendo uma menção ao Jornal Nacional. Direto eu ouço esses trocadilhos. Porque, assim, nas minhas redes sociais, eu procuro além de compartilhar pensamentos, aqueles anseios em relação a determinados assuntos. Porque a gente vai comentando, está passando um programa você vai comentando. Eu procuro além de fazer esses comentários, passar uma informação. Por exemplo, na semana passada eu estava numa reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que era importantíssima, de interesse de todos os estudantes. Então, eu estava em tempo real passando o que estava sendo discutido lá. Tanto é que terminou a reunião, na hora, eu tirei uma foto da resolução que nós conseguimos aprovar, encaminhei e começou a circular.

- Você vai atrás de notícias?

Na verdade, como eu estou envolvido, elas quase que vêm a mim. Como estou aqui dentro da universidade, tanto é que as pessoas acabam me ligando: Ah, Josimar, você sabe do que está acontecendo na universidade? Como eu estou próximo, por exemplo, do DCE, estou próximo do Conselho, então, automaticamente eu estou próximo dos professores e dos discentes ao mesmo tempo. Então é algo que eu quase não preciso ir atrás. Às vezes eu estou no trânsito, por exemplo, eu acompanho o @transitoVV, então fica automático. Eu posto a informação, enfim.

- Você também participou dos protestos nas ruas?

Fui. Eu estive no ano passado todinho e este ano em várias manifestações, inclusive na última que teve no Centro da Cidade.

- Durante o protesto nas ruas você atualizava suas redes sociais ou as do movimento? Ou isso só acontecia quando chegasse em casa ou em local com internet?

Eu adquiri um celular com android, que tem essas facilidades, este ano. No ano passado eu fazia isso mais por meio de um celular mais antigo, então só tuitava às vezes, né? Mas, na maioria das vezes, era depois das manifestações que a gente publicava as informações. Inclusive no meu blog eu publiquei algumas informações que nem foram divulgadas, algumas ações truculentas que a polícia teve, por exemplo, que só eu e as pessoas que estavam lá viram. Inclusive, uma dessas informações eu gravei o que saiu em uma reportagem da TV aberta, gravei um vídeo que a gente tinha feito lá, coloquei junto, entendeu? E deu pra fazer um paralelo interessante.

- Qual foi a importância da internet no processo de luta?

Não só aqui. Se você observar hoje, até o jornalismo da TV... Ontem eu assisti uma reportagem sobre a Síria (desculpe eu não estou me lembrando o país), a informação que eles estavam passando na TV era o que eles estavam tirando da internet, de pessoas que estavam lá publicando vídeos. Eles não têm a possibilidade de ir lá. Então, até para aqueles que deveriam, entre aspas, estar lá, que são os repórteres, começam a utilizar esses meios. Tanto é que durante a invasão do Complexo do Alemão, o Renê Silva está aí, ficou famosíssimo em rede nacional por estar transcrevendo o que estava acontecendo lá.

- Por que aconteceu essa rixa entre a imprensa tradicional e vocês que estavam na internet?

É porque eu não tenho vínculo com ninguém, com partido eu tenho porque sou filiado ao PSol, enfim, ponto. Mas isso não me impede de falar o que eu quiser. Eu não tenho vínculo com nenhuma grande empresa. A rede de comunicação do Espírito Santo, hoje, que é principalmente o Espírito Santo em Ação, tem uma das suas vertentes a parte de comunicação. Os principais meios de comunicação aqui do Estado estão no Espírito Santo em Ação, que é o que? É um meio de reafirmar toda a ação do Estado. Você pode ver, os estudantes no ano passado, no dia 02, a gente apanhou, apanhou de manhã, de tarde e de noite, reprimiram. Até algumas reportagens mostraram moradores que não tinham nada a ver, apanhando da polícia e no outro dia a capa de A Tribuna era o que? Baderneiros. Aí você vai ver e não fala nada sobre a truculência da polícia. Voltando a sua pergunta, por que há essa rixa? Porque a informação na internet, ela não passa por esse filtro editorial. Então, eu estou lá vendo que você está atirando em uma pessoa, eu posso falar: Oh, fulano de tal atirou. Eu não vou colocar: há a possibilidade de talvez ter acontecido, mas, eu vou colocar: acabei de ver atirando. Então, a internet permite isso. Temos exemplos também de São Paulo, da USP, do processo de greve. Eu tenho contato com algumas pessoas de lá, colegas de curso que estavam naquela movimentação, eles estavam em tempo real divulgando o que estava acontecendo. Você via o que estava saindo na mídia totalmente diferente. Esse conflito há porque a internet é livre e permite a todo aquele que quiser ter um perfil na internet, transparecer o que está sendo claramente visto. A mídia que a gente tem, hoje, tida como a responsável por informar, ela muitas vezes passa um filtro, que é o editor chefe. Inclusive, talvez você não tenha ficado sabendo, mas teve uma foto que tiraram no dia... Você ficou sabendo no dia em que o vice presidente viria aqui? Naquele dia saiu na mídia que não teria condições do evento acontecer. Teria plenas condições. Naquele momento lá teve uma foto, inclusive, que foi publicada dos estudantes e afins que estavam lá, que não eram só estudantes. O primeiro cartaz que aparecia era bem assim: Gazeta Mentirosa. No outro dia, você via aquela foto no jornal A Gazeta e estranhamente o Gazeta Mentirosa sumiu. A mesma foto, entendeu? Eles encontraram uma forma de esconder e você não consegue ver aquela mensagem lá. Então, é esse problema que eles têm. Por exemplo, no Espírito Santo, hoje, você olha no Facebook e vê esse debate que está tendo sobre a educação, as greves. Tem várias universidades em greve e você não vê a Globo falando sobre isso. Entra no Facebook e começa ver. Lá tem um monte de relatos e denúncias sobre o que está acontecendo, a Bahia tem mais de 60 dias, tudo parado. A gente não vê isso na mídia. Eu só sei disso por quê? Por causa da internet. Você vê, eu publiquei uma foto aqui, já era. A pessoa copia para o computador e publica em outro site. Tem até o lado ruim também né, por exemplo, o caso daquela Carolina Dickeman que eu prefiro nem comentar. Mas hoje eu tenho visto que o lado bom, nesse sentido das movimentações, de reivindicações e afins, a internet tem sido primordial. Se não dá pra informar, infelizmente, aquele do interior do nordeste, mas pelo menos aquela comunidade acadêmica, que tem acesso à internet, ao celular com internet, tem sido primordial para informar pelo menos o mínimo possível.

- O movimento até então era intitulado de Movimento Contra o Aumento Tarifário. Depois mudaram para somente Movimento Contra o Aumento. Por que houve a mudança?

É simples, né? Pra começar, o Movimento Contra o Aumento não é só contra o aumento. O termo Movimento Contra o Aumento ou Contra o Aumento Tarifário já é pejorativo, porque taxa o movimento como se estivesse lutando só pela tarifa. Na verdade, a tarifa é o estágio final. Alterou simplesmente porque a mídia começou a tentar dar um tom pejorativo para a coisa: ah, contra o aumento! Então tá bom, a gente vai adotar carinhosamente isso agora no

MCA. Não tínhamos um nome até então. Era um grupo coletivo de estudantes na rua. Não tinha Movimento Contra o Aumento Tarifário. Foi algo que fugiu um pouco ao controle. O movimento luta por quê? Por todo aquele processo que ao final vai gerar a tarifa. Então, por exemplo, o Conselho Tarifário que era o que tinha, que eram as reuniões em que os empresários e os vendidos, que eram os sindicatos e afins, eles discutia: a tarifa está tanto, gastou tanto de pneu, gastou tanto de não sei o que, então a gente vai aumentar para X. O coletivo luta pelo que? Não, vamos fazer um debate amplo com a sociedade? Vamos fazer o seguinte: Marcelle, o que você acha do transporte na sua região? Tá bom, tá ruim, não tá? Vamos pensar? Então ele quer que pense toda aquela lógica, quer que seja toda aquela lógica da gestão do transporte. Não é simplesmente tarifa pela tarifa. Talvez tenha sido um dos motivos de tirar Contra o Aumento Tarifário. Não é somente contra o aumento. Você conhece o movimento Tarifa Zero? Porque olha só, a constituição diz que todos nós temos o direito de ir e vir. Mas eu não me sinto contemplado quando, por exemplo, hoje, dá uma hora da manhã eu quero ir para algum lugar. Eu posso ir? Não tenho ônibus. Aí vai falar: tem bacurau. Tudo bem, mas na minha região passa um bacurau a cada duas horas. Eu moro na região oeste de Vitória, que é a região da Grande São Pedro e tal. Mais precisamente em Bela Vista. Entendeu? Ah, mas está aumentando. Tá, está aumentando, mas não é o ideal. Então vamos continuar o debate? Vamos chamar a sociedade? Eu mesmo não sabia que existia Conselho Tarifário. É uma informação que não é passada.

- Existiu algum debate para a mudança do nome? Alguma assembleia em torno desse assunto?

Não, não teve um debate especificamente. Porque isso aí na verdade é uma questão de conceito, de terminologia. Mas, assim, você vendo a pauta do coletivo, você vê que não é um movimento contra o aumento. Você vê que é algo muito mais amplo. Tanto é que a pauta era o que mais ou menos? Aumento de ônibus, ônibus 24h, reativação. Gente, Vitória é uma ilha. Como é que não se tem um aquaviário? Como é que se extingue um aquaviário? Entendeu? Vamos utilizar dos meios que a gente tem pra desafogar um pouco ou interligar, não sei. Vamos pensar! Aí você vai falar, você tem a solução? Não tenho a solução, mas quando eu fomento o debate, o contraditório gera o novo, então vamos debater. Ah, eu estou errado? Então prova que eu estou errado. Que aja, que chame a população, que dê uma ambição também. Porque não adianta eu chamar uma audiência pública e abrir a cabeça da população e socar informação lá dentro.

- O movimento teve liderança?

Não. Apesar de que todo o movimento que há na Ufes hoje falam: liderança do PSol, liderança do PT. Não havia liderança nenhuma. Tanto é que às vezes um problema que a gente tinha que era o que? Todo ato era autônomo, a gente decidia em reunião, mas se houvesse um número maior de pessoas que não se sentisse contemplado e quisesse mudar, naquele momento a gente fazia uma assembleia. O movimento sempre foi totalmente horizontal. Ah, mas o Gustavo De Biase e tal. Tá. Ele esteve na reunião, colocou o seu nome e ninguém foi contrário. Então, ele não era liderança como colocavam. As lideranças do ano passado eram o que? Eu li algumas entrevistas. Josimar era líder, o Gustavo era líder. Tinha liderança? Tudo bem, todos os que estavam no MCA eram líderes, porque todos tinham voz a qualquer momento. Entendeu? Por exemplo, no próprio dia 02 do ano passado, durante ali, no Centro da Cidade, estava acontecendo assembleia toda hora. Chegava uma informação, não era o Josimar que definia não. Inclusive, eu estava conversando com o governador naquele momento, o vice né, no caso, o Givaldo. Então, eu recebi uma informação e não tinha autonomia suficiente, eu Josimar, pra definir. Se fosse alguma coisa pontual que não condissesse à questão de nortear o movimento, tudo bem, eu poderia até falar. Mas todas as

minhas falas, se eu fosse para uma reunião, eu não ia falar: o Josimar está falando. Eu cheguei, oh, eu sou o coletivo, sou Movimento Contra o Aumento. Não tinha hierarquia nenhuma.

- Qual foi a vantagem disso?

A vantagem é porque você elimina aquelas figuras... Tanto é que até o debate no governo... Eu não sou anarquista. Se eu fosse anarquista eu não estaria no partido. Mas qual era o discurso? Porque assim, era um coletivo que tinham várias cabeças né, literalmente. Por que? Ali tinham alguns tidos como anarcosocialistas, anarquistas, que acredita na política partidária ou que não acreditam, ou que não sabem o que é isso, mas que sabe que o transporte está, entre aspas, uma merda. Mas, assim, olha eu não sei de nada, mas eu pego ônibus todo dia e eu acho que está errado. Eles estão certos, eu acho que eu também vou lá. E vai. O que isso contribui? Quando você não verticaliza o movimento você permite que todos tenham voz. Quando você está verticalizando um coletivo, você pode chegar aqui agora e tomar a decisão que você quiser. Qual é o problema dos sindicatos, hoje, por exemplo? Não que seja problema, tá? Até mesmo porque eu acredito que deva existir um nível de organicidade também. Em São Paulo no ano passado, tem um exemplo muito pontual sobre isso. A base deles todos estava querendo manter a greve. O presidente do sindicato dos professores foi lá e assinou com o governo. O que aconteceu? Aconteceu o maior alvoroço. Entendeu? Então, essa horizontalidade garante o princípio da democracia. Não da democracia representativa, mas da democracia das massas pelas massas.

- Você acha que houve algum ponto negativo em não ter uma liderança?

Olha, é porque toda regra tem sua exceção. Eu mesmo já falo em alguns momentos o que prejudicava às vezes. Teve reunião em que eu fiquei sete horas em reunião. Eu chegava quatro horas da tarde e a gente rodava a reunião até onze horas da noite. Aí, decidia tudo, saía preto no branco. Bonitinho! Só que como não tinha uma verticalização, a qualquer momento poderia rolar uma assembleia, não tinha nem carta de princípios, né. Que é o que? Seriam uma série de regrinhas que iam nortear, não ia regerar, mas iria nortear a atuação do coletivo. Às vezes essa decisão, a gente chegava na hora do ato lá. Às vezes atrapalhava, porque você não conseguia cumprir uma deliberação da assembleia que tinha feito. Então, era um problema. Mas eu não acho que seja tão assim.

- Algumas coisas saíam do controle. Alguns manifestantes às vezes excediam um pouco em algumas ações. Você acha que se talvez houvesse um líder isso não pudesse ser evitado?

Não. Porque independente se tem ou não liderança, essa questão aí... Porque passou de 100, 150 pessoas, é impossível você controlar cabeça por cabeça. Todos os atos tinham uma denominada Comissão de Segurança. A demanda da comissão de segurança era exatamente isso, segurar um pouco aqui, proteger contra a ação tanto do movimento para com os motoristas, vamos dizer assim, tanto resguardar aqueles que estavam no ato. Entendeu? Então, assim, não vejo. Outro problema que eu posso argumentar pra você na questão de se fazer liderança: por que a mídia, a mídia que eu estou dizendo é assim, a mídia como um todo, sempre procura personalizar. É muito mais fácil você prender uma Marcelle do que você prender 200 pessoas que estão no ato. Pega a Marcelle e coloca toda a culpa nela. Entendeu? Então esse também era um dos motivos de não se ter liderança. Que era o que? Vamos resguardar a integridade física e moral de todos aqui. Apesar de que não tinha como né? Sempre saia como o Tadeu que era o culpado, o Gustavo, o Vitor César Noronha ou era o Kauê ou era o Josimar. Ou sei lá, ou era a Ester, ou era enfim, o Zé Anésio, que era do DCE naquele momento. Então, essa questão da liderança também é um problema. Entendeu?

Porque muitas vezes, ah, vamos pegar a liderança. Qualquer coisinha que der... Por exemplo, pensa comigo, o movimento era totalmente horizontal. Teoricamente, quem está no ato ali, ele tem autonomia. Agora imagine, por exemplo, tem 500 pessoas. Dessas 500 pessoas, 50 estão ali e não querem nada com nada. Eu posso proibir elas de estarem ali? Não posso. Nem se fosse um movimento social. Não tenho como proibir. Aí, aquelas pessoas que não tem nada a ver, mas nada, nada a ver mesmo, que estão ali para causar, vamos dizer assim, aí vai lá e chuta um motoqueiro, sei lá, chuta um carro, faça o que tiver de ser feito. Quando estamos ali a tensão interna, cara, assim, você fica muito nervoso, entendeu, as pessoas têm que ter muita calma. Aí, aquela pessoa que não estava nem construindo o coletivo vai lá e faz alguma coisa, aí vai vir pra cima de mim, que sou o líder. Então, é uma forma de resguardar a integridade de cada um também, né, essa questão da não liderança, tanto moral quanto física também, de não ir preso. Se você está no sindicato, você deflagra uma greve. Se o sindicato foi contrário, está indo de encontro à lei, o primeiro a ser preso é o presidente do sindicato.

- O governador teve uma resistência, demorou vários dias para receber os manifestantes. Era sempre o vice governador que recebia e o governador não queria nenhum contato. Você acha que isso aconteceu por que motivo?

O engraçado é que ele é do Partido Socialista Brasileiro, né? Então, teoricamente, ele deveria ser o mestre em dialogar com a sociedade. E, na verdade ele se fecha. Inclusive, ele continua assim, tá. Tanto é que ele criou agora uma subsecretaria de diálogo com movimentos sociais, ou seja, você vai conversar com a secretaria para depois chegar até ele. Enfim, aí são questões burocráticas. Não diria nem burocráticas não. Gente, eu, no meu ponto de vista, ele foi muito idiota de não ter recebido o coletivo. O Paulo Hartung, ele era um ditador muito bom. Eu não sou favorável a ele, tá? Ele tem lá suas qualidades, mas, assim, tenho críticas a ele também. Mas ele tinha uma coisa nele. Ele não fugia da raia né? Não foge da raia, como diz no interior de Minas lá de onde eu sou. Porque é o seguinte: nas últimas manifestações que houve a redução da tarifa, ele chegou de cara com a população, com os estudantes, e o cara tem que ter muito peito para chegar para um estudante universitário, um cara altamente crítico. Não somente o universitário, mas, assim, outros estudantes que estão ali engajados na causa. E ter coragem de chegar em público e conversar com eles. O Casagrande já não é assim. Eu não entendo por que. Na verdade eu entendo, só que eu prefiro não citar. Ele, enfim... Ele é muito fraco nesse sentido, cara. Pesquisa pra você ver as notícias que durante, principalmente depois do dia 02, os comentários dos professores aqui da Ufes, que direto davam entrevista... Tem um professor que sempre dá entrevista pra CBN, acho que ele é até colunista na CBN, não lembro o nome dele. Ele descia o pau no Casagrande. Gente, pelo amor de Deus, recebe os estudantes. Os estudantes querem o que? Querem falar com o Casagrande. Recebe eles! Não é essa a principal pauta? Recebe eles e dá um posicionamento. Agora você pensa comigo. Depois do dia 02 aconteceu aquela questão com o vice-presidente. Se no dia 02 mesmo o governador tivesse sentado com os estudantes, teria acalmado. Não teria sanado, mas teria acalmado. Sei lá, falta jogo de cintura com ele para dialogar. Não só com estudante tá? Com a sociedade. Não que estudante não seja sociedade. Porque historicamente o estudante sempre é um pouquinho mais crítico. Não tem rabo preso com nada, não tem que prestar conta pra ninguém. Eu tenho o direito de ir e vir, acabou. Eu quero meu direito resguardado. Ponto.

- Nas reuniões que vocês faziam no início de 2011, o grupo estava dividido em comissões? Quais eram elas?

Comissão de Comunicação, Articulação. Assim, eu me lembro das principais. Mística, Segurança. Mais o que? Olha, o que eu estou lembrando até agora são essas aí. Que é o que? De comunicação, Articulação, porque aí articulação automaticamente era o que? Aquele que ia para as reuniões e tal. Comunicação é o que? Ficava na internet, falava com jornalista às

vezes, mas, às vezes a articulação estava mais rápida, então, a articulação acabava falando com o jornalista. Porque, se a articulação esteve na reunião, sou eu que estava no ato que vou falar? Enfim. Então, as centrais era essas, que era Comunicação, Articulação, Segurança e Mística.

- Durante os protestos de 02 e 03 de junho, foi bastante enfatizado que o movimento não possuía líderes. A existência dessas comissões não caracterizava certo tipo de liderança?

Não. Porque eram geradas demandas para as comissões da base. A liderança era o que? Quando você fala em liderança eu tenho o poder de falar o que vai ser ou não feito. Eram gerados, vamos supor... O que a articulação ia fazer na reunião? A base falava você vai fazer isso, isso e isso, se o governador falar isso, você só pode fazer aquilo, você avança até aqui, pode recuar até aqui. Puxava uma assembleia. Na internet: assembleia geral do coletivo. Aí a pessoa chegava e gerava essas demandas. Entendeu? Eu não tinha autonomia para tomar uma decisão por mim. Ah, o Josimar acha que é assim, vamos fazer assim. Inclusive, assim, eu sou da Comissão de Comunicação, mas não quer dizer que eu não vá meter o meu dedo lá também na articulação. Então, toda a base gerava as demandas para as comissões, que eram responsáveis por determinados aspectos do movimento: comunicar, tentar articular com outros movimentos, tentar articulação com o governo.

- Você acha que as demandas de vocês foram atendidas?

Tiveram algumas que sim. Aquelas que não foram atendidas. Por exemplo, foi se falar um ônibus 24 horas só depois do dia 02. Até então, o governador... Ah, outra coisa, você pode ver qual é a pauta de todos os candidatos hoje, este ano. Mobilidade Urbana. O próprio tema mobilidade urbana começou a ser colocado em pauta a partir do ano passado. CPI. Há algumas semanas atrás, o Ministério Público, suspendeu os contratos de concessão, apontando uma série de erros, dentre elas o seguinte: vencia o contrato de concessão das empresas de transporte, eles já renovavam sem que houvesse licitação. Isso fere o princípio leal de disputa de uma empresa para prestar serviço para o governo, né? Porque tem que ter uma licitação, porque aí, ganha o melhor preço, a melhor proposta e assim por diante. Tem a questão do aquaviário. Pega a pauta do ano passado, cara, uma das principais era o aquaviário e agora já está aí. BRT. O governo só começou a falar essa questão aí de anunciar investimento em mobilidade urbana... Então, a sociedade começou a se questionar. Se você entra num ônibus, hoje, é muito comum, como o trânsito está ruim. Eu ouvi uma pessoa falando bem assim: então, se eu tivesse tempo. Tem até um autor que eu acho muito interessante: todo revolucionário tem que ser primeiramente vagabundo. Se eu não me engano é assim que ele fala. É mais ou menos nesse sentido. Porque pra você ser revolucionário você tem que ser vagabundo? Porque oh, você não é casada ainda, provavelmente. Mas se você é casado, você tem filhos... Não estou determinando que seja assim, mas normalmente... Se você é casado você vai ter filho, você vai ter que cumprir com os seus vencimentos, ou seja, você tem que pagar telefone, você tem que trabalhar. O trabalho é o que hoje? É oito horas por dia, 12 horas. E aí, qual é o momento pra você estar na militância, no debate político? Política, eu não estou falando política partidária, tá? Debater políticas públicas, por exemplo. Então, assim, além de fomentar o debate na sociedade, né? Pressionou o governo a se posicionar a respeito, entendeu? Tem essa demanda aí que a sociedade está super interessada, inclusive está virando pauta de campanha política, você pode ver aí. Sem contar que uma série de programas que o governo está dizendo que é ele que está fazendo, na verdade ele só está tentando arranjar um jeito para se desvincular do coletivo, mas se você pegar a pauta do ano passado e pegar o período em que começou a ser anunciado. Foi exatamente depois do ato do ano passado.

- Vocês ainda fazem algumas assembleias e algumas mobilizações, mas com menos frequência, por que isso está acontecendo dessa forma?

É porque, assim, o movimento social, principalmente o movimento estudantil, ele não é certo. Por exemplo, você pode fazer um ato, não é uma medida certa. Você pode fazer um ato aqui e dá 50 pessoas, você pode chamar um ato que dá 200, que dá cinco mil. Depois que vai dar dez, que vai dar uma. É incerto. Então, por exemplo, está acontecendo sim, movimentações aí, inclusive tem outras pessoas que estão lá até mais engajadas do que eu, até mesmo porque este ano eu estou com uma demanda do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que é algo bem intenso, porque a gente é estudante e tem questões burocráticas sinistras lá pra gente resolver, às vezes. Então, assim, às vezes, demanda mais tempo, eu estou num outro projeto que é chamado Funk da Paz, que é um projeto social que trabalha o funk mais politizado. O funk como um instrumento pedagógico, vamos dizer assim. Pra trabalhar na mente das crianças, olha, a questão da paz, a questão do respeito aos pais, respeito ao próximo. Você está próximo a um carinho que é do crime, mas não é por isso que você precisa ser bandido. Enfim, essas demandas fez com que eu me afastasse um pouco. E algumas outras pessoas também. Umas estão se formando, outras estão em outros espaços. Mas o debate continua. Tanto é que agora dia 28 o governo marcou uma reunião com o coletivo, mas, enfim. Também rolou uma reunião do Contra o Aumento esses dias atrás aí.

6.3 Entrevista com Gustavo Badaró

Entrevista com Gustavo Badaró, Gerente de Políticas de juventude do Governo do estado do Espírito Santo.

- Na época você divulgou uma carta contra o movimento. Como é o seu posicionamento em relação ao movimento? Como você o enxerga?

À época eu estava trabalhando no Iases, porque eu sou funcionário de carreira da medida socioeducativa. Eu acompanho o movimento desde os primórdios, desde 2001, então a gente construiu. Em 2005 eu estive a frente dos movimentos. Não se trata de ser contra a luta pelo Passe Livre. Não teria como eu ser. Eu fui um dos propagadores da bandeira. O movimento Passe Livre começa conosco. Então, não mudei meu ideário. E outra coisa, a gente não pode deslocar 02 de junho. O que foi criado é como se 02 de junho tivesse sido o começo e não foi. Esse movimento vem numa esteira, numa esteira que inicia em janeiro e eu acredito o seguinte: existe uma dinâmica do enfrentamento popular e, principalmente as pessoas de esquerda que querem fazer esse enfrentamento, tem que ter muita responsabilidade com esse movimento. Então quando nós vamos para a rua, nós temos que saber que as pessoas mais atingidas serão os nossos parceiros, populares. Isso tem que ser a culminância de algo que seja, ou seja, acabou, não tem a mínima possibilidade, nós realmente não estamos sendo ouvidos, realmente não há qualquer bandeira, nós tentamos. E esse movimento não tentou em momento nenhum dialogar. No dia 19 de janeiro o governador não tinha nem sentado na cadeira, não recebeu qualquer carta de: queremos uma audiência, somos contra e quem aumentou a passagem tinha sido o governador anterior, então, pra mim, tinha sido bem claro que era uma forçassão para criar um fato político. Eis que isso vem avançando, vai indo para a rua, um número pequeno, pequeno e mais, nós temos outras questões a serem colocadas. Em momento nenhum eu vi, por exemplo, era utilizado o nome estudantes da Ufes e você que é estudante da Ufes viu alguma assembleia na Ufes pra decidir sobre passeata? Então como que você usa o nome dos estudantes da Ufes e não convoca o fórum legítimo dos estudantes? E ainda assim eu poderia questionar se eles tivessem feito assembleia se a assembleia foi divulgada pelo menos, porque às vezes também você chama uma assembleia sem fazer uma

divulgação. A verdade é que como eu sempre acompanhei à distância por curiosidade, por ser fã, por gostar da movimentação, sempre fiz isso por amor mesmo, a gente observa que estão vilipendiando os órgãos democráticos. Então, é porque nesse momento, ah que legal, é porque a causa é justa, mas eu já vi e nós podemos, enfim, tomara que isso não aconteça, pessoas mais conservadoras e reacionárias fazerem esses movimentos num sentido golpista para acabar com o movimento. Na época que a gente estudava isso aconteceu. Havia um grupo na Ufes que se reunia e dizia, por exemplo, que os estudantes agora são a favor de curso pago. E isso é muito complicado, por isso que nós temos que respeitar os nossos fóruns legítimos. Então, o movimento estudantil no sentido mais amplo cai em discreto. A gente começa a cair no espontaneísmo. Junta a nossa turma, minha galera, o sistema é mau, mas minha turma é legal, reúno aqui a minha galera e não é isso política. Não estou falando de números, eu acho o seguinte: convoquei uma assembleia, divulguei amplamente, compareceram 30 pessoas, 10 pessoas. Problema dos outros 18 mil que foram avisados, tiveram condição de participar e não participaram. O fato foi: não houve qualquer assembleia e utilizou-se o nome dos estudantes. Sequer o DCE fez uma reunião e disse: o DCE da Ufes fez uma reunião com a sua diretoria e decidiu ir pra rua. Não. Juntou uma turma, utilizou desse nome forte que nós, então eu me sinto membro da história, capaz de reivindicar a responsabilidade dos estudantes da Ufes que eu também ajudei a construir esse história. Ah, pelo amor de Deus. Se vocês vão assumir a bandeira estudantes da Ufes, utilizem os fóruns estudantes da Ufes. E o meu medo acabou se concretizando depois. Eu até chamei umas lideranças num dia, conversei com eles e falei: rapaz, vai chegar o dia em que os populares vai partir para cima de vocês. Vocês não estão dialogando com as pessoas. E, infelizmente, o meu medo aconteceu agora na última. E outra coisa que me revoltou muito: aí, chega dia 02. Isso foi acontecendo, 150 pessoas. Gente, 150 pessoas é uma turma de cursinho. Me ajuda! À época, eu odeio essa história de “na minha época”. Não, eu sempre disse. Quando a gente começou o movimento a gente também tinha 30, tinha 50, só que nós não parávamos a rua inteira porque nós éramos só 50. Agora, nós íamos para dentro do shopping, nós inventávamos mil maneiras até a gente virar o que a gente virou e obrigou o governador a recuar. E não foi nós. Foi todo o movimento popular. Havia articulações, então os fóruns foram respeitados. O que eu comecei a observar? Estava virando circense. Foi em respeito ao próprio movimento que eu me coloquei contra. Algumas pessoas, numa postura revanchista, nem leram o texto. Só falaram: é contra? É meu inimigo. Lê o texto e você vai ver claramente que eu sou a favor do movimento. O que eu não tolero são as manipulações políticas, criação de fato político para dizer ai, tadinho de mim. Para com isso! Desde 2005 eu fui contra quando o pessoal quis ficar na rua mais tempo só para tomar borrachada. Agora, ao mesmo tempo, eu posso dizer que a polícia agiu errado, o Marcelo Ferraz, à época, agiu errado, porque a gente tinha conversado com ele e eu disse: olha, não precisa disso. Vamos conversar. A Ufes está em ebulição. Porque ninguém queria realmente isso. Inclusive no texto eu uso isso, porque as pessoas é o seguinte: ir pra rua é tranquilo. Não é, cara. Não é porque, hoje é segunda-feira, tem pessoas que marcaram consultas há seis meses e estão indo. Muitos desesperos, são muitas histórias de vida, muitos momentos alegres. Às vezes a pessoa está em uma alegria e para o ônibus dela. Quem esteve dentro do ônibus sabe como é que é. Ah, não, mas a causa é nobre. Perfeito. Mas tudo é uma construção. Tanto é que eu lembro muito bem à época, quando o pessoal nos perguntava, ah, o movimento de vocês parou a rua e quebrou coisas. Que é uma coisa também que eu já estava ficando “p da vida”. Por que o que aconteceu? Havia um grupo mais dinâmico que é quem sustentou o dia 02, por incrível que pareça é o grupo que eu mais respeito. Porque é o mais autêntico, é o mais pueril eu diria. E que depois, tão logo eles vão lá bota fogo em alguma coisa ou quebra alguma coisa vêm os líderes dizer que o movimento infelizmente tem pessoas inconsequentes. Se não fosse os inconsequentes vocês já tinham morrido há muito tempo. Então, esse tipo de coisa me colocou, eu me senti na obrigação, e foi uma obrigação

minha mesmo, foi uma coisa minha, acordei e falei assim: ótimo, vocês são bons. Então vamos ver. Tanto é que deu uma outra direção. Eu sei muito bem que eu sou. Falei: ótimo, vocês vão ver porque eu sempre fiz movimento assim. Pego um panfleto e vou. Faça você mesmo, então, meus amigos não me confundam porque eu botei uma roupa mais bonitinha não. Tenho a mesma atitude. Vou, panfleto também. Vocês querem disputar? Vocês não vão disputar só de um lado não. E eu vou te dizer uma coisa, foi triste subir nos ônibus e as pessoas quase me batiam achando que eu ia panfletar a favor do movimento. E eu: calma, senhor, calma. Eu só quero dar uma outra visão do movimento. Até para mostrar que o movimento de panfletagem é legítimo. Então, as pessoas não entenderam. Alguns não entenderam. Outros entenderam e eu não quis saber. Como desde antes, como lutador social que sou eu não estou tão preocupado com o que vão achar de mim. É claro que a gente se preocupa com isso, mas a gente respira e vai para o embate. O que não pode é, assim, ter a palavra certa pra doutor não reclamar. Como diria Nietzsche, existem aqueles que acreditam naquilo que fará com que se acredite mais facilmente neles mesmos. E eu não sou desses. Então, a minha posição em relação ao dia 02: é que, infelizmente, ali aconteceu um desastre. O governo age de maneira equivocada, não precisava daquilo tudo, demorou. No dia eu passei pra ir pro trabalho na hora, eu pensei ainda: não tem lógica isso. Eram 30 pessoas, né? Pegaram um gargalo da cidade e pararam. Poderia ter sido retirado muito facilmente. A própria guarda poderia retirar, poderia dialogar. Teria mil maneiras de preparar aquele Neston. Então vamos voltar um pouco no tempo. 2002. Nessa época, também a gente não parava e não era porque a gente era bonzinho não. É porque é o seguinte: com 300 os carros passavam em cima, eles jogavam o carro pra cima da gente. Eles começaram a respeitar o movimento estudantil depois dessa soma de movimentos bem construídos. As pessoas já sabiam, depois de 2005 você já não vê mais isso. Os populares começam a nos respeitar. Começam a entender que existe um movimento. Mas depois disso, o pessoal não entendeu que o movimento já conseguiu a vitória, mostrou que tinha força de abaixar a passagem e não avançou na pauta. O governo começou a avançar na pauta do Passe Livre e o movimento não avançou na pauta. Ficou na mesma pauta de Passe Livre. Não entendeu que já vencemos. Agora são outras pautas. E, por incrível que pareça, recuou no diálogo com os movimentos populares, até porque o movimento estudantil é dinâmico. Então, não tinha mais, teria que entrar outras pessoas e continuado o diálogo. Vamos de novo ao ponto. Quando eu vejo uma eclosão social dessa monta, eu me coloquei mesmo. Me coloquei mesmo e falei: olha, deixa de conversa fiada porque eu fui testemunha de que havia uma boa vontade do governo de conversar antes deles irem para a rua na primeira vez em janeiro. Isso é uma conversa de bastidores. Tinha total possibilidade. Eles não precisavam nem ter ido para a rua. Se a vontade era verdadeiramente conversar, mas não é. Há um grupo hoje ali na Ufes de alguns estudantes, alguns, são muito pouco mesmo, não posso nem dizer que são um grupo, que se tudo o que eles querem foi dado, é o pior mundo deles. Eles não querem receber o que eles pedem. Eles querem dizer que não estão recebendo. Eu não vou esquecer, foi em 2007 por aí, 2008, teve uma ocupação da reitoria. Aí ocuparam a reitoria, eu fui conversar com o então reitor, o Rubens. E logo depois o Rubens assinou a carta compromisso com tudo que eles tinham pedido, inclusive, café da manhã no RU. E no outro dia, por acaso, eu estava passando lá porque eu ia conversar outras coisas, eu estava trabalhando no Cras na época, eu ia conversar sobre o Cras, aí eu perguntei, poxa, Rubens, o pessoal ocupou e você assinou, legal! Gostei da sua atitude, você assinou as coisas, antigamente era tão mais difícil. Não é por isso não, Badaró. É por que? Eles não cobram. Como? Eu assinei o papel, anota o que eu estou dizendo, depois de seis meses você volta aqui e eu quero ver se eles vão vir. Eles não vão nem lembrar. Eles só queriam ocupar a reitoria. Foi aí que eu entendi. Eles não querem a passagem mais barata. Eles não querem nada. Eles querem estar na rua. Se abaixar a passagem? Eles vão querer que a passagem acabe. Se você acabar com a passagem, eles vão querer ônibus de

asa. Na verdade o que eles querem é outro governador, outro governo. E pra isso ficam manipulando dizendo que é o Passe Livre. É isso que eu não tolero. Acredito que o movimento tem que ser autêntico. Eu quero o Passe Livre? Eu quero o Passe Livre. Eu quero que a tarifa acabe? Eu quero que a tarifa acabe. Eu quero a revolução? Eu tenho que falar com a população: população, vamos pra rua que eu quero a revolução. E esse tipo de meias palavras que eu me coloquei contra. Olha, a verdade é que tem um movimento revolucionário, eu falo eu mesmo, eu acredito nas reformas sim, acredito que é possível ter uma sociedade se não melhor, menos ruim. Mas aprasível, onde dá pra gente avançar nas pautas. E o pessoal não. Pra mim, eu conheço bem, eu também desse seio político, o pessoal não acredita na revolução das coisas não. Se não mudar, não vai mudar nunca. Se a revolução não vier, se eu não tomar o poder, botar alguém com uma estrela na testa. Então acha que a sociedade só tem uma força. Eu não vou entrar nessa pauta. A verdade, então, é que eu me coloquei. Então eu me coloquei nisso porque uma coisa que eu não tolero é sangue, uma coisa que eu não tolero é dor, uma coisa que eu não tolero é ódio. Eu me sinto responsável, enquanto pessoa, enquanto ser espiritual mesmo. Então é essa responsabilidade também porque eu fui um dos criadores do movimento, pra deixar bem claro, pelo menos pra mim, a minha parte eu fazer e dizer não, não foi isso que ajudei a construir não. O que eu ajudei a construir foi uma pauta e que hoje, inclusive, essa pauta já foi esgotada. Fico muito feliz. No final do ano agora vai ser Passe Livre pelo menos para os universitários e etc. Tenho alguma ilusão de que isso aí esgota a pauta? Não. Tem muito o que ser avançado nessa pauta, muito mesmo. Agora, parar o trânsito? Resumindo: parar o trânsito é a última arma. É o que está lá no texto. Você não pode pegar a última arma e começar no começo. Eles começaram do fim para o começo e utilizaram um meio radical para tentar dizer que os outros são maus. Colocaram o governo em uma situação muito difícil. E o legal é que você está fazendo essa entrevista depois de uma série de coisas que agora chegou no cúmulo do governo não intervir, os populares baterem neles e eles dizerem que o governo não entrevistou. Tipo assim, a paranoia já ficou doideira agora. Não, quer dizer então que quando entra e tira está errado. Ah, tá. Tem uma forma de usar a força equilibrada. Por favor senhor, o senhor poderia botar as suas mãos para atrás que eu gostaria de algemá-lo. Não, isso não existe, gente. Infelizmente. Então, um movimento que está constringendo ali, querendo arrumar problema é o que eu falo, chama cantando Tim Maia: “Me dê motivo, pra ir embora”. Então, o pessoal infelizmente andou querendo estar na rua. Então eu me posicionei contra isso. Eu acredito que as pessoas não podem usar a última arma. Porque quando usar a última arma também tem que ter a seriedade e a clareza de dizer muito claramente: olha, infelizmente chegou a esse ponto. E a população ver claramente: é, realmente. Agora, por que o governo não dialoga? Uai, você vai pra rua, imagina, eu chego na sua casa, chutando a sua porta, você tem que sentar e conversar comigo. Espera aí, você ponha-se daqui pra fora, depois você me dá uma ligada e fala que quer conversar comigo. Você nem me deu uma ligada, não mandou uma carta, você não falou que quer conversar comigo. Chega na minha casa, mete o pé na porta e fala que quer conversar comigo com o dedo na minha cara? Não é assim, né. Está querendo medir força. E todo mundo que lida com a política sabe os meios. Então, resumindo: nós vivemos em uma sociedade democrática, em um Estado democrático de direito e eu prezo, acima de tudo, pela democracia, que é uma criatura frágil. Então acredito que, o movimento deveria primeiro ter respeitado as instâncias. Você manda uma carta, você faz uma reunião, você faz assembleia, você reúne o pessoal. E outra coisa, o movimento tem que ser que nem rio. Essa história de que a gente pega de surpresa acabou. Surpresa? Depois da era do Facebook, de Twitter. Nem quando eu era mais novo não tinha mais como pegar de surpresa, nunca teve. Então deixa de bobagem. Tem que ser igual rio. Todo mundo sabe onde nasce, todo mundo sabe onde ele desemboca e ninguém consegue deter. Faz no máximo uma represa e ele continua descendo, infiltra dentro da terra. Movimento que é movimento é como o rio. Isso é conversa fiada. Se o

movimento não é rio ele não é movimento. Então, não tem porquê você não fazer uma construção da maneira correta. E virou circo. Todo ano tem. Igual carnaval, todo ano tem. Todo ano tem, é a mesma coisa, é o mesmo bloco. É igual carnaval de rua, tem pouca gente, já não pega mais. E aí isso é chato, é desagradável para mim que sou um camarada de esquerda. Acredito que essa ferramenta de luta, de ir para a rua não pode ser banalizada. Não pode, não deve. Tem que ser a culminância de um conflito que realmente chegou e aí não tem como. Repetindo, né, os guerreiros lá, os meninos foram guerreiros, os 20, 30 que estavam lá, depois mais tarde aconteceu o negócio na ponte, de quebrar os trens na ponte. Aí vem: é, infelizmente tem uns inconsequentes. É, os mesmos que seguraram o movimento, fizeram lá e depois vocês foram nadar de braçada em cima do movimento. E a prova da inconsistência do movimento foi ele mesmo. Eu não preciso dizer nada. 2005 é engraçado. Por que que em 2005 só cresceu? Então, infelizmente, eles estão fazendo um movimento que não é igual bolo, é igual pão, só cresce se bater. Tem que analisar que isso é um sintoma. Um movimento que não cresce é sintomático. As pessoas precisam fazer uma autocrítica. Eu gostei muito do último debate lá na Ufes que eu fui ver sobre mobilidade e as pessoas falando isso. Inclusive alguns companheiros antigos sobre que a pauta já pode avançar. Então, assim, eu não fui a favor. Continuo não sendo a favor da postura de você pegar e botar o BME descendo madeirada. Enfim, não sou governo, não sei também. E se você me perguntar: qual a estratégia? Não sei. Aí também é complicado. Agora, a verdade é a seguinte: engraçado, eu falo isso muito tranquilamente. Eu conversava em off com as pessoas, falava: rapaz, eu sei o que está em jogo. Porque como eu tive a honra de recomeçar, porque outras pessoas fizeram antes de mim também, antes de nós. A relação com os populares não é tranquila. Não é. Foi ficando. As pessoas não sabem o que está em jogo. Aí teve que acontecer uma merda dessa e graças a Deus foi menor. E outra coisa, a merda pode ser para ambos os lados. Vai que sai um popular sozinho. Pode ser pior do que um popular atirar neles. É eles atirarem em alguém. E aí sim, aí o movimento vai pra vala. Imagina que sai um popular lá, magrinho, começa a bater, pula pra cima de um e os meninos vão e espancam ele. Como é que fica isso?

- Uma das características do movimento é não ter uma liderança. Você acha que isso prejudicou?

Não acho. Não acho porque na verdade isso é a maior lenda. Isso é lenda, é conversa fiada. Por que? Porque sempre tem. Sempre tem. Porque é natural, porque aparece uma pessoa. Essa história de que não tem liderança, em 2005 era assim também. Apesar de que há proeminências. Não é porque não tem o DCE. Quem disse que tem o DCE? Na época não tinha o DCE não. Tem que ter uma assembleia, tem que ter um movimento legítimo. É só isso. Mas se isso prejudicou? Não. Tanto é que o relatório da polícia na época falava: movimento acéfalo. Era um movimento acéfalo, não tinha uma cabeça. Era totalmente proibido mesmo ter as bandeiras. E à época os partidos realmente não entravam. Coisa que hoje não é verdade. A gente vê muito claramente. Tem uma condução. E também vamos deixar de ser ingênuos. Dia 02 de junho não tinha nada. Não pode achar que 02 de junho foi deslocado. Não foi. Tem um circuito aí. Eles morreram, vieram junto com o movimento que começou com trio elétrico. Qual a vaquinha que eles fizeram para alugar um trio elétrico? Eu não sei de trio elétrico de graça não. Se você souber você me fala um. A gente sabe muito bem que isso foi financiado por alguns partidos. Isso é óbvio. Eu sei, te digo nomes. Sei quem alugou, sindicatos, os sindicatos são governados por partidos. Ou foi algum sindicato anarquista que eu não conheço qual é? Só você me falar qual sindicato é comandado por alguma força anarquista. Eu também não conheço. Muito claramente. Então, ah, nós optamos pelo movimento não ter liderança. Perfeito. Isso é uma tendência, né. Eu não acho que prejudicou nem nada não. A verdade é que o movimento tinha lideranças sim. Muito claramente. Continua tendo. Acho que a pergunta, eu não tenho preocupação com isso não.

Eu acho que nem prejudicou, nem melhorou. A questão é essa: quer fazer o movimento sem liderança, perfeito. Não é o movimento estudantil, não são os estudantes da Ufes. É o Ocupe Wall Street, beleza. Agora, estudantes da Ufes, esse nome forte, histórico, construído por muitas mãos, entre as quais tenho a honra de ser uma dessas mãos que auxiliou, tem um histórico longo. Aí não, aí eu me sinto no dever histórico de reivindicar: respeitem-nos. Esses fóruns que ficaram é pra isso. Não estou falando do movimento social sem lideranças, mundial, como tem acontecido. Você tem uma série de movimentos sem liderança. Acho que a pessoa confunde entre ter um representante legítimo, uma manipulação onde determinadas forças partidárias e negar que existem algumas pessoas que acabam representando, representa. Todo movimento tem que eleger alguém que vai falar. Mesmo que ele seja sem liderança. Ah, não, todo mundo fala. Perfeito. O subcomandante Marcos. Eles criaram a figura do subcomandante Marcos. Um cara, qualquer um de nós que bota a máscara e fala. Mas então a gente tem que criar pelo menos um boneco que fale, porque a população quer conversar conosco. Nós não somos ets. Então se preparem. Preparem porque tem milhões de pessoas aí que estão vivendo e falando. Olha, vocês estão me atrapalhando. Das duas, uma: ou vocês estão conosco ou vocês estão nos atrapalhando. Então, eu acredito que como toda movimentação é importante porque ela reacende essa coisa nas juventudes. Agora, eu acho que falou autocrítica, eu acho que as pessoas tem que ter o mínimo de responsabilidade. É legal 30. Enquanto eu estou aqui conversando com vocês eu sempre me coloco no pelo da pessoa. Po, que legal. Vai lá, bate de frente. Joia. Mas são muitas vidas. Não é brincadeira não. Você falou de Cariacica, Vila Velha, Vitória e quiçá a Serra. Mas ali onde eles pararam você falou de Vila Velha, Cariacica e Vitória. Você vai agora ali na Segunda Ponte, já está parado. Ah, é que fica parado o tempo todo por outros motivos. Perfeito, perfeito. Você foi lá dialogar com eles, você está vendo se é isso que realmente é o que toca eles, esses 15 centavos? Você está vendo se essa é a pauta primeira deles? Se você for ver lá tem um valão que entope. Então vamos falar do capitalismo. Então para de tergiversação. O fato é o seguinte: repetindo, criaram um fato político e ali chegou no limite. Quando eu vi 30 pessoas, vi o governo caindo nessa jogada, bom, para, eu vou me colocar nisso. Eu vou me colocar. Aí no outro dia teve um monte de gente. Beleza, sensibilizados. Até porque foram depois em frente à Ufes e foi um caos. Foi até um negócio feio. Eu não gostei de ter visto não. Mas mesmo assim eu tive coragem de me colocar. Eu falei assim: agora mais uma vez, com mais coragem ainda. A prova de que o movimento não tinha força, não tinha densidade foi isso. Tiveram a oportunidade de ter mais de duas mil pessoas e depois o que foi feito do movimento? Voltaram a ser 50, 100, 150 nos melhores dias. Gente, com 150 pessoas você não pode parar uma avenida. Bom, eu acho.

- O governo foi quem autorizou o BME a agir?

Não sei. Na época eu não era do governo. Inclusive, o governador nem estava no Estado no dia. Então que eu saiba era o Givaldo, nosso vice governador. Então, não sei dizer.

- Você acha que teve excesso por parte da polícia?

Olha, eu não tenho como dizer se teve excesso. Aquele é o BME. O BME age daquele jeito. Excesso? Eu não vi ninguém com o crânio rachado. É muito estranho ver o BME agir. É aquilo que ele age. Eu acho. Eu não fiquei a favor. Eu não acho que deveria ter sido usado. Mas eu não sou o Estado, eu não sou um membro do Estado. Não era. Hoje, agora, há três meses é que eu estou respondendo por um cargo de Estado. Igual, por exemplo, eu era gerente de unidade socioeducativa. Chegava um ponto, se o BME precisar agir eu só tenho que virar as costas e deixa-lo. Você entendeu? Eu não sei se foi o secretário, se foi o governador em exercício. Eu não sei qual é o protocolo. Por exemplo, da unidade socioeducativa eu sei qual é o protocolo. Do governo eu não sei qual é o protocolo. Oh, aciona o BME, ou se são eles que

são chamados para qualquer questão de rua. Porque também você imagina assim: o policial lida com arma letal. Pensando, refletindo. Ele vai lá, vai prender um, então, eu não sei porque usaram não. Mas foi um negócio estranho, né. Atirando para dentro da universidade. Foi um negócio esquisito. Foi muito esquisito. Não tem como aceitar isso não. Eu não sou a favor, não. Eu fico chateado mesmo. Eu acho que isso foi errado. Agora, o que eu digo é o seguinte: cachorro morde, e aí é sacanagem você ficar soltando o cachorro só para ver o cachorro morder. Ah, vamos pelo fim da polícia. Perfeito. Se você for observar tem um movimento que eu acho que quem mais está se apropriando desses movimentos é um grupo que deseja realmente a tomada de poder, etc. Agora, resta saber se nós que estamos indo junto. Eu só entrei foi nessa. Olha, vocês estão entendendo o discurso? Vocês querem ir nessa, saibam que é isso. Só que eles estão tergiversando. Eu quero é o Passe. Quer o passe nada. Fala com as pessoas claramente o que você quer. Qual o problema disso? Olha, eu vou dizer pra você aqui de cadeira. 2005, quando o governador abaixou a passagem, a gente fez a reunião pra, então, cessar o movimento, já que a gente queria abaixar a passagem. As pessoas que eram desses grupos: não, nós temos que continuar com a luta. Eu falei: para, para, para, eu não sou moleque. Minha conversa é com o povo. Não é nem com o governo, nem com você. Eu falei com o povo, nós falamos com o povo que estávamos na rua porque queríamos que a passagem abaixasse. Agora abaixa a passagem e eu descubro outro problema? Não. Então para. Agora, quer que a passagem abaixe, quer o Passe Livre, quer a cabeça do governador, quer depor.... Para né. Enfim, é isso. O fato é o seguinte: eu não tinha como continuar sendo a favor, eu tinha que botar, isso é uma questão minha, espiritual até, sabe? Eu estava sentindo assim: eu não vou mais pagar por isso. Eu não tenho nada com isso. Não foi isso. E o meu DNA está fora. O meu DNA, minha força estão fora. Não é isso. Agora, sim, sou a favor. O povo tem que ter a disposição de ir pra rua lutar. O povo não pode perder isso. Não, acho que tem outras formas. Não tem outras formas não. Chega uma hora que é ir pra rua mesmo, é parar mesmo e fala: acabou. Já que tem problema, está tendo problema pra mim vai ter problema pra todo mundo. Se está doendo pra mim vai doer em todo mundo. Joia. Mas não chegou nesse ponto. Começaram do fim. E você entra em um ônibus e anda: ah, não porque uma pessoa e outra nos apoia. E aí eles pegam isso e divulgam. Então, quer dizer, acho muito estranho quando as pessoas utilizam as armas que eles condenam. Por exemplo, o que a imprensa faz com a violência? Se a gente ficar só assistindo jornal a gente nem sai de casa, porque a gente acha que vai andar na rua, vai ser assaltado, sequestrado, explodido. Então, não é isso. O nome disse é superexposição à violência. Então eles pegam uma coisa como a gente tem agora as medidas sociais... Está igual criança se lambuzando no mel. Aí pega uma pessoa que apoia o movimento, duas, olha, estou dando o meu apoio, cara. Para com isso. Segue, seja sensato, não use as armas do seu inimigo. Os fins não justificam os meios. Os meios vão determinar os fins que vocês vão alcançar. Então foi isso, eu acho que 02 de junho repercutiu, repercutiu tanto é que você está fazendo o seu trabalho, os meninos conseguiram... Eu acredito o seguinte: acredito que foi o grito de uma geração. Acho que tem uma geração aí que resolveu dizer que está viva e isso é legal. Esse é o valor que eu dou ao movimento. Por isso que eu fiz questão, se você pegar a carta você vê que eu saúdo os guerreiros, a bravura da juventude, eu gosto disso. Eu os respeito por isso. E quando eu fui falar, eu falei porque os 20 ficaram lá sozinhos. Então, logo que eles tomaram umas bordoadas surgiram os oportunistas de plantão. Porque os oportunistas já tinha abandonado o movimento. Então, quer dizer, minha vontade é pegar a carta hoje e reunir com todos, inclusive os 20, principalmente, eu falei alguma mentira aqui, chefe? Depois que o movimento reduziu vocês viram que eles foram embora de novo e de novo botaram a culpa em vocês por terem botado fogo? De novo disseram que vocês quebraram a ponte. De novo disseram que são vocês, cara. Vocês estão sendo uns palhaços deles, estão sendo manipulados. Você vai, puxa, faz o movimento, faz o ato, faz isso, faz aquilo e aí eles vão, porque eles têm a manha, vocês não têm, vocês dizem

que não tem liderança, mas eles sabem como é que toma uma liderança, tomam a frente do seu movimento. Porque depois quem é que vai dizer na eleição, porque o que está em jogo lá é manter a eleição do DCE da Ufes. Nós somos aqueles que estavam lutando contra a passagem, nós somos aqueles que estavam nas ruas. Então como você vai dizer que não tem liderança, meu nobre? E é natural isso, é bom e é saudável. Agora, para de achar que a cidade é um mero quintal de vocês que não é. As pessoas vivem, amam, sofrem, riem. E aí parece que é poesia, mas é verdade. É verdade, não é brincadeira. Se eu acordei hoje cedo e estou aqui estressado é porque eu sei que se eu captar esse recurso minha preocupação é essa: vai chegar na ponta? Vai chegar na pessoa, no jovem lá que deseja. O ponto de debate aqui, minha preocupação é essa. Eu vou chegar em quem realmente mais precisa? Sei lá. Faz o seguinte: chama uma assembleia pública, roda movimento popular por movimento popular aí. Roda a casa das pessoas, faz o diálogo com elas.

- Um das formas usadas para divulgar as reivindicações do movimento foi a internet. Como você enxergou esse uso?

Pois é. Eu acho que a internet está sendo fetichizada desde o início. Desde o início minha visão quanto a ela foi isso: o fetiche. A internet é um fetiche. Mas como toda mercadoria e só os burros para não perceber isso. Engraçado, o próprio mercado, falando para a danada da internet e os bobos: ah, porque deram para nós uma arma. Nada. Aí você compra um computador e conecta. Está tudo na ordem. Welcome. Welcome e muito obrigada por usar os nossos serviços. Eu acho o seguinte: a internet, eu vou ser redundante, ela é meio. Desde o início ela é um amplificador. Ao mesmo tempo, ela gera a desconfiança. Se ela foi bem utilizada? Ela foi utilizada. Ela é o que ela é. Ela não foi nem bem nem mal utilizada. Ela foi utilizada. Já tem vários estudos nisso. Se você é uma pessoa de respeito, tem adesão no teu grupo, o que você colocar lá vai ter adesão, vai ter respeito, etc. Eu acredito que eles falam deles para eles. Acredito que nós estamos falando de nós para nós mesmos. Não propaga. O desafio é você avançar nos outros campos. Quando você está falando de si pra si mesmo repercutiu, repercutiu em uma sensibilização, a gente está retornando à coisa da vitimização. Ah, tadinho, que absurdo. Democracia de opinião. Isso aí a gente já denunciava há muito tempo. Infelizmente venceu a democracia de opinião. Eu curto, eu não curto. E não se implica. Então, assim, eu acredito que a questão da internet, se ela tivesse funcionado mesmo não tinha 20 só. Entendeu? E por que? Porque ela sozinha não funciona. Ela é um amplificador. Se você tem um movimento forte, etc. E a internet é um meio de dar recado. É um mural de recado. Olha, lembra, lembra daquela nossa conversa? Aparece lá. É uma forma das pessoas dizerem: ah, tem aquele negócio lá, é mesmo, eu esqueci. Então eu acho que ela foi bem utilizada. Muita gente diz O Twitter... Eu acho que é uma fetichização. Um fetiche. Todo mundo utiliza como um fetiche, como se ela tivesse mais força do que ela realmente tem. Quem tem força são as pessoas. E eu acho, inclusive, eu acho que a internet cria um problema psicológico grave que é muito análogo à fala. Igual a gente pegar a psicanálise, o Freud. Quem fala não faz. Você vai falando, falando, falando e você goza através da fala. Então você se satisfaz com o falar sobre. Então você não precisa mais atualizar, colocar em ato. Então, o camarada a partir do momento que ele está ali, há horas, preparando aquela imagem, aquela chargezinha engraçada, ele já fez a parte dele. Ele ficou horas ali contatando, comentando. Aquilo tem um investimento libidinal, um investimento físico que satisfaz em si. Então, é uma faca de dois gumes. Eu me sinto: eu já fiz. Eu já fiz a minha parte e isso é mais profundo, não é num nível racional. Isso é inconsciente. Isso é um nível mais profundo do corpo. Onde você: ah, vou dar uma olhada, eu estou aqui dando uma força. Ao passo de que quando você não tinha isso você tinha a certeza de que você não estava fazendo nada. Você tinha a certeza absoluta que você não estava ajudando. Ou você está aqui com a gente ou você não está ajudando de forma nenhuma. E aí vamos de novo: quem é que tem essa relação com

a internet e quais são as relações que as pessoas têm com a internet? Porque se a gente pela a dona de casa, o pai de família, mesmo que seja... Porque também tem pais de família, donas de casa. Não existe um tipo. As pessoas que estão ali mais conectadas ao dia a dia. Você vai ver que a internet, eu pelo menos gosto muito disso do entretenimento, da brincadeira, do conversar fiado. Então, são muitos usos da internet. Às vezes você está botando um negócio muito sério e a pessoa passa: ah, isso daqui não é lugar pra colocar coisa séria. Enquanto outros falam: aqui não é lugar de brincar. Então, acho que eles usaram o que a internet deu pra dar. O que eu falo é isso. É um movimento de uma época. Eu acho que esse movimento serve, como todas as coisas servem, como um analisador. Se aproprie dele quem tiver inteligência. Então você está fazendo esse trabalho. É isso aí, vamos fazer uma leitura disso. E vamos entender. Então, ali até agora agimos com ingenuidade. De agora para a frente, vai ser ingênuo quem quiser. Olha, todo mundo vai lá, está todo mundo postando, uau, 20. E não foi uma vez só. Então eu acho que está na hora de entender que não é isso que mobiliza. Agora, outra coisa ficou clara, quando tem algo que vitimiza, junto geral. Tanto é que isso está sendo explorado demais agora. O pessoal manjou isso. Eu estou vendo isso direto, está virando estratégia. Só não ver quem não quer. Isso é novinho. Vão começar a falar isso daqui a um ano, dois anos. Mas é novinho. Foi a coisa dos índios. Eles não falaram nunca que iam se matar. Eles falaram que iam resistir. Que era melhor cavar uma cova lá porque de lá eles não saíam. Cava uma cova porque eu vou cortar o meu pescoço. É ruim, ein. Eles falaram: cava a cova porque daqui eu só saio morto. Beleza, esse é meu povo. Ufa! Se falasse: ah, vou me matar... Morre então. Porque não é isso, apesar de que há o suicídio indígena. Então as pessoas jogam com isso. Várias campanhas você vê a vitimização, tadinho, então tem que tomar cuidado com isso. É a cultura do mendigo? Eu tenho medo disso. Mas, enfim, são movimentos, são fluxos. A internet é um território novo. A gente começou a construir ele agora. Em 2005, por exemplo, não tinha, tinha mas era muito ruim, a gente não usava isso. Celular ainda era caro. São ferramentas interessantes? Ótimas. Para um movimento forte. Agora, esse movimento é superficial. Mas é uma faca de dois gumes. Eu até falo isso. Igual o Gramsci. Imagina Antonio Gramsci com essas ferramentas. Era o sonho dele. Só que será que se ele tivesse essas ferramentas ele ia arrumar tempo para parar e escrever as coisas que escreveu? Talvez ele estivesse gozando e se realizando em parcelas. Então, o que acontecia naquela época é que você tinha uma privação de liberdade, você tinha uma privação tão grande que continha também a sua libido, de maneira que você conseguia direcionar com mais força. Igual, em 2005, talvez se tudo acontecesse e aí do nada surgissem essas ferramentas. Nossa, ia ser um monstro. Mas ainda. Porque na verdade é um monstro. Então agora o pessoal tentou, eles tentaram. Agora, pra que a internet serviu? Serviu para o jornal. Então por que foi legal a internet? A minha vontade é mostrar para o pessoal, gente vocês estão servindo de mercadoria. Quem se apropriou disso? Os jornais. Esse é um movimento construído pelas redes sociais! Porque isso já virou pauta dos jornais. Só bobo que não vê. Virou pauta. Uma vez a cada mês tem que surgir a pauta das redes sociais, ein. Aparece o editor: pessoal, aquela pauta das redes sociais, esta semana tá. Você, Marcelle: redes sociais, viu? É assim que é. Você não precisa estudar comunicação social. Vocês estão virando bobos? É uma bobagem. Um movimento mobilizado, as redes sociais, o que são as novas tecnologias, aí dali vai surgindo box. Quer dizer, o nome disso, mais uma vez: superexposição, sociedade do espetáculo. E minha preocupação é essa. Então eu me coloquei contra a sociedade do espetáculo, me coloquei contra a fetichização da internet, me coloquei contra a vitimização da luta. Não, não sou uma vítima. E me coloquei contra à agressão gratuita. Não se agride gratuitamente. O direito de se defender é um direito legítimo dos povos. O direito de se rebelar é um direito legítimo e que deve ser preservado no seu mais alto grau, para que as pessoas comecem a entender que tem um protocolo. Porque por enquanto está muito bonitinho. A gente acha muito bonitinho quando é a minha galera. Agora, no dia

que juntar 100 pessoas, por exemplo, mais conservadoras e ir lá fechar a rua porque são contra a cartilha da homo-afetividade, e aí nós vamos poder falar o que? Ou contra os bares ficarem abertos até depois da meia noite. E são numerosos. A gente que não cria um protocolo, não. Nós vamos fazer o que?

- Como você enxerga a dualidade que se criou entre manifestantes e imprensa?

Eu vou te dizer que a imprensa mostrou o mesmo que eles. Você pode pegar e fazer o estudo. É fácil. É isso, assim. O uso da internet, pra começo de conversa, eu acho que serviu, eu estou falando a minha leitura, agora estou analisando teoricamente, que é como na época eu estava analisando. Ela tem servido para os líderes do movimento. Nós sempre nos achamos muito autênticos, originais, nossos pensamentos são sempre muito originais. Mas as pessoas não percebem que tem um pessoal querendo fazer uma ruptura geracional. É o debate das juventudes até. A ruptura geracional: nós somos a geração da internet. Você que é um pouco mais velho, não. Você não é da geração da internet. Você não sabe nada. Você não está por dentro. Nós é que usamos Twitter, nós temos arma nova. Quem criou o Twitter, o Facebook, quem está bancando é gente nova? Então, é uma ilusão. Eles usaram a internet para mostrar o que a imprensa não estava mostrando e a minha pergunta é: chegou na população? Não chegou. Eles mostraram o mesmo que a TV mostrou. Eles mostraram o mesmo que o jornal mostrou. A verdade é que a internet não consegue competir com a TV. Ela é mais um meio. E, na verdade, ela não está nem competindo. Na verdade não há competição, há coexistência. Então, assim, isso é o que eles estão vivendo interiormente. Isso é o discurso. Ah, a gente quer mostrar o que a TV não mostra. Bacana! Acho que é válido. Pra isso que serve a internet. Acho que ela pauta também. É obvio que hoje a TV tem um outro local de pauta que é a própria internet. Ela pauta. Na verdade a população também pauta. A imprensa não é boa nem má. Ela quer vender e exercitar seu poder. E para isso ela também tem que garantir legitimidade. São coisas que, assim, eu não vou ficar chovendo no molhado não. Isso qualquer pessoa que entenda um pouco do fluxo da sociedade vai entender. Em resumo, igual político. Pode até fazer uma piada de político, né: o político para ganhar voto faz até coisa certa. Porque ele precisa conferir legitimidade. Juiz não julga certo porque ele é bonzinho. Ele julga certo porque ele tem um bom salário e se ele ficar julgando errado ele perde legitimidade enquanto juiz. Você pode ver, tem pessoas que são corruptas, corruptas, corruptas e chega uma hora ele chega pro cara que o corrompe e fala: olha, não vai dar pra me corromper mais não, está queimando, está pegando mal. Porque ele precisa garantir legitimidade. Então, se ele não dialogar com essas pautas. O negócio está bombando na internet. Se ele não botar uma pauta dessas, vão falar: que porcaria de jornal é esse? O que ele faz é colocar com o olhar dele, coisa que a revista Veja é o clássico. Ela pauta tudo do jeito dela. Pega o que você está dizendo e transmuta dentro da direção que ela quer colocar. Então, resta saber se eles já conseguiram esse grau de credibilidade que os meios de comunicação já conquistaram. Ah, o pessoal não acredita tanto na A Tribuna e na A Gazeta. Tá, mas é o meio que eles acham muito mais confiável que o Facebook que eu não sei quem é aquele cara. Eu boto lá qualquer frase e digo que é Clarisse Lispector. Entendeu? É isso. É um local de meme, é um local do photoshop, quem confia internet é ingênuo. Sem contar que tem várias jogadas na internet que é feito para desacreditar a internet. Botam umas informações, as pessoas brincam com isso. Até para fazer pesquisa. Você nunca sabe se aquilo é uma pesquisa, se aquilo é um golpe, se aquilo é uma coisa verdadeira. Então, a gente até passa por lá e eu acho que eles supervalorizaram a internet.

- Na época dos protestos mais intensos, o governo lançou uma campanha publicitária dizendo que estavam realizando um conjunto de investimentos inéditos na história para

modernizar o sistema de transporte e trânsito na Grande Vitória. Foi uma tentativa de defesa?

Isso é óbvio. Não é nem defender, é dar uma resposta. Vou dizer isso à distância. Foi uma tentativa de responder, tem que responder, não tem? Ninguém estava surdo e nem mudo. Ele respondeu. Olha, está sendo feito dentro da pauta. A verdade é essa. A gente tem que distinguir duas coisas: uma, as pessoas a quem interessava isso tem um projeto de poder, um projeto de governo bem claro. O movimento era um movimento que fez uso de algumas pessoas e com interesse. Aí usa essa pauta da internet e tal. Nós estamos na internet. Aí vai pegando alguns ícones. Ícones de adesão. A gente é internet, a gente é diferente. Coisa que nos diferencie. Então o governo foi e fez isso, com essa história de quando ele começou a divulgar a questão do transporte, dos investimentos, etc. Até porque isso é fato. Até porque investimento em transporte é bom para todo mundo.

- Como você disse, não teve uma carta, uma tentativa de falar com o governo anteriormente às maiores mobilizações de junho. Mas a partir daquele momento eles começaram a tentar falar com o governo, mas estavam encontrando certa resistência. Como você enxerga isso? Eles só se reuniram muitos dias depois.

Lógico, daqui a pouco amanhã qualquer grupo de 30 pessoas vai fazer isso com o governador. Bom, isso é uma visão minha. Eu não receberia nunca. Talvez por isso eu não esteja na política. Não tenho essa paciência não. Acho que o governador foi muito bonzinho ainda, foi ouvi-los. Porque eu acho que tem formas. Se eu quero conversar com você eu não chego dando tapa na sua cara. A pessoa não chega dando um tapa na minha cara e fala que quer conversar comigo. Quer nada. Quer constranger. Quer medir força. Essa é a minha visão. Acho que o movimento é legítimo, acho que o governador é um governador democrático, ele tem uma postura democrática, agora, é um governador. É a força de Estado. Você falou assim: não teve uma tentativa antes. Nem antes e nem depois. A ideia era essa: causar o caos. Gente, é o que eu falei. Eu conheço esse grupo. Não, na verdade a gente está aqui na reitoria porque a gente quer o café. Tem café da manhã no RU? Pois é, o reitor já assinou um compromisso. Era só cobrar. Está assinado. Tinha assinado. Porque agora ele já até mudou. Nem está lá mais. Ele assinou uma carta lá: eu aceito o café da manhã e cumpra-se. Os caras estavam com a carta na mão. Cadê ela? O interesse era dizer que sentamos. Porque era ocupar. Agora, depois que ocupou a gente tem que ter um motivo para sair daqui. Pra sair daqui, pelo amor de Deus me dá essa carta. Porque eles não aguentavam. Não tinham planejado o movimento. Igual a esse movimento aí. Na verdade eles queriam ir para a rua, dizer que estão insatisfeitos, que não concordam com a sociedade capitalista, com esse governo, com essa questão empresarial, etc. Ótimo. É legítimo. E para isso estão envolvendo a população inteira nessa coisa. Aí é terrível. Eu acho triste é isso. Então, eles foram para a internet. Você pode ver que eu não fui tanto para a internet. Eu botei a carta na internet, mas eu fui é pra rua. Eu usei a internet como um amplificador. Porque eu não conheço de internet também. Então, vamos lá. Vou usar a internet como um amplificador e amplificou. E a ideia era marcar: oh, nós vamos começar a resistência, vamos começar a mostrar que não é por aí não. Já está machucando as pessoas. E só foi diminuindo. Então eu acho que a história mostrou o que foi. Então, assim, o governo ter querido conversar com eles foi muito bom. Acho muito bom. Que não parou para ouvir eles nem teria como. Se não virava o que? Daqui a pouco... Bom, sei lá. Tem gente que acha isso legal. Agora, se eu não tiver tempo para preparar meus projetos, eu vou ficar aqui resolvendo o caos. É caos que planta arroz? É caos que conserta ônibus?

- Você acha que teve mudança do movimento social que você participava para o atual?

A mesma mudança que tinha quando eu cheguei. Na época eu cheguei na Ufes ele estava num momento de retração. Aí nós criamos a expansão. E sempre se diz: nos outros tempos era

mais assim... Foi no ano 2000. Então, quer dizer, já se dizia isso há muito tempo. Eu acho que depende muito da militância, do militante. Eu costumo dizer que o estudante tem que ser estudante. Tem que estudar mais. Só estudar. Estuda que você vai saber. Porque se não vai ficar querendo reinventar moda e ficar falando palavra vazia. Você pode observar que todos os grandes movimentos quando ganham corpo mesmo tinham uma turma que estudava mesmo. Tinha um bando de nerd. Pode pegar, é fato. Se você quiser depois você pesquisa. Você pega 68, você pega todos os movimentos e você vai ver que é o lema revolucionário. O Lênin já falava disso. O Trótski. Então o cara tem que estudar. Tem uma tarefa revolucionária básica que é estudar. Então, teve uma mudança? Não vejo grande. Eu vejo assim: o que estou vendo é um ego inflado. Eu percebo, a única mudança que eu vejo é uma sensação de que se está fazendo mais do que se está fazendo. Então eu acho que isso talvez tenha algo a ver com a internet, sabe? Porque como a gente está nas mídias sociais, aí coloca e dá essa sensação. Mas é um movimento diferenciado. Agora, uma coisa está acontecendo. Você tem outros grupos aí. Por isso que eu falei que é importante marcar duas divisões. Eu faço muita questão que você marque que eu tenho essa visão. Uma coisa é esse movimento que está ligado... Nesse movimento não teve liderança. Tá. Alguém vê esse movimento fora da questão de DCE? Você acha que alguém vê? Eu nunca vi. Pois é, eu não vejo. Esse é um movimento estudantil. Agora, você tem outros movimentos aí que estão surgindo paralelos. Por exemplo, movimento de bicicletada, que são movimentos que pautam. Aí esses sim. Então nós temos que falar de dois movimentos. Pra mim esse movimento que é estudantil, que disputa eleições, está querendo pegar carona em um outro movimento que é típico da internet. Que é tipo da nova era. Porque esse é um movimento novo. Que realmente não tinha. Esse tipo de movimento tinha mais dificuldade de emergência. E que hoje encontrou na internet o seu eco. Que é essa turma do pessoal que na época era chamado de alternativo. Que é um pessoal mais ligado ao campo das artes, da cultura. E esse pessoal sempre teve uma adesão muito legal. Esse pessoal é que por acaso, quando eles fazem esse tipo de movimento, se sentiu meio atraído por esse grupo e que agora já está começando a entender também, pelo que eu estou observando dos movimentos das redes. Acho que a gente está pegando carona em um campo aqui que a gente achou que era igual a gente, mas estão nos manipulando. E que é essa turma, então, que pauta a luta em defesa dos animais, a questão do meio ambiente que está bem colocada, a defesa de causas maiores que eles identificam quase todas ligadas à defesa das diferenças, das etnias. Então, eu acho que a pauta que a internet traz e o grande diferencial dela é a pauta da diferença. É a defesa da diferença. Essa está conseguindo eco. A gente viu aí com a defesa dos guarani-kaiowa. A gente está vendo com a questão de Belo Monte. A gente viu com a questão das bicicletas. A gente vê com uma série de outras questões: da mulher, do negro, da homoafetividade. Então, essas pautas, isso é internet. Isso é novo. Então, essas pautas estão começando a vir. Então, quando fala assim mobilidade urbana, tem a questão do Passe Livre, aí a gente já começa a entrar em umas pautas de disputa de entidades. Eu vou falar hoje enquanto governo, isso não é uma pauta nossa não. Eu acredito que o movimento estudantil, os estudantes universitários, em particular os da Ufes, que a Ufes por ser instituição pública consegue ter uma adesão maior, tem uma grande potência de transformação social. Ainda mais agora que entraram os cotistas. É uma luta antiga. Nossa, a gente lutou tanto. Então, a gente venceu. Eu acho que a pessoa tem que tomar pé que venceu e ir para a rua. Então, eu acho que o camarada abre mão de ser estudante. Ah, eu quero o Passe Livre. Beleza, meu amigo. Você estuda o que? Ah, eu estudo Ciências Sociais. Perfeito, cientista social faz o que? Eu estudo as etnias, os movimentos da sociedade. Perfeito. Seria bacana uma comunidade pra você conhecer, não é? Então vamos lá. Vamos fazer um estudo sobre uma comunidade, um território que seja. Utiliza o seu conhecimento para fazer a transformação social. É isso mesmo. E se bobear tem como você construir bolsa, construir tudo. Não tem nada de mal em dar à sociedade aquilo que ela quer. Então, é

isso. São dois movimentos diferenciados. A grande diferença do nosso movimento na época para esse é isso. A gente não tinha a internet para poder divulgar as nossas ações. Seria ótimo. Acho que a gente ganharia muito, tenho certeza. Imagina poder colocar lá as coisas. Foi no finalzinho que surgiu o email, mas era difícil usar, não era todo mundo que tinha em casa. Mas já facilitou imensamente. Você podia mandar o email. Se tivesse o Facebook então! Depois surgiu um Orkutzinho que a gente criava uma comunidade. Já era uma onda. Mas a diferença era só essa. O que eu falo é o seguinte: quem ganhou força com isso era uma turma que realmente não tinha uma adesão. Porque eles não tinham paciência e nem conheciam a tecnologia de aguentar as nossas reuniões infundáveis. Eles não tinham paciência. E agora eles já podem pautar as suas próprias pautas. Então, eles tinham que às vezes contar com a nossa boa vontade para botar a pauta deles e tal. E o nosso grupo sempre teve uma afinidade muito grande com esse pessoal, sempre trabalhou junto. A gente trabalhava lado a lado. Agora não. Agora eles são senhores das pautas deles. Então, o movimento da internet é um movimento de pequenos grupos que estão pautando mesmo. Eles estão aproveitando a internet para pautar a sociedade, a própria imprensa. Então eu acho que o pessoal tentou pegar carona nisso e pegou uma certa carona e eles vão ter que se reinventar. Mas a internet foi um fetiche. O que a internet fez de diferença nesse movimento? Como o movimento divulgou na internet e a internet e as redes sociais estão como estão, a imprensa deu um olhar maior. Porque a pauta não era o movimento, era o movimento das redes sociais, para valorizar as redes sociais. Então eles pegaram carona nesse movimento de que tudo o que é feito com redes sociais. Olha, eles também estão usando redes sociais. Olha, a esquerda também usa redes sociais. Compre você também. Acho que foi isso.

3.4 Entrevista com Francine Spinasse e Eliane Proscholdt

Entrevista com Francine Spinasse e Eliane Proscholdt, repórteres especiais do jornal A Tribuna.

- Como vocês ficaram sabendo do protesto no dia 02 de junho?

Francine Spinasse: Pois é. Começou bem cedinho, né. Acho que sete horas o executivo (editor) chega e ele já começou a monitorar que tinha um problema no Centro. Nós fomos acionados cedo, mas eu estava em Cariacica, estava lá em Itacibá. Pra voltar eu já não consegui. E foi isso, mas o pessoal já tinha acionado cedo, sempre que precisa e eu não consegui mesmo chegar. A Eliane chegou, já foi pro Centro, acho que tinha três repórteres, quatro repórteres, de manhã no Centro. Eu cheguei acho que era 13h30, eu cheguei na redação e fui direto, sem parar, fui mandada para o Centro. Já tinham vários repórteres. Já tinha acabado o protesto no Centro e a informação que a gente tinha é que eles estavam indo para a Ufes. A gente pegou o rescaldo do Centro de Vitória que era o pessoal que estava ainda no Centro de Saúde lá do Centro, tudo desmaiado, era aluno desmaiado por causa da fumaça, inalou fumaça. Eu peguei os casos de lá e a ordem é que a gente seguisse para a Reta da Penha. Na Reta da Penha, os alunos estavam todos sentados no meio da avenida, eu lembro, esperando já a tropa de choque. E aí, teve o confronto lá também. O confronto de lá foi mais violento, porque eu lembro que a polícia militar... Quando a gente chegou os meninos já estavam sentados esperando o choque, porque eles queriam o confronto, né.

Eliane Proscholdt: Exatamente. Tanto é que eles pegavam as pedrinhas do jardim também para jogar.

Francine: Os meninos juntaram pedras de jardim, eles estavam querendo o confronto. Um dos objetivos deles era o confronto.

Eliane: Eles deixaram isso claro no Face, né?

Francine: Claríssimo. A gente monitorava as redes sociais também. A gente tem um repórter... Não sei se na época já tinha o repórter da internet?

Eliane: Acho que tinha.

Francine: É. Tem um repórter nosso que monitora rede social. E pelas redes sociais os líderes, a gente meio que monitorava também o que eles falavam, a gente também fazia esse monitoramento, igual a você. E a gente já tinha essa ideia. Todo mundo, quando a gente entrava no Facebook deles, por exemplo, todo mundo já estava indo preparado para a guerra, segundo eles, né. Eles não estavam ali inocentemente só querendo reivindicar alguma coisa. Eles falam que: é hoje, é hoje o dia e tudo o mais. Eles tinham essa noção de que eles queriam confronto a todo o custo. E o choque realmente entrou para confrontar. Quando a gente chegou, o choque chegou junto também e eles se refugiaram para dentro da Ufes e a polícia começou a jogar bala de borracha para dentro da Ufes e os meninos tacando pedra do outro lado, ficou uma troca: os meninos de dentro da Ufes jogando pedra pra fora, o choque jogando bala pra dentro. Até acertou alguns carros. O reitor tentou intervir, tentou falar com o choque que era uma área federal e tudo o mais, que eles não poderiam jogar, mas o choque realmente... Enfim, e foi isso, né. Ali na Ufes, até que dispersou, eu não lembro porque dispersou. Mas eu lembro que dispersou, eles se reuniram dentro da Ufes, a gente acompanhou a reunião e ali naquela reunião dentro da Ufes, eles decidiram seguir a pé para a Terceira Ponte. Só que o choque já estava preparado e já ficou esperando na Terceira Ponte. O choque fez um trabalho totalmente estratégico, não deixando eles se aproximarem. Quando eles tentaram se aproximar, o choque já estava esperando. Teve um novo confronto ali. Mas nem teve nem tempo de ter confronto ali na rua da Terceira Ponte, foi naquela Ducka de Aguiar, que é a rua que vai. O choque estava embarreirando. Quando eles tentaram se aproximar, o choque agiu e eles recuaram para a Avenida Vitória. Na Avenida Vitória eu já não acompanhei. Eu lembro que já era 20h e a minha equipe, que era eu, Eliane, a gente tinha que voltar pra começar a escrever tudo do dia inteiro, desde a manhã, os fotógrafos descarregarem as fotos. E foi uma outra equipe que terminou de acompanhar o protesto da Avenida Vitória. E teve uma coisa nesse recuo deles ali na Avenida Vitória que eles invadiram alguns prédios, eu lembro até foi um prédio que fica de frente para o HSBC. Os meninos na hora de correr da polícia, eles entraram. Os moradores ficaram assustados, então teve todo esse clima também, mais no final. Eu lembro também que no começo, onde os meninos iam passando, algumas pessoas apoiaram o protesto. Alguns moradores. Eu lembro que tinha gente que aplaudia. Mas quando foi chegando no final do dia, a população já estava meio que saturada de todo o protesto. Chegou no final do dia, a repercussão nas redes sociais de muitas pessoas era de revolta, porque os meninos já estavam perdendo o controle, exagerando, segundo eu lembro das redes sociais. A gente também ficava acompanhando, quando a gente chegou, pra ver como estava o clima, a gente tem que sentir o clima, a resposta das pessoas. Muita gente falava, ah, é o direito deles manifestar e tudo o mais. Mas tinha também aquela coisa deles pararem a avenida completamente. Porque eles tiraram o direito de ir e vir das pessoas, complicou muito a vida do cidadão. A questão editorial que foi colocar a “baderna”, que foi realmente de encontro ali.

- Como você enxergou a cobertura do jornal A Tribuna nesse ponto?

Francine: Bom, eu acho que a gente cobriu bem. A gente estava com uma equipe muito grande na rua. A gente geralmente investe nesse assunto. Eu não lembro em questão de equipe, mas eu acho que quase todos os fotógrafos estavam na rua cobrindo o protesto, muitos repórteres também meio que focados nisso. A Tribuna investe no assunto quando diz respeito a muita gente. Como meio que complicou a vida de muita gente, quase metade da população da Grande Vitória ficou prejudicada de alguma maneira, então, realmente a gente investiu no assunto e foi decidido dar as oito, nove páginas, não sei quantas. Seis páginas de protesto. E a

gente tentou dar o mais variado possível. Tanto as cenas durante o dia, quanto dar pra frente, o que vai ser feito se novos protestos acontecerem, que foi a página 03: A polícia volta a agir. Hoje, no caso, era no dia seguinte, a questão do trânsito que ficou complicado, foram seis horas de trânsito, bem complicado mesmo. A parte dos detidos, a parte do movimento estudantil, não ficou grande não a resposta deles. Essa questão da militância de partidos políticos envolvidos. Tinha muita gente do PSol, no começo ainda tinha muitos estudantes também, mas no final era muita gente partidária, assim, você via poucos estudantes. As pessoas eram mais velhas, você via líderes de partidos ali. Então começou a ficar preocupado. Aliás, se eu não me engano, a gente nem sempre os chamou de estudantes. A gente os chamou de manifestantes, exatamente por causa de que nem todos eram estudantes. Aliás, a grande maioria que estava à frente era militante de partido. Era gente conhecida, gente que todo mundo conhecia, aquele lá é do PSol. E outra coisa, foi um movimento que não tinha uma liderança no começo. A gente procurava: ah, quem é o líder? Eram vários grupos misturados. Tinha desde punk até gente de partido, até estudante. Tinha estudante também no começo, mas no final, por exemplo, eu lembro que o representante dos estudantes do Ifes, ele falou que eles não estavam dentro, era até o Fábio Lúcio. Ele chegou pra gente, procurando e falou: olha o grêmio do Ifes não está no partido, o CA da Ufes também falou: olha, nós não estamos no movimento, nós não somos o movimento. Eram estudantes isolados, ligados à questão partidária. Os grupos oficiais não estavam. Eram pessoas pontuais, se organizaram pelo Facebook. A organização do protesto foi meio... Eu não me lembro o nome da comunidade, mas tinha uma comunidade do Facebook falando do dia, marcando isso. Agora que eu me lembrei. Eu não me lembrava disso. E foi uma coisa realmente que não era de grupos organizados oficialmente, não era. Muito pelo contrário, eles estavam contra.

- Vocês buscaram ouvir os manifestantes? Tiveram alguma resistência?

Francine: Sim. Não, não, eles falavam. Tanto que a gente ouviu aqui (mostrando o jornal): estudante critica. Ah, não, isso daqui é dos grêmios oficiais, que eles criticaram. Mas a gente estava o tempo todo ouvindo para ver os próximos passos deles e no final eles já estavam um pouco revoltados com a imprensa.

- Por que você acha que eles tiveram essa reação?

Francine: Por causa exatamente da palavra baderna. Eles ficaram muito revoltados. Deu um pouco de polêmica por causa da manchete. Eles não gostaram, lógico. Mas no geral acho que foi isso.

- Por que foi escolhida essa palavra, essa manchete nesse dia?

Francine: A manchete a gente não participa né. A manchete é uma questão editorial. É feita uma reunião entre os editores e eles escolhem realmente algo que eles acham que está de acordo com o pensamento da população. E quando eles falam da população é a maioria da população. À noite, o que eles sentiam da população era que já estava todo mundo cansado, porque os estudantes tinham extrapolado, segundo o que eles sentiram. É uma questão editorial, não é nossa mesmo como repórter. A gente pega, traz o que a gente tem, faz toda a nossa chamada como a gente fala, né, que é falar: a gente tem a matéria principal, dez cenas, uma sub de clima nas ruas. A gente faz todo esse esqueletinho né, a gente chega e traz. A questão editorial são os editores que escolhem o que abre página, o que é a manchete principal. Nesse dia o editor chefe achou que era o que tinha pra representar o sentimento da população do dia anterior. Porque o comércio ficou muito prejudicado, as pessoas não foram trabalhar ou chegaram atrasadas no trabalho. As pessoas ficaram quatro horas no trânsito. Eu fiquei quatro horas no trânsito. Eu fiquei exatamente quatro horas parada no trânsito. Minha gasolina acabou, eu parei no posto, quase não achei posto. Tive que desligar o ar

condicionado porque se não minha gasolina ia acabar. Começou a piscar, eu estava parada na 262. Parada completamente, exatamente quatro horas. Então, assim, esse sentimento da população que ficou prejudicada, o editor que transmitia aí no título. Os estudantes não ficaram realmente satisfeitos. Mas o pensamento da A Tribuna é que o grupo de manifestante, que nem todos, como eu disse, eram estudantes mesmo, o grupo de manifestantes são minoria e tinha que ser cedido.

- No dia 03 de junho, muita gente foi para a rua defender o movimento por causa dos excessos da polícia. Houve algum tipo de arrependimento da equipe de vocês?

Francine: A gente até colocou a resposta da polícia em relação aos excessos porque realmente em algumas situações a polícia se excedeu um pouquinho. Um pouquinho muito. E tanto que hoje a postura da polícia nos últimos protestos foi totalmente diferente. Eles evitaram, em todos os últimos protestos, evitaram ao máximo o confronto. A gente pegou o protesto até da construção civil que a polícia não agiu, entendeu? A polícia meio que modificou, depois das críticas todas à polícia e nesse protesto, a polícia modificou a forma de ação deles. E eu acredito que tenha sido isso, mas também não sou polícia, não sei. Mas eu sei que no outro dia, eu acho, que foi diferente. Foi bem diferente. No outro dia foi de tudo também. Não lembro como foi a cobertura do outro dia, se eu participei. Deixa eu ver...

- Eles se reuniram na Ufes e saíram em passeata. E nesse dia a polícia não agiu.

Francine: Eu não lembro de ter participado disso, pra falar a verdade. Mas eu me lembro que a polícia tentou realmente uma outra estratégia. Mas no outro dia também tinha muita gente diferente. Não eram as mesmas pessoas não. Viu? Os próprios líderes estudantis discordavam do método utilizado. Eles não concordavam com o método utilizado. E aqui (mostrando o jornal) são os meninos que foram presos que eram realmente os líderes partidários. Eram vários sindicalistas e era gente que às vezes nem tinha a ver com o passe livre. Eu não cobri nesse dia. Você cobriu, Eliane? É você cobriu. Foi o dia dos lojistas. Você que ficou com isso?

Eliane: Eu fiz outra matéria. Esse foi o dia do apitaco, só.

Francine: Não teve confronto nesse dia. Eu acho que você ficou fazendo a repercussão.

Eliane: Eu fiz essa página dos líderes.

Francine: Eu estava falando com ela. Ela estava questionando a questão da baderna. Do termo utilizado. Foi uma questão editorial, né.

Eliane: É. E é assim, na verdade, a expressão que as pessoas usam na rua. É uma baderna, alguém tem que fazer alguma coisa. As pessoas não são favoráveis.

Francine: É isso que eu falei com ela. Eu estava explicando pra ela que no começo do protesto ainda a população foi um pouco favorável. Mas quando chegou a noite e começou a extrapolar.

Eliane: Exatamente. Eles perderam apoio.

Francine: Eles perderam apoio da população à noite. A gente via isso na rua. De manhã ainda a população tentava entender. Tentava falar: ah, não, eles têm direito de protestar. Mas quando chegou a noite, realmente, o que a gente ouvia na rua.

Eliane: E as pessoas tinham medo também de estar nas ruas, né, as crianças.

Francine: Teve prédio invadido, teve uma correria por causa de uma arma.

- Vocês acham que mudou a percepção da população quando a polícia entrou em confronto com os manifestantes? Porque no outro dia várias pessoas se juntaram ao movimento e foram para a rua.

Francine: Eu acho que os meninos, os estudantes se perderam um pouco. Porque eles não tinham uma liderança, como eu disse, e depois eles começaram a fazer reivindicações. Você

lembra as reivindicações deles? Eram coisas assim: extinguir a tropa de choque, depois eles começaram a se perder nas reivindicações deles. Eram umas coisas assim: tirar do cargo o diretor da Ceturb. Gente, eles começaram a...

Eliane: Perderam o foco.

Francine: Eles perderam o foco, realmente. Se o protesto era pelo passe livre, segundo eles, que iniciou por causa do passe livre, depois eu lembro que nas outras matérias, depois que eu lembrei quando eu vi essa daí. Nas outras matérias as reivindicações, sinceramente, minha avó leu e achou graça. Esses meninos estão querendo o que mais? Estão querendo tirar o governador. Eles perderam totalmente o foco do negócio.

- Aconteceu uma divulgação muito grande de conteúdos pela internet pela população. Como vocês interpretam isso?

Francine: Pois é, realmente, a gente acompanhava isso. Tanto pelas redes sociais. A gente estava sempre acompanhando. Tinha muita gente que falava mal da A Tribuna por causa da palavra baderna e tinha muita gente que apoiava também. E a gente realmente, a questão editorial foi a favor da maioria da população e o sentimento da população. E nas ruas mesmo o sentimento das pessoas era de baderna. Ninguém achou ruim a palavra.

Eliane: Teve até um flagrante de uma discussão de uma passageira. Você lembra? Teve uma passageira que se exaltou...

Francine: Os passageiros do ônibus se revoltaram contra os estudantes, entende? E rolou bate-boca. Era a população contra.

Eliane: As pessoas querendo ir trabalhar.

Francine: As pessoas de dentro do carro brigando com os manifestantes. Ah, na deste ano teve isso, que a população botou os estudantes para correr. Então, assim, o sentimento da população já era: estou de saco cheio.

Eliane: E a polícia nesse momento não interferiu. A população que fez.

Francine: A população já estava cansada. E realmente esse era o sentimento da população de: ah, chega disso, chega de baderna. Querem se manifestar, se manifestem, mas não precisa tirar das pessoas esse direito de ir e vir trabalhar. Entendeu? Quer fechar? Fecha duas faixas. Não precisa fechar tudo e impedir todo mundo de fazer tudo e parar a cidade como eles pararam aquele dia. Aquele dia eles realmente pararam a cidade pela manhã. A cidade parou, o comércio fechou, tudo parou, entendeu?

- Você acha que o impresso fica prejudicado com o aumento da quantidade de conteúdos divulgados pela internet pelos cidadãos?

Francine: Assim, o impresso tem um diferencial que é dar mais detalhes do que a internet. A internet não se aprofunda tanto. A gente dá todas as repercussões muito bem dadas no dia seguinte e também tenta dar algo pra frente. Porque o que aconteceu de manhã a TV já deu, o online já deu, já está no Facebook, já acontece realmente tudo muito rápido. Mas a gente sempre tenta dar alguma coisa pra frente. Como vai ser o dia de amanhã? Então a gente sempre fala: novos protestos hoje. Sempre tem alguma coisa pra frente, para as pessoas saberem como vai ser o dia delas hoje. Não só como foi ontem.

Eliane: Não só o factual né.

Francine: É, porque o factual todo mundo vai dar. A gente tenta sim fazer o factual com mais detalhes, por isso que a gente investe em muita gente na rua. Aquele dia tinha muito repórter, muito fotógrafo, pra pegar melhores fotos, flagrantes, a gente investiu bastante aquele dia. E o impresso tem isso de tentar dar bem o factual que foi ontem, mas também tentar trazer algo pra frente, que foi essa história de que a gente deu como ia continuar o movimento. Ah, os estudantes prometem mais paralisação hoje. Ou senão, polícia promete voltar a agir hoje. E por aí foi. Mas no outro dia eles nem agiram né. Eles deixaram os meninos se manifestarem.

Eliane: Também de uma forma mais pacífica né. Nem tão agressiva.

Francine: É, no outro dia realmente os estudantes que foram pra rua, que eram muitos...

Eliane: Acho que até eles, sem admitir, fizeram essa avaliação que eles realmente extrapolaram.

Francine: A polícia fez a avaliação dela e preferiu manter uma outra estratégia e os estudantes também não agiram com violência no outro dia. Eles só fizeram apitação, a manifestação de abrir as catracas. Até aí era protesto mesmo, todo mundo tem direito de protestar, ninguém tem dúvida disso. Mas a partir do momento que você prejudica toda uma população, é complicado. Então, na A Tribuna essa foi a decisão. Por isso baderna ali (risos).

- Você acha mais difícil escrever para o impresso tendo que prever pra frente?

Eliane: Eu diria que é um desafio maior e é mais empolgante, assim, a gente sempre pensar no depois.

Francine: É, é verdade. Não é dificuldade não. É a característica do jornal. O jornal impresso não pode ficar só no ontem, né.

- Você acredita que a formação da opinião pública aqui no Estado já não passa mais só pela via do jornalismo tradicional com o crescimento da internet?

Francine: Claro, claro. Apesar de que a gente tem uma mentalidade de que nem todo mundo tem acesso à internet, né. Lógico que aqui nós somos jovens, a gente tem acesso à internet, mas a gente tem que pensar também nas pessoas mais velhas, que às vezes, não tem acesso ou pessoas que não tem condições de ter acesso. Então, nem todo mundo tem acesso a uma rede social. Nem todo mundo tem Facebook. A gente tem que pensar pra todo o mundo. O jornal sempre pensa pra todo mundo. Pensa assim: tipo, minha avó de 80 anos não sabe o que aconteceu pela internet. Ela vai ler no jornal no outro dia ou vai ver na TV. Mudou? Mudou. Todo mundo acessa internet, consegue ver o que aconteceu, quer dizer, nem todo mundo né. Mas a maioria consegue né. Mas não complicou não. Só o jornal tem que ter essa característica de dar mais.

- Você acha que o jornalismo perde força, enfrenta mais dificuldades?

Francine: Não perde não.

Eliane: Eu acho que esse momento já passou. Esse medo de que o jornal ia perder já passou. Eu acho que a internet vem para agregar no nosso trabalho.

Francine: Antes tinha essa discussão, até que o jornal impresso ia sumir. Mas o impresso não vai sumir. Todo mundo gosta de ler o jornal no outro dia. Porque o jornal traz esses detalhes que a internet não traz. O jornal traz o pra frente que a internet não traz. Eu acho que esse medo já passou. Tanto que a gente não perde leitor por causa da internet. Muito pelo contrário né. Os nossos leitores crescem.

- Vocês se pautam também na internet para fazer matérias para o impresso?

Francine: Se pautar talvez não né.

Eliane: Alguns assuntos a gente pode até pegar uma carona né, pra tentar pensar algo pra frente, mas normalmente os assuntos são definidos em uma reunião de editoria, com os editores, a gente participa também por causa dos especiais. A gente discute o que é o melhor para amanhã. A gente pega sugestões das fontes, conversa, traz assuntos da rua, a gente pega o assunto e traz e faz aquilo virar uma grande história.

Francine: É lógico que tem uma coisa ou outra, como a gente tem um repórter que fica monitorando a internet, exatamente pra isso. Às vezes tem coisas que surgem da internet ou mesmo do Facebook. Alguém que está desaparecido, alguma mobilização, alguém que está em coma e tem uma mobilização no Facebook. Às vezes rola pauta por causa de coisas de

internet também. Não que a gente se paute pela internet. Mas tem pautas que realmente a gente fica sabendo através de rede social. Isso é bem legal. Tipo essas coisas que acontecem. Além dessas coisas de coma, correntes, desaparecimentos. Ah, aquela história desses vídeos polêmicos. Enfim, Luizinho Pirulito.

Eliane: Agressões a estudantes.

Francine: Muita pauta assim hoje surge de internet, de vídeo, Youtube, Facebook. E acho que isso é uma coisa normal e até ajuda.

- A Rede Tribuna tem feito mudanças para se adaptar ao crescimento da internet?

Francine: Esse repórter de apoio... Repórter de mídias sociais. Você tem aula com o Fernando Mendes?

- Não, mas conheço.

Francine: O Fernando foi o nosso primeiro repórter de internet. Ele tem essa função de acompanhar. Até quando a gente precisa, a gente tem uma matéria especial, que tem repercussão, a gente sempre pega a repercussão das redes sociais. Twitter, Facebook. A gente criou até o formato de tabela pra repercussão de rede social. A gente tem tentado se adaptar e inserir um pouco mais da internet no jornal. Acho que é isso.

- E tem dado certo? O resultado é positivo?

Francine: Tem, tem. É positivo.

- O impresso não perdeu leitores para a internet? E vocês não acreditam que isso possa acontecer?

Francine: Não, de maneira nenhuma. Tanto que quem lê o Gazeta Online ou o Folha Vitória ou qualquer site num dia, no outro dia lê o jornal. Não perde nada em ler o jornal. Só ganha em detalhe. Porque o online é muito imediato, você lê só o que está acontecendo agora, geralmente são dois parágrafos, três. No outro dia está completinho lá no jornal. Então todo mundo lê de novo. Ou lê pra frente.

6.5 Entrevista com Cintia Alves

Entrevista com Cintia Alves, editora de Cidades do jornal A Gazeta.

- Como você avalia a cobertura da Rede Gazeta nos dias de protesto?

Eu vou te falar do jornal impresso. Acho que foi bem imparcial. A gente mostrou todos os lados e foi uma cobertura extensa. Eu lembro que a gente deu várias páginas. Eu não me recordo quantas, mas a gente deu. A gente manteve fotógrafo lá o tempo todo, acompanhando tudo. Pegamos umas fotos bem interessantes. Assim, participamos mesmo da coisa toda. O nosso fotógrafo, por exemplo, chegou a levar uma bomba de gás lacrimogênio na cara, desmaiou quase, levantou, entendeu? Acho que a gente cobriu direitinho. Tem uma dificuldadezinha de cobrir que é a dificuldade de saber quem... Tem uma animosidade em relação à Rede Gazeta por parte dos estudantes, né, que é aquela coisa contra a Globo, contra... Aquela coisa meio imbecil, eu acho, assim, porque não tem muito motivo. Porque a A Tribuna chega a ser pior quanto a isso. Então, tinha uma dificuldade de falar com eles, um pouco. Com as pessoas do movimento, entendeu? Os jornalistas tiveram. Eu lembro que o menino da TV saiu corrido da assembleia deles, eles quiseram bater, aquelas coisas assim... E que é uma coisa que a gente entende, porque é menino, estudante, novo e tal tal tal, e acha que a imprensa é golpista, é isso e aquilo. Mas acho que falta ler um pouquinho, se informar, pra saber o que que é.

- Você acha que é por esses motivos que existe essa rejeição em relação à Rede Gazeta?

Eu acho. Se a pessoa visse e comparasse a cobertura que a gente fez, se olhasse com calma, tinha um monte de gente falando um monte de besteira na internet. Falando, por exemplo, ah, o jornal não ouve e a gente estava atrás dos meninos para ouvir. Por exemplo, tinha um rapaz, que era um dos líderes do movimento, ele mandou um email pra gente detonando a cobertura. E eu falei: olha só, a gente vai agora aí e te ouve. Não tem problema nenhum. Posso levar. A gente grava. Vai gravar com você e você pode fazer um depoimento. Ou se você quiser você pode escrever um artigo pra gente. Porque aí, quer escrever um artigo? Eu não vou nem mexer. Porque a reclamação deles era essa. Ah, a gente deturpa tudo o que falamos. Eu falei, então, tudo bem. Você não quer que a gente grave com você, não quer que faça a entrevista, então você escreve um artigo pra gente, de tantas linhas, que a gente vai dar na íntegra. Ele se recusou a escrever. Então tem uma coisa assim, sabe? Não quero participar, não quero a imprensa aqui. Aconteceu isso também, agora, curiosamente na greve dos professores da Ufes. O nosso repórter foi cobrir e também teve isso. O repórter chegou lá e os professores fizeram uma votação pra saber se o repórter poderia acompanhar a assembleia dos professores ou não. Aí um professor virou e falou assim: ah não, gente, pera aí, a imprensa tem que acompanhar, como assim a gente vai fazer uma reunião a portas fechadas e tal. Então, pode acompanhar. Mas assim, muita gente achava que não, que os jornais não poderiam participar, entendeu? Então, eu não sei. Há um certo desconhecimento de quem não lê e fala. Muita gente retuitando, compartilhando coisas que o outro falou sem conhecimento e vira uma coisa. Se você ler com calma a nossa cobertura você vai ver que estava bem equilibrada.

- Então existiu uma abertura da Rede Gazeta para que os manifestantes falassem?

Teve abertura, teve. Teve procura. Teve tudo isso. Se não quiseram falar foi porque não quiseram. Porque a gente procurou mesmo. E esse me marcou muito, o caso desse menino em específico, porque eu ofereci pra ele e falei: então, tá, tudo bem. Você fala que a gente deturpa e tal, então escreve um artigo. Então, escreve um artigo de 25 centímetros e tal. Não, não quero. Não quero conversa nenhuma com a Rede Gazeta.

- Você lembra quem era esse menino?

Não, eu não vou falar o nome dele.

- Como você interpreta a grande quantidade de conteúdo divulgada pela internet, por quem estava participando dos protestos?

Assim, realmente é o que eu te falei. Uma coisa dita que vai sendo repetida sem conhecimento vira um negócio. Então, o que aconteceu, tinha gente ali que estava realmente... Você não pode dizer que 90% de quem está ali sabe porque está. Não sabe. Tem os 10% que têm alguma ideologia e sabe porque quer e o resto está ali porque é legal e tal. Eu sei. Eu tenho filho adolescente e sei como é que é. E pelo Facebook, pelo Twitter, a gente via isso. Tinha gente falando assim: oba, vamos lá que hoje vai ter. Então, era uma febre. Virou também uma coisa de vou participar, mas não sei do que. O que não tira a validade do protesto não. Não estou falando que não era válido não. Eu acho que qualquer coisa que mobilize a juventude é válida. E acho que é normal, nessa idade, você ter um entendimento mais superficial de tudo. Acho que teve um pouco de uso político também. Você vê que o que virou candidato a prefeito hoje estava lá no meio, e tudo. Tinha outros também. Mas isso é normal. Em qualquer movimento tem também. Tinha sindicalistas antigos que estavam participando também. O cara, sindicalista a vida inteira participando. Tinha gente, aquele cara, lembra? Que deitou... É um sindicalista antigasso, que foi lá e segundo ele estava dando assessoria para os estudantes, de como fazer um movimento. Não sei se era verdade, mas foi o

que ele disse. Então, esse movimento tem de tudo. O que a gente não poderia deixar de dar e que eles achavam. Todo movimento tem vários lados, então, tinha o lado deles, dos estudantes, passe livre. Eles tinham total razão em falar que a planilha dos ônibus é uma caixa preta. A gente cobrou isso. Se você for fazer uma pesquisa no jornal, você vai ver que a gente cobrou isso algumas vezes. Realmente o governo fez sacanagem. Como sempre convocava a reunião de aumento escondido, sem ninguém saber e para o dia anterior ao ano novo. E entrava em vigor no primeiro dia do ano. Sempre foi assim. A gente fez algumas matérias denunciando isso também. Então, eu acho que eles tinham total razão nisso. Até discutir o passe livre, eu acho tudo bem. E tinha o lado das pessoas que ficaram paradas no trânsito. Gente que perdeu consulta médica. A gente tinha que mostrar todos os lados. E tinha o lado do governo que também tinha o seu direito de falar. Que teve uma falta de habilidade política do governo de resolver, eu acho também. Porque demorou a querer essa interlocução, a conversar e tal. Deixou esse negócio virar maior do que era. Foi inábil também em mandar batalhão, sabe. Como tinha 10, 15 estudantes, era muito mais fácil chamar eles para uma reunião, que acabava ali o protesto. Então eu acho que teve uma inabilidade de vários lados aí. Mas ao mesmo tempo a gente tinha que mostrar esses lados. Mas, assim, ao mesmo tempo dos estudantes, que falam tanto de liberdade e tal, a gente notou um radicalismo de não querer que se falasse de nenhum outro lado a não ser o deles. Então, todos os lados nessa história eram meio radicais.

- Como você enxergou a ação da polícia?

A polícia seguiu o que o governo determinou né. Nenhuma polícia faz o que fez ou em vários protestos como já fez sem a ordem de governo e tal. Então, assim, quando você chama quem chama, que é o batalhão de choque. O batalhão de choque não é preparado pra agir em conflitos civis. Ele é preparado para... O nome já diz: batalhão de choque. Não é uma coisa que ele vai chegar conversando. Então, não era uma comissão de negociação. Era para desocupar a via, para tirar e tal. Eu lembro, acho que foi no segundo dia, teve uma reação da população. Não foi esse que teve? A população botou os meninos na porrada e tal. Tirou o negócio e tal. Então você vê também que as pessoas estavam também meio que de saco cheio desse tipo de protesto. Não sei se tem uma outra forma de protestar. E na frente da Ufes eu acho que teve uns excessos também, principalmente do batalhão. Aquela história de jogar bomba para dentro da Ufes, aquelas coisas todas. Foi complicado. Então, teve excesso de tudo quanto é lado. Teve excesso da parte dos estudantes, teve excesso da população, teve excesso do governo e isso tudo, quem deveria garantir que não houvesse isso era o governo. Acho que tudo isso resultou da inabilidade do governo em lidar com isso.

- Alguns pesquisadores falam que a divulgação de conteúdos na internet pelo cidadão, com as novas ferramentas, pode ser considerada jornalismo. O que você acha disso?

Não sei se é jornalismo. Eu acho que sim, eles acabam fazendo um pouco o papel disso, até pra gente. Você vê que hoje quando você tem qualquer tipo de evento, não estou falando nem só de protesto. Mas, por exemplo, uma chuva forte. O leitor manda foto, texto, tudo pelo Facebook, pela internet, pelo Twitter, enfim. Então, não se pode dizer que eles não estão participando. Se isso é jornalismo, eu acho que não. Acho que isso é participação das pessoas no processo de fazer jornalismo. Há que se distinguir aí porque tem gente que acha que pelo Facebook, pelo Twitter você pode falar o que quer. Você pode, sem conhecimento, às vezes, acusar pessoas, fazer coisas que é um limite hoje que a gente. E aí se cobra assim, ah porque que a grande imprensa não fala que fulano é um safado? Porque a gente não tem prova nenhuma de que fulano é um safado. Porque não é assim que se faz jornalismo. Jornalismo se faz com provas, indo lá, vendo: é, não é, como é que é, quem acusou que é? Tem toda uma responsabilidade legal de imagem e tudo isso. Que a internet não tem. Então, as pessoas se

acham no direito de fazer na internet. Ah, eu sou o paladino da justiça, e o jornalismo sofre com isso porque o jornalismo acaba sendo acusado de frouxo, de um monte de coisa que não é. Por outro lado, o jornalismo se beneficia dessa coisa das pessoas estarem falando nas redes sociais. Você tem mais acesso a fontes, mais gente falando o que está acontecendo, fica mais difícil esconder alguma coisa, então, no balanço disso aí do ruim e do bom, eu acho que é sempre bom. Eu acho que participar, ter os blogs, mesmo os blogs que eu acho, particularmente, que não são bons, eu acho que é bom que eles existam. Porque o cara, bem ou mal, está expressando uma opinião e quanto mais opiniões diferentes pra gente tiverem melhor para o jornalismo, pro mundo e pra tudo. Então, eu acho que isso é sempre bom, mesmo que o nosso processo fique mais complicado.

- Você acha que o jornalismo perde um pouco o seu espaço?

Não. Acho que não. Acho que jornalista bom sempre vai precisar. Bons jornalistas sempre serão necessários no mundo. Você pode ter um blogueiro ou uma pessoa comum que faz uma denúncia e tal. Ele pode até partir do blog para ganhar relevância no jornal e tal. Mas, assim, a relevância maior ele acaba ganhando, não sei se na palavra impresso. É possível que depois, com o tempo, e acho que isso vai acontecer, acho que em 20 (anos) ou antes disso, não sei, que você não tenha o impresso em si. Mas o formato jornal eu acho que vai continuar tendo. Mesmo que você leia no Ipad, no Iphone ou não sei aonde. O negócio é: o blog ainda é identificado como uma coisa que pode ou não ser verdade. A partir do momento que você põe a chancela de um jornalista que falou... Não que seja verdade sempre, mas você entende que aquilo ali tem mais um trabalho de apuração por trás e tal. Então, eu acho que uma coisa não afeta a outra. Eu acho que é um campo maior pra gente trabalhar. Não acredito que seja por isso que as pessoas não estão lendo mais jornal. Realmente a leitura de jornal está caindo, mas eu não acho que é por isso. Eu acho que é por um monte de coisa de hábito de leitura, que não tem a ver com um surgimento de blogs. Tem a ver com o surgimento da internet, mas não com o jornalismo na internet. Entendeu? É o que eu acho.

- Você acha que a formação da opinião pública no Espírito Santo não passa mais pela mídia tradicional, majoritariamente?

É, realmente, a formação de opinião não é mais uma exclusividade dos jornais. Esses blogs, esses sites formam na cabeça das pessoas, para o bem e para o mal, uma noção do que eles acreditam ou não. Acho que tem um papel muito importante sim. Mas as pessoas tem que ter um pouco... Porque a internet é um campo enorme, vasto e tal. Então, se você tiver pouco senso crítico e muita gente tem pouco senso crítico ainda, infelizmente, por uma série de coisas. Se você acreditar em tudo o que você vê, inclusive, no jornal ou no blog, então, vai ficar difícil. Acho que o que dificulta aí é a dificuldade da pessoa formar. O que eu vejo muito são as pessoas não indo à fonte. Então, por exemplo, não é muita gente que vai no blog do Noblat e lê. Mas é muita gente que pega uma parte do que o Noblat falou e coloca no Twitter e o outro retuita e falam, ah, ouvi dizer que o fulano falou. Então, tudo tem que ter um conhecimento por trás. Você tem que saber quem é Noblat, né. Ele é ligado a quem? Hoje de manhã eu estava ouvindo um comentário do Kennedy Alencar na CBN. Não concordei muito com o que ele falou, mas po, Kennedy Alencar era petista de carteirinha. Obviamente ele tem uma visão do mensalão muito diferente do que Merval Pereira que é um comentarista ligado ao PSDB e tal. Então, assim, você tem que saber o que está por trás das coisas. Não basta simplesmente você olhar e formar uma opinião no superficial. E eu acho que o problema, às vezes, é isso. Que as pessoas acabam falando besteira.

- Existiu uma indignação muito grande das pessoas em relação à matéria publicada no Jornal A Gazeta no dia 03 de junho. Por que isso aconteceu?

Esse dia você lembra da capa? Você tem ela aí? Mostra pra mim qual era a capa. Porque, assim, eu lembro, se eu não me engano, nesse dia, foi o dia que a A Tribuna colocou baderna no título, enorme, e a gente colocou algo mais equilibrado. E, curiosamente, as críticas todas estavam em cima da A Gazeta. Também porque, assim, a A Gazeta por ser um jornal que é formador de opinião, as pessoas têm um olho maior em cima da A Gazeta. Porque a A Gazeta faz as pessoas... Cobram mais e tal. Da A Tribuna já é esperado que não faça ou que faça. Porque eu não me lembro exatamente como era (a capa), mas eu lembro que a A Tribuna tinha sido mais incisiva.

- Eu não tenho a foto, tenho a manchete: Eles querem passe livre... Mas não deixam a cidade passar. E no Notícia Agora: Sem controle. Na A Tribuna: Baderna complica a vida de mais de um milhão.

Você vê que, se você pegar uma coisa e outra, uma coisa é: Eles querem passe livre, mas não deixam a cidade passar. Você está dando a opinião de um e a opinião de outro. E eu lembro que na nossa matéria a gente ouviu todo mundo, fez o negócio. Eu lembro que depois a gente foi ainda atrás dos líderes, fez uma matéria de quem eram os meninos que estavam à frente do protesto e tal. E, curiosamente, as maiores reações foram contra A Gazeta.

- Você acha que isso aconteceu por quê?

Eu acho que é por causa disso. Porque, assim, até de contraste de leitura mesmo. Porque as pessoas veem a A Gazeta como uma coisa assim. Ah, se você for ver comentários sobre assuntos, se a A Gazeta errar uma coisinha na capa ou qualquer coisa os nossos erros são muito mais, sabe, falados e tal. E A Tribuna já é esperado assim, não é um jornal tão relevante socialmente. Então, é esperado que ele possa ter um desvio, que possa fazer isso. Acho que é uma coisa meio nesse estilo.

- Quais as mudanças que a Rede Gazeta tem feito para se adaptar ao crescimento da internet?

A gente está, agora com a mudança da redação integrada e tal, de novo, que a gente chegou a fazer, depois caiu, ficou um tempo meio desativado, agora a gente está voltando. O que a gente faz e tal? Todo mundo tenta, além de ter um núcleo especializado nisso, que está ligado o dia inteiro no que está rolando em Facebook, Twitter, aquele outro de foto, como é? Eu sempre esqueço o nome porque acho ele meio sem função. É o que tem os filtros. Enfim, todas as redes sociais relevantes estão monitorando. E nós mesmos, editores e tal, a gente tem conta em todos eles, está monitorando o que acontece e tal. Tem surgido pautas disso, tem surgido coisas interessantes em cima disso. A gente tem tentado também. Isso esbarra um pouco na falta de pessoal, de além de colocar o conteúdo do jornal na internet, mas também tentar conversar com o internauta, porque eu vi isso. A gente criou uma conta no Facebook da editoria, que até está desativada agora porque a gente estava sem pessoal pra tocar e tal. Porque não era só criar a conta no Facebook. As pessoas querem retorno. Então, as pessoas falavam alguma coisa, queriam que você conversasse com eles e não dá tempo. Você tem que ter uma pessoa para fazer isso, senão você não consegue fazer todo o resto e ficar o tempo todo conversando e tal. Mas, assim, é inevitável. Todos os jornais estão fazendo isso, tendo pessoas específicas para fazer isso, para conversar. Você vê que, por exemplo, a nossa coluna aqui de reclamações de bairro e tal, que é a Dona Encrenca, a maior parte das reclamações que chegam e participações é pelo Facebook. Não é mais por email. Foto, tudo a pessoa manda pelo Face porque é mais fácil. Ela vai lá, manda, e você já responde ali mesmo. Pelo telefone chegam pouquíssimas, mas chega alguma coisa ainda de gente mais velha, que não usa e tal. Mas, assim, a maioria é Facebook. Então, não dá para ignorar, tem que estar ligado. Acho que a gente está engatinhando nisso ainda, a gente ainda não sabe direito como fazer, a

gente está descobrindo, aliás, acho que jornal nenhum tem uma ótima interface com o leitor disso. E acho que falta gente que saiba lidar com isso bem. Saber não é só ser jovenzinho e saber operar não, sabe. É saber também responder. Tem umas gafes também que as pessoas cometem. É estranho porque no Facebook você está ligado ao mundo e mesmo assim a pessoa vai e coloca algo do tipo assim: detesto o meu trabalho. Ela acha que ninguém vai ver aquilo. Eu fico pensando, assim, a falta de noção. Mas acontece muito ainda, ainda tem muita falta de noção na rede, de não saber como lidar, como atender o leitor. E esse leitor que participa pela rede, é engraçado também, porque, às vezes, o que ele participa... Por exemplo, ontem eu recebi uma carta. Isso foi por email. De um leitor falando que a gente não deveria mais fazer matéria sobre lei seca. Ele escreveu um tratado. Ele escreveu, sei lá, tinha uns 10 parágrafos no material que ele mandou. Que a gente não deveria mais fazer matéria sobre lei seca, porque o que estava causando a explosão de uso de drogas era a proibição de beber. Aí, você responde como? Sabe, olha, muito obrigada. Tem participações assim. Eu falei, ah, vou mandar para cartas ao leitor, porque eu acho que ele tem o direito de participar. Mas, assim, o leitor acha que tudo o que ele fala tem que ser respondido imediatamente. E é verdade porque ele está falando. Então, gera também uma dificuldade de como lidar com isso, quando você não vai dar aquela matéria, quando aquilo não vale matéria, como você diz para o cara, olha, isso não vale matéria. Essa participação maior, entendeu? Acho que a gente não sabe fazer isso ainda direito, não sei. Acho que a gente está tentando. Sabe, criamos um núcleo, estamos tentando e tal, mas ainda o leitor reclama muito que a gente não responde a ele, com rapidez, pelo menos, como deveria.

- Muitas fotos de leitores foram publicadas no Gazeta Online durante os protestos. Essa é uma forma também de estar integrando o leitor?

Sim. Porque, o que acontece, no jornal a gente não tem um espaço enorme para isso porque é limitado e tal. Mas a internet permite, você pode fazer galeria de fotos e tal. E realmente, como eu te falei, protesto, chuva, qualquer coisa que afete a cidade, na hora seguinte eles já mandaram muita foto e as pessoas adoram participar, ver a foto delas lá. Então é uma maneira de fazer o cara participar e ele estar nisso. Então, isso a gente tem feito.

- Você acha importante a participação da população no jornalismo?

Nossa, é muito importante pra gente. Algumas das boas pautas que surgiram ultimamente, surgiram de participação de leitor, sabe? Uma das matérias que foi finalista do Prêmio de Jornalismo deste ano, que foi da Priscila, que era de planos de saúde, que os planos de saúde estavam rejeitando idosos, surgiu do Facebook. Que foi uma pessoa botou lá no Facebook que tinha ido. Aquelas coisas, aqueles desabafos: ah, fui ao plano de saúde, não consegui contratar o plano de saúde por causa da minha idade, não consigo e tal, por causa disso, disso e daquilo. Aí a gente entrou, viu aquilo, entrou em contato com a pessoa, ela contou a história, a gente foi ver, ligamos para vários planos de saúde e realmente era assim. Os planos de saúde: ah, não, acima de 70 anos, 60 anos, o preço era exorbitante, ninguém dava retorno e tal. E saiu uma matéria bem legal em cima de uma reclamação de um leitor e que ele não tinha pensado em fazer matéria. Ele botou no Facebook né? Ele não procurou exatamente o jornal. Então, isso tem acontecido muito. Da pessoa botar no Facebook e a gente ir atrás. E a pessoa não tem noção de que aquilo vale uma matéria e vale. O protesto dos estudantes mesmo a gente acompanhou tudo pelo Facebook. Porque eles marcavam assembleia, reuniões e não sei o que, falavam de protesto, tudo pelo Facebook. Então, a gente acompanhou muito por isso.

- E vocês iam aos locais de protesto e reunião sendo informados pela internet?

Sim, pela internet. Porque, como eu falei, não tinha um cabeça que a gente pudesse ligar e falar, ah, às vezes um menino sabia, o outro não sabia o que estava acontecendo, mas a

comunidade, a página deles do Face estava sempre atualizada e tal. Eles mudavam o horário de reunião e tudo a gente acompanhava por lá e ia. Bom, o menino também que foi preso lá foi por causa também, boa parte, por causa do Facebook dele né. Que ele falou que estava indo queimar uns ônibus e foi pego com combustível. Que, aliás, eu achei um exagero, no caso daquele menino, porque não chegou a fazer nada.

6.6 Entrevista com Marcos Aciolly

Entrevista com Marcos Aciolly, manifestante que transmitiu os protestos ao vivo pela internet.

- Qual foi a sua participação no Protesto em Vitória? Você fez a transmissão ao vivo, mas participou de alguma outra forma?

Eu participei da passeata que a gente fez, fui até um certo ponto depois voltei. Eu fiquei na rua enquanto estava fechando a Fernando Ferrari. Fiquei junto ali, quando o pelotão estava vindo.

- Isso no dia 02 de junho?

Eu não me lembro o dia.

- Os dias 02 e 03 de junho foram de maiores mobilizações na rua.

Isso, foram os dias maiores. Eu não cheguei a ir no Centro, por exemplo, nada disso. Eu estava só aqui na frente mesmo. Eu também criei uma página no Facebook, junto com o pessoal. Então a gente tinha uma página chamada Protesto em Vitória, e aí o pessoal entrava lá para atualizar as coisas, ver notícias atualizadas sobre o protesto. E aí, quando apertou o negócio que eu transmiti, entendeu? Porque a gente entrou na Ufes e o pessoal começou a tacar bomba, atirar aqui dentro, aí fico estranho, assim. Ninguém estava entendendo nada porque a gente estava ali parado, sem fazer nada e os caras atirando, jogando bombas nos carros. Enfim, meio esquisito.

- E foi nesse momento que você sentiu necessidade de transmitir o protesto?

É, de uma coisa estranha. Porque a gente imaginou que a polícia ia vir pra cima, mas que não ia cumprir as vias de fato. (Pausa) Eu estava lá fora até na hora que os policiais começaram a andar. As meninas tinham flores, enfim, estava uma movimentação que não estava fazendo nada com ninguém. Foi isso que assustou um pouco. Então, a gente entrou na universidade e eles começaram a atirar, a gritar mesmo, a atirar. Assim, eu entendo que é a forma de reprimir o que estava acontecendo, mas foi estranho para quem estava assim, porque a gente imagina que esse tipo de coisa acontece quando existe uma ação violenta, por exemplo, e não ali assim né. Aí, por isso que eu comecei a gravar. Falei, nossa, o pessoal! E eu não confiava muito na minha internet, né. Um 3G meio vagabundo, até hoje é o mesmo e até hoje eu não confio, mas eu falei assim: ah, eu vou tentar. E mesmo quando o Qik não transmitia, pelo menos ele gravava. E eu falei: ah, vou tentar transmitir. E comecei a transmitir e a bateria foi embora rapidasso, assim, meia hora acabou tudo, sabe? Mas eu falei, ah, vamos transmitir. Aí eu transmiti vários pedaços porque caía, aí eu começava a transmitir de novo.

- Você teve muito acesso não é?

Eu acho que teve. Eu não sei onde contabiliza. Na página do Qik não é igual ao Youtube. Eu não sei se hoje está diferente. Mas não mostrava quantas pessoas viram não.

- Você interagiu com as pessoas que estavam assistindo ao vivo as transmissões?

Interagia. Tinha algumas pessoas que me acharam pelo perfil do Twitter, aí começavam a falar, perguntar coisa. E lá na página mesmo tinha um chat, assim, alguma coisa assim. E o que eu fazia também. No Qik, na hora que está transmitindo, você pode mandar o link para as redes sociais direto. Aí, eu ficava mandando e o pessoal ia acessando também.

- Através do Twitter e do Facebook?

É. Eu acessei várias outras pessoas também. Em outros dias.

- Pessoas que estavam fazendo transmissão ao vivo?

Sim. Tinha transmissão. Por exemplo, o pessoal que foi na marcha. Eu não fui, então o pessoal foi transmitindo. Na marcha também eu transmiti alguma coisa, acho que foi no dia seguinte, a marcha. Ou no mesmo dia, de noite.

- No dia seguinte.

No dia seguinte. Eu também fui transmitir alguma coisa, até a metade. Mas estava muito escuro, não dava para ver nada e o som do celular não é muito bom, aí, eu desisti daquela transmissão.

- Você já fez transmissão de algum outro tipo de protestos? De eventos?

Protestos? Cara, eu não lembrava nem desse. Eu acho que não. Sei lá. Acho que não. Não lembro. Já transmiti algumas coisas sim. Por exemplo, vai em um lugar em que as pessoas vão depois. Eu fui lá para verificar o lugar, às vezes eu transmitia para o pessoal ver. Entendeu? Olha como é que é aqui. É assim é assado. A gente transmitia aqui na Ufes. Ah, teve sim. A gente transmitia aqui quando a gente era do NIC (Núcleo de Interfaces Computacionais), a gente transmitia ao vivo as discussões que a gente tinha que chamavam Sput Nic e a gente. Inclusive, usava celulares, assim, para transmitir porque o Qik tem um recurso interessante: os celulares funcionam como se fossem câmeras adicionais, tipo uma rede de televisão que você pode mudar da câmera tal para a câmera tal. Aí, o Livestreaming deixa você usar o Qik pra isso. Então você podia transmitir do computador, da webcam e falar assim, muda para a câmera tal que está no celular, aí ele mudava. Então, a gente fez uns testes assim, mas era mais de bobeira né. Esse dia foi mais no calor lá mesmo.

- Então você nunca trabalhou com isso? Nem pesquisou ou se interessou para mexer com transmissão ao vivo?

Com transmissão ao vivo de coisas já. Mas não trabalhar. É porque eu trabalho na área de informática, então, assim, já me chamaram para fazer transmissão de outras coisas. Eu trabalhei na RNP que é a Rede Nacional de Pesquisa e tem transmissão do Nead (Núcleo de Educação à Distância), então eu já sabia dessa coisa de transmitir. Mas pelo celular foi a primeira vez. E também sem ninguém pedir nada. Ah, eu falei: vou transmitir porque é interessante. Mas fora isso não.

- Você considera esse tipo de cobertura como jornalismo?

Até você falar comigo para vir aqui eu acho que não, entendeu? Mas agora talvez sim. Não no sentido estrito. Tipo assim, porque eu não me senti reportando nada explicitamente. Mas eu acho que é jornalismo se você considera que a função do jornalista é levar a verdade para as pessoas. Então, eu acho que nesse sentido é. Mas eu não considerava até agora, entendeu? Até pensar que eu estou fazendo jornalismo.

- Qual foi a sua intenção ao realizar a transmissão do protesto?

A intenção era que as pessoas vissem o que estava acontecendo. Porque o que estava saindo na mídia, na mídia de massa, era outra coisa. Que os policiais não tinham feito isso ou aquilo, os alunos que eram isso ou aquilo. Enfim, né. Então as pessoas precisavam ver. É difícil até gravar coisas, né, ou tirar foto. Porque tudo é tão manipulável, assim, as pessoas não acreditam em nada. Então, é muito difícil. Por exemplo, teve uma coisa que foi interessante, assim, de transmissão na época que eu lembro. Se é que vale falar também, né. O Ricardo, professor meu, gravou as pessoas na frente aqui do teatro e as bombas de gás lacrimogêneo, com as crianças saindo. E a polícia disse que não tinha jogado bombas aqui dentro e que não tinha atingido ninguém. E ele gravou nitidamente as crianças correndo e postou no Youtube, entendeu? E as professoras tentando proteger as crianças do gás. Enfim, é uma coisa horrível, se você parar para pensar que eles jogaram bombas onde tinha um monte de crianças saindo do teatro, que não tinham nada a ver com nada. E que há um acobertamento estranho da informação, entendeu? De falar que não, que não fez isso. Que não é ingenuidade. É óbvio que não, entendeu? Porque o tipo de estrutura rígida que eles obedecem não deixa isso acontecer. Lá todo mundo tem que se reportar, todo mundo conta as coisas, o batalhão é grande, o grupo é grande, então, muitas pessoas viram. Quer dizer, é uma coisa mais da mídia mesmo, de acobertar o acontecimento. É esquisito.

- É isso também que impulsiona a cobertura alternativa? Isso incentivou às pessoas a publicarem mais conteúdos?

Com certeza. Eu acho que mobiliza também, porque quem está de fora... O que acontecia muito, porque eu acompanhava muito as transmissões, era porque eu não podia estar lá, eu estava no serviço. Então, eu não podia estar. Eu estava assistindo. Então alguém transmitia e eu ficava assistindo. Porque o que saía na televisão era uma outra visão. Uma visão meio elitista, assim. Eu nem sou muito partidário, de falar a gente precisa da voz do povo. Não tenho nada dessas coisas. Mas a televisão passa uma coisa meio, sei lá. Uma coisa meio manipulada. É meio esquisito. Não que as pessoas quando façam isso elas não passem o ponto de vista delas, que é uma forma de manipulação também. Mas... Ali, por exemplo, eu estava com o celular na mão, correndo de um lado para o outro de umas bombas que estavam caindo. Não tinha como eu ficar tentando manipular muito, filmar num ângulo que favorecesse, ou falar coisas que fossem mais legais.

- No calor dos acontecimentos, não é? Tinha o medo também?

É. É tipo uma transmissão ao vivo da televisão. Que a pessoa está transmitindo ao vivo e tem alguém xingando na câmera, o xingamento vai sair né, ao vivo. Não tem como, a pessoa não pode fazer nada.

- E também tem outro ponto. A mídia tradicional demora um pouco mais na transmissão dos acontecimentos e a cobertura pelo celular, por exemplo, é instantânea. Você posta automaticamente. Isso contribui?

Contribui. Nossa, contribuiu muito para a velocidade e para essa noção de instantaneidade da internet mesmo. Parece que a gente está longe, mas a gente está grudado. Porque eu estou vendo o que está acontecendo lá agora né. E dá uma certa aflição também em quem está vendo. Teve um dia que eu estava vendo os protestos que estavam acontecendo lá na cabeça da Terceira Ponte, e tinha uma pessoa transmitindo. E aí dava agonia porque travava a transmissão, você quer ver e fala: ah, o que aconteceu? Será que caiu? E manda mensagem para a pessoa: po, bicho, continua aí. A gente está querendo saber também. Porque às vezes se a coisa fica muito ruim, igual ficou aqui, eu acho que é necessário as pessoas se mobilizarem, igual aconteceu aqui. Quando todo mundo viu, eu acho, o que estava acontecendo, outras pessoas se juntaram. Outros movimentos aconteceram depois mas não foram com tanta força.

Porque eu acho que não teve tanto envolvimento. Eu tenho certeza que as fotos, as transmissões, os mini-sites, os hotspots, as páginas, as conversas contribuíram para isso ter virado o que virou. Cinco mil pessoas andando. Sei lá quantas mil pessoas andaram. Duas mil, três mil, sei lá. Não importa. Mas não era mais um grupinho querendo falar de alguma coisa.

- Você acha que a internet foi protagonista nesse sentido?

Eu tenho certeza que foi. Não tenho dúvida nenhuma. Se eu não tivesse internet eu não tinha transmitido. Enfim, um monte de gente não tinha visto. É mais do que só a ferramenta, né. É como se fosse um fator determinante daquela movimentação.

- Em algum momento você foi repreendido pela polícia por estar filmando os protestos?

Teve. O cara apontou a escopeta, assim, e falou: meu irmão, não vai bater foto, não, meu irmão. Só que tinha 200. Eu falei: rapaz olha o tanto que tem em volta de você. E vim andando. E ele apontando. Eu achei que eu ia tomar um tiro ali naquela hora, de borracha, né. É ruim de qualquer maneira achar que vai tomar um tiro. Mesmo sendo de borracha. Ainda mais porque ele aponta para o seu rosto, ele não aponta para o seu pé, sacou? Então, é uma coisa ruim. A gente sente na pele um pouco esse tipo de repressão que acontece com as pessoas que a gente considera bandidos né. Mas que no fundo sei lá o que acontece. É uma coisa muito estranha alguém apontar a arma na sua cara. Já tinha acontecido comigo com arma de verdade, mas a polícia fazer isso é uma coisa ruim. Quando você sente que você não estava fazendo nada de errado né. É muito ruim.

- Você acha que a polícia ou o governo passaram dos limites?

Eu achei que passou muito dos limites. É difícil definir os limites, eu acho, também, entendeu? Eu tenho certeza que até para o gestor público não é fácil definir esses limites. Mas eu acho que faltou um pouco de senso ali. Por exemplo, a polícia estava ali e todos os homens que eu vi eram homens fardados, que faziam parte do corpo policial. Eu não vi nenhum Relações Públicas, por exemplo, que veio para poder intermediar aquela relação, nem nada disso. Do nosso lado não tinha uma milícia, não tinha ninguém armado, ninguém estava ali querendo brigar nem nada. Então eu achei que eles passaram do limite nesse sentido. Eu acho que repreenderam sem necessidade. Essa foi a minha visão. É claro que depois que eles atiraram, sacaram bombas, tinham pessoas jogando pedras, enfim, isso aconteceu e muitos dos que estavam juntos, que não queriam que isso acontecesse, tentavam orientar um ao outro, entendeu? Mas a orientação deles foi super organizada. Eles não vieram e aí, baseado no que aconteceu, eles repreenderam. Eles não vieram... Deu pra perceber. O jeito de atuar foi assim. Quem iniciou todo o processo foram eles. A gente estava bloqueando a via. Isso aconteceu de fato, mesmo. Mas fora isso...

- Você achou legítima essa forma de protesto?

Eu não consigo nem ver outras. Ultimamente eu tenho até pensado muito nisso, assim, porque outras formas têm acontecido que chocam a gente e a gente quer protestar. Eu gosto de participar, entendeu? Nem que seja mandando um email para as pessoas da minha família, por exemplo. Eu acho que tudo isso é forma de participar. Conscientizando as pessoas, conversando, enfim. Eu não consigo nem ver outros. A gente não tem mais o que fazer. Parece que a gente está de mão amarrada, assim, no aparato público mesmo, pra se fazer isso. Tem que entrar com um pedido, na câmara, assistir não sei quantas sessões ou eu tenho que virar vereador pra conseguir passar projetos de lei que beneficiem esse ou aquele seguimento. É muito estranho isso, entendeu? É difícil pra gente, eu acho, que fica do lado de cá do Estado

né. E é ruim ver o Estado agir dessa forma porque parece que ele não trabalha para a população. Até o título de servidor público perde um pouco o sentido, né, se você parar para pensar dessa forma. Porque fizeram tanta questão de abraçar esse título, tirar o título de funcionário e passar para servidor, porque é uma carreira, enfim, eu acho que, eu não sei. Eu conheço muitas pessoas super dignas, assim como eu conheço na iniciativa privada. Eu não vejo outra forma da gente fazer as coisas, a não ser indo para a rua. Eu tenho visto isso muito ultimamente. Alguém está insatisfeito com o salário, aí eles vão para a rua e fecham algum lugar ou o banco fecha a porta do banco e não deixa nem entrar no caixa eletrônico, então, coisas assim. Porque parece que os instrumentos são muito ruins, pra gente protestar, mesmo. Tipo, não tem um Reclame Aqui do Governo. Não sei se você conhece o Reclame Aqui que é um site sinistro, assim... As empresas respondem. Funciona mais que o Procon, parece. Porque as empresas têm muito medo dessa imagem ruim e o governo parece que não. Ele está meio alheio a isso. Ah, pode falar. Fala mal, então, não tem problema.

- Você foi participar dos protestos, por quê? Você achou a causa justa? Você também utiliza o transporte público?

Hoje eu já não utilizo mais. Utilizo ainda, na verdade. Mas nem uso mais meu passe de estudante, porque é mais esporádico utilizar o transporte. Uso uma vez por semana. Antes eu utilizava todo o dia. Na época mesmo do protesto eu não estava utilizando não. Mas eu já tinha utilizado muito o ônibus. Eu nem acho a estrutura de ônibus precária em Vitória não. Algumas linhas têm coisas precárias que precisam ser melhoradas, mas no geral é muito bom comparado com outros estados que eu já fui. Mas o preço da passagem realmente é caro. Então, o protesto na verdade, no todo, era pelo preço da passagem. É claro que quando faz um protesto, muitos subgrupos ou outros grupos se juntam ao protesto para se aproveitar da movimentação popular. Isso acontece muito e lá era visível isso. Tinha um monte de gente do PT ou sei lá, gente do PSol e de partidos políticos, com adesivo, inclusive, e querendo adesivar as pessoas, sabe, e não era nem época de eleição. Assim, falando que era do PSol, coisas assim ou enfim. Eu não tenho nada contra, eu acho até legal, assim, mas muitas dessas lideranças tomavam a voz para poder pedir outras coisas. Não, porque a gente tem que brigar pela moradia estudantil, aí você começa a misturar um pouco as coisas e o movimento perde força. Isso foi o que pareceu lá. Mas inicialmente era por causa da passagem. E eu acho que tem tudo a ver as pessoas dizerem que elas estão insatisfeitas com o valor das coisas. Porque você não tem muito como argumentar né. Não tem, por exemplo, concorrência. O ônibus concorre com quem? Com ninguém. Então, se ele aumenta a passagem, você vai falar que está abusivo em relação ao que? Você não tem nem como comparar. Se você vai comprar meio quilo de macarrão você sabe que a marca tal está mais cara que a tal, mas a tal tem a qualidade melhor, você tem como fazer uma comparação. Essa regra de mercado não se aplica a essas concessões. Fornecimento de água, fornecimento de energia, fornecimento de transporte, né, é pouco isso. A gente nem vê o edital, por exemplo, nem sabe como que é. É diferente da telefonia né, que depois da privatização você consegue ver que elas brigam para tirar cinco centavos e te agarrar no plano. É um pouco diferente.

- Você acha que o movimento perdeu força por causa da ampliação dos pontos de pauta da luta?

Eu acho. Eu dou valor a isso ainda. Eu vejo que na hora que você começa a fazer um protesto e pelo que eu senti lá e em outras vezes por participar das discussões, as minorias sentem que tem força porque tem mais gente ali interessada em uma pequena causa, então eu vou lá também. E elas começam a se colocar na situação. No dia em que a gente se reuniu aqui, um monte de gente antes da caminhada e tal, várias lideranças falaram. E lideranças que você via que era uma coisa meio... às vezes fica meio desconectada, que é característica dessas

movimentações, que não tem liderança fixa. E isso é muito legal, sabe. Eu não acho ruim, mas eu acho que perde a força do movimento organizado, por exemplo, que consegue, muitas vezes, ter as reivindicações, consegue decidir o que precisa pedir ou não, entendeu? Ali era mais difícil, porque é difícil você enumerar quando você tem várias minorias. O cara quer uma coisa que não tem nada a ver com transporte. Cada um briga pelo seu. Eu não acho nem que está errado. Não tem nada disso. Mas, assim, perde força sim, é perceptível essa perda de força. Se a briga no momento era por X e Y desviou você está tirando um pouco da força do movimento. Ao mesmo tempo em que você traz outras pessoas para movimentar, mas, na visão do gestor, eu penso assim, né. Há muitos anos que eu trabalho e encontro com pessoas do governo, enfim, secretários e tal, converso, eles precisam de uma coisa mais organizada. O cara tem milhões de problemas para atender. O cara que está preocupado com a secretaria de transporte, ele também está preocupado com atropelamento no semáforo, com um monte de coisa. Então, o secretário em si não tem como ver uma reivindicação. Aí, a gente quer marcar uma reunião com o cara, mas a gente não tem nenhuma organização do que vamos falar. Então é muito complicado isso. Eu acho que perde força nesse sentido. Organiza menos. Mas, é importante né, porque dá espaço para essas minorias se encontrarem e falarem assim... a gente também quer conversar. Acho que a gente precisa de moradia. Esse movimento dos professores foi perceptível, aqui dentro da Ufes, como que várias outras minorias se juntaram. Moradia estudantil, queria. Aí deu essa confusão toda que foi a expulsão dos caras daqui, enfim, esse pessoal violento também, meio truculento, quebrar as coisas, sabe... Uma coisa que vai ficando meio descontrolado. Quem é gestor também fica com medo desse tipo de coisa. O Brasil estava quase em colapso. A Polícia Federal em greve, os Correios em greve, os bancos em greve, daqui a pouco não tinha ninguém trabalhando mais, o país estava de férias. Ninguém estava fazendo nada. Quando todas essas pessoas resolvem se juntar e fazer algum tipo de movimentação violenta, eles não tem como repreender. Então, se a violência entra na cabeça das pessoas já era! Não há repressão. Porque não vai ter gente suficiente para fazer isso. Se as quatro mil pessoas que marcharam aqui resolvessem entrar em algum lugar quebrando tudo, é guerra civil, entendeu? Porque é muita gente. Não tem como a polícia se movimentar, mobilizar, para poder segurar todo o mundo ali rápido assim.

- Mas você acha que esse seria o caminho?

Eu acho que nunca esse é o caminho. E não foi, por exemplo, o que aconteceu. Se não as pessoas teriam ido para o palácio jogado pedra, quebrado janela, brigado, chutado os policiais, enfim.

- Mas teve uma forma de defesa da população que jogou pedra na polícia?

Não dá nem para dizer que foi uma forma de defesa porque eu vou defender o que tacando uma pedra no cara que tem uma arma e uma bomba de gás lacrimogêneo. Eu não vou defender nada. Defesa melhor seria alguém se proteger atrás de algum lugar. É mais uma forma de, no calor ali, achar que eu também estou atacando, entendeu, que eu não sou pequeno daquele jeito, que eu estou sujeito a essa repressão sem precedente. Que eu também tenho força. E eu tacho uma pedra. É mais um ato simbólico do que realmente atacar alguém. Então, assim, essa foi a minha visão na hora. Se bem que na hora também tinha muita gente que não tinha nada a ver. Gente que veio correndo, que você via que não era estudante, que não estava ali junto, gente que não estava na movimentação. Que veio porque quer tacho pedra. Tem gente que ah, vou tacho pedra nesses policiais que todo dia correm atrás de mim lá em não sei aonde. Enfim, o cara veio e tacho pedra. Então, assim, tudo isso acaba se juntando, perde um pouco da força por isso. Desorganiza as pessoas né. Você descaracteriza o movimento, eu acho. Acho que é essa a palavra. Mas foi muito bacana na época porque foi uma movimentação muito forte. A gente não conseguiu nada efetivamente de valor de

passagem, não conseguiu nada. Entendeu? Então, essa era a luta? A luta era por passe livre também para os universitários?

- É da luta inicial não conseguiram. Depois alguns outros pontos foram incorporados como terminal funcionando 24 horas. Mas foram poucas conquistas.

É, demorou um pouco, mas eu acho que qualquer coisa que a gente ganhasse já era válido. A gente podia ter ficado sentado e não feito nada, a gente fez alguma coisa e ganhou alguma coisa. É isso. Se a gente fizesse muito a gente ganhava muito. Eu morei na Inglaterra um ano e eu vi como o povo lá é politizado, sabe? Como as pessoas não aceitam um aumento de cinco centavos. Parece que todo mundo, a população em geral é universitário. Sabe, porque a gente tem uma facilidade de se organizar aqui. A gente fala bicho, vamos lá, vamos juntar ali, vamos fazer uma reunião, e as pessoas arrumam tempo né. Ah, não tenho tempo porque eu trabalho. Isso é uma falácia, né. Porque se você quisesse se organizar e se incomodasse com aquilo de verdade você iria. O povo na Inglaterra é muito politizado sabe. Eles se mobilizam, fazem protesto, colam cartaz na loja inteira, reclamam, vão lá, falam que querem falar com o gerente, pedem o troco. Então, eles são muito atuantes. O dinheiro tem valor, sabe, para as coisas. Agora, é uma questão cultural mesmo. A gente aqui é um pouco mais desmobilizado. Os caras têm dois mil anos de experiência né. E a gente tem pouquíssimo. Mas eu achei muito legal porque qualquer vitória assim é uma vitória que mostra... se hoje a gente fosse fazer uma movimentação, aquilo já dá para ser lembrado. Po, quando a gente fez a gente conseguiu isso, vamos lá! Então é um exemplo já né.

6.7 Entrevista com Edimilson dos Santos

Entrevista com Edmilson dos Santos, Comandante de Polícia Ostensiva Metropolitana na Polícia Militar.

- Qual era o seu cargo durante os protestos de 02 e 03 de junho?

Na do ano passado eu não me encontrava ainda aqui no CPOM. Eu sou o Comandante de Polícia Ostensiva Metropolitana. O que vem a ser isso? É o responsável por todos os batalhões da Grande Vitória e, à época do fato, também dos batalhões das polícias especializadas. O que quer dizer? BME, Rotam e também o Batalhão de Trânsito que participaram daquele evento também. Até então era assim. Houve agora uma separação em que esses batalhões pertencem a uma outra área dentro da Polícia Militar. Mas naquela época eles eram subordinados a mim. Em decorrência da magnitude do evento, que a gente já sabia que ele poderia se transformar, eu achei por bem, até mesmo foi um contato com o próprio governador, de eu ser o comandante da operação propriamente dita. Porque a gente sabia que provavelmente poderia dar um problema de maior gravidade. E nós sabíamos também que o maior objetivo daquela manifestação era um enfrentamento com a Polícia Militar. Tanto é que na própria internet... Porque existe o setor de Inteligência da Polícia Militar e há o monitoramento dessas redes sociais. E ali a gente via que eles estavam comemorando um ano daquele outro episódio que aconteceu ano passado. Então, o objetivo maior deles não era nem um movimento reivindicatório. O que a gente via, através não só da internet, mas das próprias informações que a gente recebia da Ufes é que o movimento era, na verdade, um confronto à Polícia Militar. Então, foi tomado todo um cuidado, inclusive, de se evitar, até mesmo, de desobstruir a pista. Porque se a gente tentasse desobstruir a pista haveria um confronto. Não sei se você chegou a observar algumas situações. Tinha criança, menores de rua que foi até mesmo levado aquele fato. Então, por isso que não houve em primeiro momento qualquer objetivo de desobstruir a pista. O que nós fizemos a princípio? Nós reservamos uma área de

protesto, não lembro se a Princesa Isabel ou a Jerônimo Monteiro, nós deixamos aquela área em aberto. Fechamos a via, deixamos aquela pista aberta justamente para eles se manifestarem e mostrarem qual era o objetivo deles. Tanto é que o que aconteceu? A polícia ficou aberta para isso e mesmo assim eles não ficaram satisfeitos. O que eles fizeram? Foram para a outra pista e fecharam totalmente o trânsito. Então, ali, o que a gente queria mostrar para o público era que o objetivo deles era justamente o confronto, não era um movimento reivindicatório. Se fosse um movimento reivindicatório, eles ficariam ali em frente, fariam a manifestação deles e iriam embora. Então, os pontos principais são justamente esses: não existia por parte dos manifestantes, até mesmo pelos próprios contatos via internet, de que era movimento reivindicatório. Era movimento de confronto à Polícia Militar. Segundo, a partir desse momento que tivemos essa informação, o nosso objetivo foi deixar que eles se manifestassem, reservamos uma área para eles fazerem isso e mostrar para a população que o objetivo deles não era uma reivindicação e sim uma bagunça e conseqüentemente uma tentativa de provocar a Polícia Militar e em nenhum momento nós aceitamos essa provocação.

- Vocês consideram legítima essa forma de manifestação?

Não. Presta bem atenção. Em todo o movimento reivindicatório nós temos todo um procedimento, inclusive de acompanhar, não com o objetivo de retaliar uma ação reivindicatória. Porque nós também temos um movimento reivindicatório. A polícia também tem como qualquer outro servidor público um movimento reivindicatório. Qual o nosso objetivo sempre que tem uma manifestação? A gente saber como é que é e a partir dali a gente fazer um acompanhamento, às vezes fechar uma parte, como às vezes acontece, o pessoal segue, às vezes desviar o trânsito, justamente para o pessoal ter esse objetivo. Então, aquele movimento propriamente dito eu não considero como legal porque ali não existia uma reivindicação. Eles usaram como pano de fundo a questão de passagem, mas o objetivo era o confronto com a Polícia Militar.

- Quem deu autorização ao BME para agir no dia 02 de junho?

Naquele dia? Você está falando dessa última situação ou da anterior? Aquele anterior. Aquilo ali, na verdade, a gente avalia até quando é um movimento que é válido. A partir do momento que a gente verificou que já tinha virado bagunça, que o pessoal já começou a queimar ônibus, então, a gente verifica que há a necessidade da ação da polícia. Então, o comandante de policiamento ostensivo na época não era eu. Ele achou por bem tomar essa decisão. Mas é claro que ele primeiro consulta o comandante geral. E o comandante geral avalia aquela decisão do comandante do policiamento à época, que era o comandante do CPOM.

- Qual o procedimento é seguido pela polícia nas manifestações?

Primeiro é a observação. Observa-se, nós fazemos um planejamento em cima daquela manifestação, deixamos sempre uma tropa de reserva. Quase sempre a tropa não fica nem ali, no local propriamente dito para o pessoal não se sentir ofendido ou qualquer outra coisa que possa provocar uma manifestação além daquilo que a gente prevê. A gente sempre deixa em um local estratégico, próximo ao local. Por que próximo? Porque se, exemplo, se a manifestação aumentar e se tornar de um vulto tal, se a gente quiser deslocar a viatura do BME, ela não vai conseguir chegar lá, porque o trânsito, principalmente em Vitória fica totalmente engarrafado. Então a gente deixa sempre em um local próximo. Só não vou dizer onde é que é. Tem vários locais que a gente deixa. Justamente para se evitar esse deslocamento, que chegue atrasado no local. Às vezes chegou de uma tal forma aquele evento que ela não consegue chegar lá. E às vezes até chegar a coisa já desandou. Então, nós sempre deixamos próximo ao local e quando a gente verifica que há necessidade do emprego, o que a gente tenta sempre fazer? Tenta primeiro negociar. O comandante da tropa de choque chega

para os representantes daquela manifestação e fala assim: vocês vão sair? Nós damos cinco minutos, vou te dar mais ou menos um exemplo, nós damos cinco minutos pra vocês se retirarem. Se vocês não se retirarem a tropa irá agir e irá retirar vocês. Quase sempre é mais ou menos dessa forma. Entendeu? Tenta-se negociar. Existe sempre um negociador por parte da Polícia Militar. Exemplo, na área de Vitória, às vezes, é o comandante do primeiro batalhão. Exemplo, o comandante da operação ele não negocia. Nós elencamos um negociador e esse negociador vai estar sempre conversando com aquele pessoa e esse negociador vai passar as informações para o comandante da operação. Então ele vai lá, tenta negociar, quase sempre a gente coloca uma pessoa de mais fino trato. Não adianta você botar um camarada grosso, porque tem uns camaradas que são grossos mesmo. Você bota uma pessoa que tem maior facilidade de lidar com o público, então ele vai tentar negociar. A partir do momento que se avolumou aquela manifestação, está fora de controle, está prejudicando a população, aí é a tropa de choque que vai fazer um contato. Ele vai falar assim: não tem mais negociação. Então o comandante da tropa de choque vai falar: a gente está dando a determinação pra vocês se retirarem. Se vocês não se retirarem em tantos minutos a tropa irá agir. A princípio não é utilizado bala de borracha, não é utilizado cassetete ou qualquer outro instrumento que possa causar lesão. A tropa se desloca justamente tentando afastar o pessoal. Se há por parte daqueles manifestantes uma agressão, aí sim vai se avaliar a necessidade da utilização de uma bala de borracha, de um cassetete. Mas quase sempre é a bala de borracha ou o gás lacrimogênio. Ah, mas isso daí machuca. Mas entre a bala de borracha e o contato físico entre o policial militar e os manifestantes? Qual é melhor? É melhor, às vezes, a bala de borracha porque no contato físico quase sempre existe uma violência maior. Mesmo a tropa sendo treinada para isso, a tendência é que haja uma agressão por parte dos manifestantes e até uma reação um pouco desmedida a partir do momento que tem um contato físico. Então, se opta pelo gás lacrimogênio e pela bala de borracha justamente para evitar esse contato físico entre manifestante e policial militar.

- Nessas manifestações de rua existe uma hierarquia de qual tropa da polícia vai agir? É sempre o BME?

A princípio, sempre, na manifestação de rua nós colocamos o batalhão de trânsito, justamente pela questão de controle da via. E a tropa ordinária, na verdade, é a tropa comum, o policial, às vezes, do primeiro batalhão, do quarto batalhão, do sétimo batalhão, dependendo da área onde acontece. Não vai a tropa de choque, vai a tropa comum, justamente para fazer o acompanhamento, o policiamento. E sempre o pessoal da inteligência. Tem sempre o pessoal da inteligência descaracterizado, observando. E vai passar qualquer tipo de informação que ele observar. Às vezes o policial fardado está em determinado local, a pessoa evita fazer qualquer tipo de ação porque está fardado. Mas o policial a paisano que está também no meio do povo, ele observa algumas outras situações e, inclusive, algum tipo de movimentos que serão feitos a posteriori. Então, ele vai passar essa informação para alguém, que irá passar para o comandante da ação propriamente dita. Está entendendo? A tropa de choque só entra em ação quando não tem mais negociação.

- Quando a tropa de choque foi para a rua qual era a intenção da polícia?

Aguardando determinação. Ele só age a partir do momento que existe uma determinação para agir. A princípio ele não vai com nenhuma intenção, ele só vai como apoio caso não haja mais negociação.

- Quem determina em que momento o BME deve agir?

É o comandante da operação. É claro que ele passa essa informação ao comandante geral para ele ratificar aquela decisão do comandante da operação.

- O governador pode falar: é hora de agir?

Eu não me manifesto quanto à decisão do governador. Eu acho que eu não posso extrapolar além da atuação da Polícia Militar. Então, daí eu prefiro não me manifestar.

- Como vocês interpretaram a ação do BME naquele dia? Houve excessos?

Não. Eu não considero como excessos em nenhum momento. A tropa é uma tropa treinada, a tropa já está madura quanto a esse tipo de situações. Eu acho que não houve excesso por parte da tropa nesse sentido. Infelizmente, como te falei, quando há a ação do BME é porque a negociação já acabou e a gente sabe que vai haver, por parte das pessoas que estão fazendo a manifestação, uma ação contra a tropa. Como eles estão preparados, quase sempre o que acontece é no máximo uma lesão em decorrência de uma bala de borracha, alguém que às vezes cai porque corre, mas ali não houve uma agressão propriamente dita por parte de qualquer integrante da tropa, seja a tropa comum, seja a tropa especializada que é o BME.

- Você acha que houve excesso por parte dos manifestantes?

Com certeza. A partir de um momento que queima-se um ônibus, que a pessoa pode morrer dentro de um ônibus, a partir do momento que se joga pedra, a partir do momento que você apreende uma pessoa com um estilingue com bola de gude, ali não existe uma intenção de reivindicação. Existe a intenção de uma agressão. Da nossa parte, quando a gente vai, não vai com o objetivo de agressão, vai com o objetivo de controle. Por parte deles, a partir do momento que se queima um ônibus, se quebra um veículo, teve veículos que foram depredados, teve pessoa que chutou um veículo, quebrou o vidro e tudo o mais, como eu te falei, uma atiradeira, um estilingue com bola de gude, então, você vê que o objetivo é maior do que reivindicatório. O objetivo é a agressão.

- Depois do protesto do Centro, os manifestantes se deslocaram para a frente da Ufes, fecharam a Fernando Ferrari e mais uma vez houve confronto com a polícia. Vocês atiraram bomba e tiros de bala de borracha dentro da universidade?

Houve, pelas imagens a gente vê claramente que houve tiro de bala de borracha, houve gás lacrimogênio. E mais uma vez: eles fecharam a pista. Eles já tinham uma orientação para não fechar a pista. Quando se deslocaram para a Ufes... Na verdade, quando houve aqueles tiros de bala de borracha era porque estava havendo uma agressão mais uma vez. Jogaram pedra. A questão da ofensa verbal é o de menos. O problema todo é a agressão física. Então, houve a necessidade de dissipar o pessoal. A partir do momento que você consegue separar as pessoas, a tendência é diminuir esse índice de agressividade. Então, já existe uma orientação para isso.

- Como você encara essa questão da ação da polícia dentro da universidade, sendo ela federal?

Nada impede. A legislação não impede isso daí não. Pode haver até uma manifestação do reitor contrária à ação da polícia militar, porém não existe nada que impede a ação da polícia militar dentro da reitoria. A legislação não diz que a gente é proibido de entrar na universidade.

- Muitas crianças saíram do Teatro Universitário no momento que o confronto entre manifestante e polícia aconteceu. Você acha que a polícia deveria ter tido mais cautela?

Não houve nenhum tipo de vítima, de nenhum menor que estivesse no Teatro Universitário. A princípio a ação da Polícia Militar foi correta.

- Houve policiais feridos nesse confronto?

Houve. Eu me lembro, inclusive, na época eu estava no setor de inteligência da Polícia Militar. Teve duas situações de pessoas cercarem policiais militares. Tem a filmagem disso também. Policiais foram cercados e só não foram agredidos porque o pessoal da tropa do BME chegou e conseguiu socorrer. O pessoal partiu realmente para a agressão física contra a policiais militares a paisana. Houve vários casos disso daí. Então, é o que eu te falei mais uma vez: muitas pessoas que integravam aquele movimento reivindicatório, entre aspas, algumas pessoas foram com o objetivo claro de agressão. Identificaram policiais. Teve um episódio ali na Assembleia Legislativa que as pessoas reconheceram agentes de inteligência e agrediram os agentes de inteligência da polícia militar.

- É comum ter sempre policiais a paisana nas manifestações? Um dos manifestantes relatou que um policial estava entre eles e no momento que ele foi identificado, sacou a arma.

É, isso que eu ia te falar. Houve inclusive por parte do pessoal da Inteligência a necessidade de puxar a pistola porque os camaradas pegaram até broquetes para tacar no policial. Houve a necessidade. Ele não usou a arma, mas se fez necessário puxar a arma porque o pessoal queria agredi-lo. E não era um ou dois não, eram vários.

- Um dos manifestantes, Haimon Verly, ficou gravemente ferido. Qual o posicionamento da polícia em relação a esse fato?

Infelizmente, quando há por parte dos manifestantes uma ação de agressão e não foi uma agressão apenas verbal, foi uma agressão física, infelizmente, há a probabilidade de pessoas se machucarem. Então, esse fato da pessoa ter sido... Eu não me lembro, mas você falou... Esse fato de uma pessoa ter sido lesionada em decorrência da manifestação, foi justamente uma consequência da ação agressiva por parte dos manifestantes.

- No dia 02 de junho, 27 manifestantes foram presos. Eles relataram que eles ficaram rodando pela cidade pelo menos uma hora no camburão da Polícia Militar até serem levados para a delegacia. Porque isso aconteceu?

Isso daí eu não sei te informar se realmente aconteceu isso. Porque eu não me lembro de nenhuma ação de corregedoria nesse sentido. Entendeu? Eu não posso confirmar pra você isso daí.

- Um dos manifestantes preso teve as fotos e os vídeos do seu celular apagados, por que isso aconteceu?

Também não sei. Isso é um fato que eu também não sei se foi feito porque na corregedoria em nenhum momento eu peguei esse tipo de informação.

- Mas é permitido que isso seja feito?

Se acontecer, se acontecer está errado. Se acontecer está errado. Aí, a pessoa tem que ir à corregedoria, porque um policial não pode fazer isso. Isso não é uma orientação que a Polícia Militar dá aos policiais militares de tomar esse tipo de medida.

- Você acha que em uma situação de grande estresse como essa o policial pode cometer desvios?

Ele é treinado para isso. Vamos lá. Ele é treinado para esse tipo de manifestação. Inclusive é treinado para que ele possa ser agredido. Então, ele não pode, a partir do momento em que acontece um fato, uma agressão a ele, ele não pode ter uma mesma reação igual a do manifestante. Ele não pode. Ele tem essa orientação. Então, a partir do momento que ele toma qualquer tipo de ação além daquela que ele já é orientado, se ele agredir alguém, sair

chutando, bicando, fazendo qualquer coisa, ele está errado. Então, ele tem que ser punido por causa disso.

- No dia 03 de junho mais de quatro mil pessoas foram para a rua protestas contra o aumento do preço da passagem e contra a ação da polícia. Nesse dia, a polícia não agiu. Existiu uma mudança de estratégia?

Mais uma vez, todo evento que acontece a gente tem que analisar. Chegam informações do setor de inteligência, qual o objetivo e tudo o mais. Naquele evento houve um deslocamento da Ufes até a Terceira Ponte, então, a partir do momento que não houve por parte dos manifestantes qualquer tipo de ação contrária à ação policial... Qual foi a nossa estratégia? Simplesmente desviar o trânsito. Entendeu? E aquilo foi resolvido. Então, se foi resolvido dessa maneira, não houve nenhum tipo de prejuízo à população, então, não havia necessidade de uma intervenção contra o movimento reivindicatório. Cada ação, cada tipo de evento existe uma estratégia por parte da Polícia Militar. E naquele caso não havia necessidade de dispersar a população. O movimento ali era pacífico, eles foram até a Terceira Ponte, o pedágio... Então, não havia necessidade de qualquer tipo de ação por parte da PM.

- Você acha que as redes sociais ajudam no trabalho da polícia? Como você enxerga a internet nesse processo?

Com certeza. A internet é uma fonte de informação pra gente. Então, a PM utiliza a internet para colher dados. Isso é uma fonte de informação. Existem várias fontes de informação. Existem policiais militares que fazem faculdade. Existem pessoas simpáticas à ação da Polícia Militar que dão informação. Entendeu? Então, são várias fontes. O próprio jornal dá informação para a polícia. Tudo isso daí é importante porque a gente vai colhendo dados e a partir daí tomar uma decisão em termos de policiamento.